

**NIDIA DE JESUS MORAES**

**O OLHAR DO IDOSO SOBRE O TRABALHO SOCIAL COM GRUPOS:  
UMA EXPERIÊNCIA NO SESC FLORIANÓPOLIS**

**FLORIANÓPOLIS**  
**2008/2**

**NIDIA DE JESUS MORAES**

**O OLHAR DO IDOSO SOBRE O TRABALHO SOCIAL COM GRUPOS:  
UMA EXPERIÊNCIA NO SESC FLORIANÓPOLIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Serviço Social da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Serviço Social.

Orientadora: Professora Msc. Iliane Kohler

**FLORIANÓPOLIS**  
**2008/2**

**NIDIA DE JESUS MORAES**

**O OLHAR DO IDOSO SOBRE O TRABALHO SOCIAL COM  
GRUPOS: UMA EXPERIÊNCIA NO SESC FLORIANÓPOLIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora do curso de Graduação em Serviço Social do Centro Sócio-Econômico da Universidade Federal de Santa Catarina em cumprimento ao requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Serviço Social.

APROVADA PELA COMISSÃO EXAMINADORA  
EM FLORIANÓPOLIS, 17 DE DEZEMBRO DE 2008.

---

Profa. Msc. Iliane Kohler (Orientadora)

---

Profa. Dra. Maria Teresa dos Santos - UFSC

---

Assistente Social Carmen Lucia da Rocha Martins

*Em memória de meus avôs, Noemy  
Moraes e Olindina Ribeiro Moraes, a  
melhor parte de minha infância.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por estar presente nos momentos difíceis de minha vida, iluminando meus caminhos e me dando forças quando achava que ia fraquejar.

Ao meu esposo Fernando, companheiro de uma vida e que sempre me apoiou em todas as minhas decisões. Te amo!

À minha filha Fernanda, que me fez amadurar cedo me proporcionando momentos inesquecíveis.

Aos meus pais, Alcides e Elsa, exemplos de vida. Gostaria que fossem felizes! Amo vocês.

Aos meus irmãos, Nirio e Laura e aos meus sobrinhos Israel e Amanda pelo companheirismo.

À Marina, grande amiga, sempre me ouvindo e me incentivando. Nossa amizade é eterna.

Aos meus familiares por me incentivaram e por terem acreditando em mim.

À Arlei minha amiga e supervisora de campo, sempre presente nos momentos que mais precisei. Um modelo profissional a ser seguido. Obrigada! Você é uma pessoa muito especial.

À minha orientadora Iliane, obrigada pela dedicação e paciência durante este percurso.

À Letícia e Lara pela amizade, companheirismo e troca de experiências. Nossa amizade vai durar para sempre.

À minhas companheiras de turma, em especial Pâmela, Cecília e Susan, vocês são incríveis. Grandes amigas! E igualmente a Cristiane por ter me incentivado a voltar a estudar.

Ao SESC e as pessoas que lá trabalham por me proporcionarem uma experiência tão gratificante.

Aos idosos dos Grupos de Convivência, o que aprendi com vocês guardarei comigo por toda a vida. Obrigada!

À Ayxa, esse ser maravilhoso que apareceu na minha vida e só me trouxe alegrias.

E a todos que de alguma forma fizeram parte deste percurso.

Obrigada!

*“Façamos da interrupção um caminho novo.  
Da queda um passo de dança, do medo uma escada, do  
sonho uma ponte, da procura um encontro”!*

*Fernando Sabino*

## RESUMO

MORAES, Nidia de Jesus. **O olhar do idoso sobre o trabalho social com grupos:** uma experiência no SESC Florianópolis. 96 f. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

O presente estudo exploratório busca avaliar através da perspectiva dos sujeitos que integram os Grupos de Convivência do SESC Florianópolis, a influência da nova metodologia de trabalho na qualidade de vida cidadã de seus usuários. Evidenciando o papel do Serviço Social frente à nova abordagem utilizada no Trabalho Social com Idosos em 2008 e apontando a avaliação como instrumento essencial para a prática profissional. Inicialmente procuramos conceituar a avaliação e sua importância para as políticas sociais. A seguir, discorremos sobre a prática da avaliação no cotidiano do SESC em âmbito nacional, estadual e local, dando ênfase ao Setor de Grupos do SESC Florianópolis. Em seguida, faz-se uma trajetória sócio-histórica do trabalho desenvolvido com idosos na Unidade Florianópolis. Na seqüência, analisamos os dados quali-quantitativos da presente pesquisa realizada com dois grupos de convivência da instituição, desvelando os benefícios adquiridos no cotidiano dos usuários através da nova abordagem utilizada junto aos idosos.

**Palavras-chave:** Avaliação. SESC. Serviço Social. Trabalho social com idosos. Políticas sociais. Idoso. Grupos de convivência. Qualidade de vida.

## LISTA DE GRÁFICOS

|                    |  |    |
|--------------------|--|----|
| <b>Gráfico 1:</b>  | Pontos positivos: categorias que mais se destacaram.....   | 38 |
| <b>Gráfico 2:</b>  | Pontos negativos: categorias que mais se destacaram.....   | 39 |
| <b>Gráfico 3:</b>  | Tem alguma atividade oferecida no grupo que você não gosta?: categorias que se destacaram.....   | 39 |
| <b>Gráfico 4:</b>  | Qual atividade faz você permanecer no grupo do SESC?: categorias que mais se destacaram.....   | 40 |
| <b>Gráfico 5:</b>  | Qual atividade você gostaria que fosse oferecida?: categorias que mais se destacaram.....  | 40 |
| <b>Gráfico 6:</b>  | Divisão de amostra por faixa etária.....   | 51 |
| <b>Gráfico 7:</b>  | Divisão de amostra por escolaridade.....   | 53 |
| <b>Gráfico 8:</b>  | Divisão por amostra por tempo de participação nas atividades do SESC.....  | 55 |
| <b>Gráfico 9:</b>  | Divisão por amostra de motivos que dizem respeito à entrada no grupo.....  | 57 |
| <b>Gráfico 10:</b> | Divisão por amostra de atividades que atendiam a expectativa do idoso até 2007.....  | 59 |
| <b>Gráfico 11:</b> | Divisão por amostra da expectativa sobre as alterações que ocorreriam nos trabalhos realizados com os grupos em 2008.....                  | 61 |
| <b>Gráfico 12:</b> | Divisões por amostra das alterações positivas realizadas nos grupos em 2008.....   | 62 |
| <b>Gráfico 13:</b> | Divisões por amostra das alterações negativas realizadas nos grupos em 2008.....   | 63 |
| <b>Gráfico 14:</b> | Divisão por amostra de benefícios proporcionados com as alterações realizadas no trabalho com os grupos: categorias em primeiro lugar..... | 65 |
| <b>Gráfico 15:</b> | Divisão por amostra de percepção de benefícios adquiridos através das novas atividades.....  | 70 |
| <b>Gráfico 16:</b> | Divisão por amostra de benefícios adquiridos através das novas atividades.   | 71 |
| <b>Gráfico 17:</b> | Divisão por amostra de atividades que os idosos mais gostaram: citadas por prioridade de primeiro lugar.....                               | 73 |



## LISTA DE TABELAS

|                   |  |    |
|-------------------|--|----|
| <b>Tabela 1:</b>  | Divisão de amostra por faixa etária.....   | 51 |
| <b>Tabela 2:</b>  | Divisão de amostra por grau de escolaridade.....   | 53 |
| <b>Tabela 3:</b>  | Divisão de amostra por tempo de participação nas atividades do SESC.....                                     | 55 |
| <b>Tabela 4:</b>  | Divisão de amostra por motivo da entrada no grupo.....   | 57 |
| <b>Tabela 5:</b>  | Divisão de amostra por atividades realizadas no grupo até 2007 que atendiam a expectativa do idoso.....      | 59 |
| <b>Tabela 6:</b>  | Divisão de amostra por credibilidade nas alterações que ocorreriam nas atividades do grupo.....              | 61 |
| <b>Tabela 7:</b>  | Divisão de amostra por alterações positivas realizadas nos grupos em 2008..                                  | 63 |
| <b>Tabela 8:</b>  | Divisão de amostra por alterações negativas realizadas nos grupos em 2008..                                  | 63 |
| <b>Tabela 9:</b>  | Divisão por amostra de benefícios proporcionados com as alterações realizadas no trabalho com os grupos..... | 65 |
| <b>Tabela 10:</b> | . Divisão por amostra de percepção de benefícios adquiridos através das novas atividades.....                | 70 |
| <b>Tabela 11:</b> | Divisão de amostra por benefícios adquiridos.....  | 71 |
| <b>Tabela 12:</b> | Divisão de amostra por atividade citadas em primeiro lugar.....  | 74 |

## **LISTA DE SIGLAS**

**CAF** - Centro de Atividades de Florianópolis

**GRUPATI** - Grupo de Estudos e Atualização da Terceira Idade

**IBGE** - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

**OMS** - Organização Mundial da Saúde

**PEI** - Política Estadual do Idoso

**PNI** - Política Nacional do Idoso

**ONU** - Organização das Nações Unidas

**SENAC** - Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial

**SESC** - Serviço Social do Comércio

**WHOQOL** - Instrumentos de Avaliação de Qualidade de Vida

## SUMÁRIO

|          |  |           |
|----------|--|-----------|
| <b>1</b> | <b>INTRODUÇÃO.....</b>   | <b>12</b> |
| <b>2</b> | <b>POR QUE E PARA QUE AVALIAR?.....</b>                                    | <b>14</b> |
| 2.1      | Avaliação de Políticas Sociais.....  | 14        |
| 2.2      | Avaliação no âmbito do SESC - Serviço Social do Comércio .....             | 22        |
| 2.3      | Avaliação no setor de grupos .....   | 29        |
| <b>3</b> | <b>TRABALHO SOCIAL COM IDOSOS NO SESC FLORIANÓPOLIS .....</b>              | <b>33</b> |
| 3.1      | Resgate histórico do trabalho social com idosos do SESC/Florianópolis..... | 33        |
| <b>4</b> | <b>O OLHAR DO IDOSO SOBRE O TRABALHO SOCIAL COM GRUPOS.....</b>            | <b>45</b> |
| 4.1      | Procedimentos metodológicos da pesquisa.....                               | 45        |
| 4.2      | Breve histórico dos grupos pesquisados.....                                | 49        |
| 4.3      | Apresentação e análise dos dados pesquisados.....                          | 50        |
| <b>5</b> | <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>   | <b>77</b> |
|          | <b>REFERÊNCIAS.....</b>  | <b>81</b> |
|          | <b>APÊNDICES.....</b>  | <b>90</b> |
|          | APÊNDICE A – Questionário.....   | 91        |
|          | APÊNDICE B – Termo de consentimento.....                                   | 95        |

## 1 INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso é fruto das experiências vivenciadas no trabalho com grupos, e principalmente, junto ao usuário idoso, durante o período de estágio curricular obrigatório do curso de Serviço Social, realizado no SESC - Serviço Social do Comércio, Unidade Florianópolis, junto ao Trabalho Social com Idosos. Esse trabalho tem por objetivo avaliar, a partir do olhar do idoso, a influência da nova abordagem utilizada no trabalho desenvolvido com os Grupos de Convivência do SESC Florianópolis na qualidade de vida cidadã de seus usuários.

O estágio foi iniciado no período de transição do processo de trabalho realizado com os grupos de convivência, e se materializou num grande desafio para o Serviço Social da instituição.

Destaca-se que, a nova abordagem utilizada com os grupos foi pensada a partir de avaliações realizadas nos anos anteriores e através de fatores observados pela Assistente Social responsável pelo trabalho, como evasão, insatisfação, solicitação de maior intensidade nas atividades e encontros semanais.

Busca-se ainda, evidenciar a importância da avaliação como processo indispensável ao fazer profissional, estimulando a reflexão crítica na busca pela construção de novas possibilidades de intervenção junto ao usuário idoso, que lhes permita o alcance dos direitos sociais.

A expectativa de vida vem crescendo continuamente devido a fatores como, a melhoria da qualidade de vida, avanços da saúde pública mundial, da ciência e outros. O que determina um aumento do número de pessoas idosas no mundo, tornando-se o segmento que mais cresce, estimando-se que num futuro próximo o número de idosos prevalecerá sobre o número de jovens.

Este momento pode ser considerado ímpar na história da humanidade, pois nunca em outras épocas o ser humano teve a possibilidade de viver uma vida tão longa e ao alcance de uma grande parcela da população. Todavia, na sociedade contemporânea, a grande conquista da longevidade por vezes é marcada por padrões e estigmas impostos socialmente aos idosos, excluindo e impossibilitando que tenham uma vida socialmente ativa. Fator que determina ao poder público e a sociedade civil a efetivação de políticas públicas adequadas e recursos humanos qualificados para o atendimento a este público.

Reconhecendo a questão da velhice como coletiva, ainda nos anos 60, o SESC inicia o

Trabalho Social com Idoso, e passa a ser pioneiro no trabalho voltado para este segmento, revolucionando o conceito de assistência social no país. Experiência essa que permitiu a instituição ter uma longa tradição na formação de recursos humanos especializados, dirigidos ao atendimento deste público.

Trabalho que se estendeu por todo país, e veio se modernizando ao longo dos anos na medida em que os interesses da população usuária foram sendo manifestados a instituição, indicando a importância de escutar os usuários para melhor entender e satisfazer seus interesses. Prática muito realizada na instituição, que procura avaliar constantemente os serviços oferecidos a partir do olhar de seus usuários, procurando detectar problemas e soluções que possibilitem planejar futuras ações, buscando um contínuo aprimoramento do trabalho realizado.

Para tanto, este trabalho está estruturado em três seções. Sendo que na primeira seção, procuraremos conceituar a avaliação e as formas metodológicas para sua realização, enfatizando sua importância para o aperfeiçoamento de políticas e programas sociais. Pontuaremos ainda, a prática e as metodologias de avaliação utilizadas no cotidiano do SESC evidenciando sua efetivação no Setor de Grupos da Unidade SESC Florianópolis onde situa-se o Trabalho Social com Idosos.

Na segunda seção, realizaremos uma trajetória sócio-histórica do Trabalho Social com Idosos do SESC Florianópolis, evidenciando a atuação do assistente social na efetivação da política institucional de assistência ao idoso. Indicando as alterações realizadas no trabalho ao longo dos anos, tendo como suporte a prática da avaliação no diagnóstico de problemas e soluções.

Em nossa terceira seção, será apresentada a análise dos dados coletados através de uma pesquisa exploratória, realizada com 28 idosos participantes de dois grupos de convivência da instituição, acompanhados durante a prática de estágio, onde utilizamos um questionário com perguntas fechadas e uma pergunta aberta, objetivando avaliar, a partir do olhar do idoso, a influência da nova metodologia de trabalho desenvolvida com os grupos de convivência, em sua qualidade de vida cidadã.

Por fim, em nossas considerações finais resgataremos os aspectos relevantes do estudo, enfatizando a importância dos grupos de convivência como espaço público profícuo para a efetivação de direitos sociais.

## 2 POR QUE E PARA QUE AVALIAR?

### 2.1 Avaliação de Políticas Sociais

Avaliar significa apreciar, dar um valor a algo, seja ele um objeto, uma situação ou atividade humana, podendo a avaliação se caracterizar como formal ou informal, dependendo da metodologia utilizada para sua realização.

Desta forma, compreendemos a avaliação informal como uma atividade incorporada naturalmente a vida do homem, com possibilidade de influenciar tomadas de decisões ou ações que incidirão objetivamente ou subjetivamente no cotidiano dos indivíduos, não obstante ela realiza-se de forma desordenada sem preocupar-se com procedimentos metodológicos. No entanto, quando falamos em avaliação formal objetivamos ações que alcancem a coletividade, conseqüentemente avaliar deve ter um sentido mais amplo, merecendo maior reflexão e planejamento acerca de seus processos e resultados, exigindo a utilização de métodos mais sofisticados para sua realização. No que se refere a formas de avaliação formal e informal Belloni, Magalhães, Souza (2001, p.14) ressaltam que:

Avaliar é uma ação corriqueira e espontânea realizada por qualquer indivíduo acerca de qualquer atividade humana; é, assim, um instrumento fundamental para conhecer, compreender, aperfeiçoar e orientar as ações de indivíduos ou grupos. É uma forma de olhar o passado e o presente sempre com vistas ao futuro. [...] a este processo natural, instintivo, assistemático pode-se denominar de avaliação informal. [...], no entanto, inadequado e insuficiente quando se trata de instituições ou ações (programas e políticas) de grande vulto ou impacto social. Nesses casos, faz-se necessário um processo avaliativo com características distintas e com possibilidades de compreender todas as dimensões e implicações da atividade, fatos ou coisas avaliadas. Este processo pode ser denominado de avaliação formal ou sistemática.

Destaca-se, nesta ocasião, a avaliação formal destinada a políticas sociais<sup>1</sup>, programas<sup>2</sup> e projetos sociais<sup>3</sup> e sua relevância social, visto que tais ações propõem-se a intervir e modificar realidades sociais distintas. Deste modo, a avaliação se faz um instrumento singularmente dotado de capacidade para desvelar os resultados e metas alcançadas e sua relação com determinadas políticas e programas sociais avaliados.

---

<sup>1</sup> As políticas sociais (educação, saúde, assistência, habitação, emprego, previdência, assistência social, e outras) se operacionalizam através de diversos programas, projetos e atividades que podem ser de índole setorial e/ou intersetorial e ter uma abrangência nacional, regional, estadual, municipal e local (Buvnich, 1999, p. 8).

<sup>2</sup> O programa é constituído por um conjunto de projetos e atividades que compartilham estratégias e recursos para alcançar objetivos comuns. Na prática essas diferenças não são tão claras e erroneamente muitos projetos são considerados programas e vice-versa (Buvnich, 1999, p. 8).

<sup>3</sup> Entende-se como projeto o conjunto de atividades programadas para alcançar um ou mais objetivos, dentro de um prazo e orçamento determinados (Buvnich, 1999, p. 8).

Considerando a importância da avaliação no âmbito da saúde, em 1981, a Organização Mundial da Saúde - OMS referia-se a ação como:

um meio sistemático de aprender empiricamente e de utilizar as lições aprendidas para o melhoramento em curso e para o fomento de um planejamento mais satisfatório mediante uma seleção rigorosa entre as diferentes possibilidades de ação futura. Deve ser, pois um processo permanente que busca aumentar a pertinência, a eficiência e a eficácia das atividades da saúde (OMS apud AGUILAR & ANDER-EGG, 1994 p. 32).

Já a Organização Mundial das Nações Unidas – ONU, no ano de 1984 caracterizou a avaliação como:

processo que se destina a determinar sistematicamente e objetivamente a pertinência, eficiência, eficácia e impacto de todas as atividades à luz de seus objetivos. Trata-se de um processo organizacional para melhorar as atividades que estão em andamento e auxiliar a administração no planejamento, programação e decisões futuras (ONU apud AGUILAR & ANDER-EGG, 1994, p. 32).

No campo social “a avaliação analisa a relação programa/necessidade social, medindo o grau e, se possível, a profundidade, em que seus fins são alcançados e, portanto, as necessidades satisfeitas e os problemas solucionados” (WEISS *apud* AGUILAR & ANDER-EGG, 1994, p. 31). O que a determina como uma modalidade de ação inserida no campo de estudo da pesquisa social, na medida em que busca através de suas ações a aquisição de conhecimento em benefício da coletividade. Para Aguilar & Ander-Egg (1994, p.32):

A avaliação é uma forma de pesquisa social aplicada, sistemática, planejada e dirigida; destinada a identificar, obter e proporcionar de maneira válida e confiável dados e informação suficiente e relevante para apoiar um juízo sobre o mérito e o valor dos diferentes componentes de um programa (tanto na fase de diagnóstico, programação ou execução), ou de um conjunto de atividades específicas que se realizam, foram realizadas ou se realizarão, com o propósito de produzir efeitos e resultados concretos; comprovando a extensão e o grau em que se deram essas conquistas, de forma tal que sirva de base ou guia para uma tomada de decisão racional e inteligente entre cursos de ação, ou para solucionar problemas e promover o conhecimento e a compreensão dos fatores associados ao êxito ou ao fracasso de seus resultados.

Ressalta-se, na atual conjuntura<sup>4</sup> do país, a importância da avaliação em políticas e

---

<sup>4</sup> O sistema do capital mundial e seu modelo de desenvolvimento estão mais poderosos do que nunca. Traços principais: produtivismo e consumismo, produção em função do máximo lucro levando a crises da sobreprodução e colapso econômico; alto endividamento público, que resulta no papel do Estado reduzido pelo capitalismo neoliberal e subsidiário dos interesses privados das grandes corporações; financeirização, movimento crescente de investimentos financeiros que produzem retornos independentes da produção de bens e serviços; totalitarismo de mercado; patriarcalismo significa hierarquia e autoritarismo; corporatocracia, domínio das grandes corporações não apenas sobre a economia e as finanças, mas também sobre a política; lucro acima da vida; desenvolvimento reduzido a crescimento econômico; crise social, riqueza acumulada; crise econômico-financeira; crise da militarização, aumento dos conflitos e dos gastos bélicos; crise ecológica (ARRUDA, 2008).

programas públicos, considerando-se a utilização de recursos públicos e a escassez dos mesmos. Para Arretche (1999), a escassez de recursos públicos, a apropriação destes recursos, sua captação e as multiplicidades de demandas sociais, são argumentos que conduziram nos últimos anos mecanismos avaliativos cada vez mais sofisticados na averiguação da eficiência das políticas e programas sociais.

Ainda para a mesma autora, a avaliação na gestão dos recursos públicos pode traduzir-se em um processo de racionalização e controle dos recursos públicos, aumentando o nível de democratização dessas gestões, e agregando a participação da população. Neste sentido, o controle social ganha papel fundamental, na medida em que influencia na transparência e em um maior comprometimento do poder público com a população. Segundo Correia (2005, p.49), controle social refere-se à “atuação de setores organizados na sociedade civil na gestão das políticas públicas no sentido de controlá-las para que estas atendam, cada vez mais, às necessidades e demandas sociais e interesses da coletividade”.

Dentre os itens que compõem as etapas de uma determinada política ou programa social, a avaliação talvez seja a mais importante, considerando que é a partir de sua execução que se constatará o sucesso ou fracasso de uma dada política ou programa social. Contudo, a utilização de determinados métodos e critérios no processo de avaliação pode ser determinante para a veracidade dos resultados alcançados. Como critério de avaliação Arretche (1999), denomina três tipos que são: avaliação de eficácia, efetividade e eficiência. Segundo Tavares (2006), outros autores preferem utilizar o critério de impacto ao invés da efetividade; entretanto, entende-se que ambos têm a pretensão de avaliar a dimensão dos resultados sociais de uma política pública.

Ainda para Arretche (1999), toda tendência de avaliação tem uma especificidade, que dependendo da escolha pode influenciar em um melhor resultado na avaliação. Iniciaremos falando sobre a avaliação de eficácia que é a mais utilizada devido ao baixo custo para sua realização. Este tipo de avaliação preocupa-se em considerar metas estipuladas e metas obtidas, sendo também muito utilizada para avaliar instrumentos previstos para o programa e sua utilização. Figueiredo & Figueiredo (1986 apud ARRETCHE, 1999, p.34) define esta avaliação como “Por avaliação de eficácia entende-se a avaliação da relação entre os objetivos e instrumentos explicitados de um dado programa e seus resultados efetivos”. Entretanto, seu resultado não é considerado completamente seguro devido a dificuldade na obtenção de dados confiáveis. Neste sentido para Tavares (2006, p.12),

---



A principal crítica à avaliação de eficácia está no apontamento metodológico e nas equações utilizadas pelos pesquisadores para avaliar a causalidade (comparativa) entre as metas propostas e as metas alcançadas; pois, em muitas avaliações existem exames fictícios e de confiabilidade questionável, seja pelo não acesso aos dados, carências de planos de trabalho e projetos que apontem os objetivos de uma determinada política a ser implementada e, conseqüentemente, as metas alcançadas, seja na processualidade das ações de implementação, execução e, sobretudo, na carência de diagnósticos *ex-ante* realizados ao começar a implementação, antecipando fatores considerados no processo decisório (número de beneficiados, situação econômica, perfil da população, etc).

Logo, a avaliação de efetividade busca examinar a relação existente entre determinado programa e o impacto causado em determinada realidade a que ele se propunha modificar. Esta tendência é raramente utilizada devido a dificuldade em superar fatores externos ao programa dos resultados obtidos e igualmente devido ao alto investimento necessário para sua realização. Entretanto, Arretche (1999, p.32) acentua que:

Nas avaliações de efetividade, a maior dificuldade metodológica não consiste em distinguir produtos de resultados. De fato, a principal dificuldade metodológica consiste precisamente em demonstrar que os resultados encontrados (sejam eles no sentido do sucesso ou do processo) estão causalmente relacionados aos produtos oferecidos por uma dada política sob análise. Por esta razão, estudos confiáveis sobre efetividade dos programas são muito difíceis, e mesmo raros.

A avaliação de eficiência procura determinar a relação existente entre os esforços empregados em determinado programa para alcançar os objetivos esperados e os resultados alcançados. Esta tendência é considerada a mais necessária para a avaliação de políticas e programas sociais no Brasil, fundamentado pela necessidade de racionalização dos gastos públicos e conseqüentemente pelo potencial de verificação do bom uso dos recursos alocados publicamente.

Ainda, para Arretche (1999), sobre a avaliação de eficiência, ela se torna a mais necessária no contexto brasileiro pela escassez de recursos públicos, que exige maior racionalização; pela enorme proporção de “universos” populacionais a serem cobertos pelos programas sociais e principalmente porque a eficiência é um objetivo democrático e uma das condições indispensáveis para legitimar a confiança pública no Estado e nas instituições democráticas. Ressalta-se, contudo, uma distinção entre critérios e conceitos de eficiência quanto este se refere ao setor público e privado. Já que no primeiro os gastos são justificados quando o objetivo é o benefício da população, enquanto no setor privado, por vezes, o significado de eficiência traduz-se na diminuição dos custos (OLIVEIRA, 1998 p.58).

Não obstante, a avaliação pode estar presente em distintas etapas de um programa, compreendendo desde o momento de sua implementação, execução ou finalização. Entretanto, quando ela é integralmente incorporada a todas as fases de um programa, seus

resultados conseqüentemente apresentarão maior efetividade. Para Buvnich (1999, p.21) a avaliação pode ser classificada através dos períodos de sua realização em:

Durante a implementação, denomina-se "**avaliação durante ou em processo (on-going)**", permitindo que os ajustes se efetuem durante a implementação. Quando a avaliação é feita após a implantação do programa ou projeto, denomina-se "**avaliação terminal**", e tem como principal propósito fornecer informações a administradores, planejadores e tomadores de decisão para a estruturação de futuras políticas, programas e projetos. Se a avaliação é realizada num ponto do tempo, dois ou três anos após a implantação do projeto, fala-se em "**avaliação de médio termo**". Quando a avaliação é feita depois de vários anos de terminada a intervenção, denomina-se "**avaliação ex-post**".

Porém, existem outros critérios que podem ser utilizados para classificar modelos de avaliação, sendo o agente realizador da avaliação, um deles. Segundo Cohen e Franco (2004 *apud* Cunha, 2006, p. 9), o agente realizador pode caracterizar quatro tipos de avaliação, sendo estas, avaliação externa; avaliação interna; avaliação mista e avaliação participativa. Para Cohen e Franco (2004 *apud* Cunha, 2006, p. 10), compreende-se por avaliação externa, toda avaliação:

realizada por pessoas de fora da instituição responsável pelo programa, em geral com experiência neste tipo de atividade. Entre as vantagens desta avaliação podem ser citadas a isenção e objetividade dos avaliadores externos, que não estão diretamente implicados com o processo, além da possibilidade de comparação dos resultados obtidos com os de outros programas similares já analisados. Por outro lado, o acesso aos dados necessários torna-se mais difícil e os que vão ter seu trabalho avaliado podem se colocar em posição defensiva, fornecendo informações parciais e minimizando o efeito de melhoria dos programas. Alega-se, também, que o conhecimento da metodologia de avaliação pode não substituir o conhecimento sobre as especificidades do programa, e que não existe uma única metodologia aplicável a todos os casos.

Para Cohen e Franco (1993 *apud* Silva, 2001, p. 56), entende-se por interna a avaliação:

realizada no interior da instituição gestora do programa, apresentando a vantagem de menor possibilidade de resistência e maior conhecimento da realidade objeto de avaliação por parte dos avaliadores, mas podendo apresentar o inconveniente de menor objetividade face ao envolvimento e à identificação entre avaliador e avaliado, além do que permanece o choque de interesses entre os diferentes sujeitos. Para minimizar tais vieses, a avaliação interna pode ser realizada por pessoas que não estão diretamente vinculadas à formulação ou execução do programa.

Ainda para Silva (2001, p. 56), a avaliação mista "procura combinar a avaliação externa com a interna com a intenção de superar as dificuldades e limites destas, preservando as vantagens de ambas".

E por participativa compreende-se toda avaliação:

direcionada a minimizar a distância entre avaliadores e beneficiários. Por ser um tipo de avaliação que requer a participação da comunidade em todo o processo da

avaliação (planejamento, programação, execução, operação e avaliação), é utilizada, particularmente em pequenos projetos (SILVA, 2001, p. 56).

A escolha do método de avaliação a ser utilizado em uma determinada política ou programa não deve ser uma escolha aleatória, deve considerar os objetivos que se busca alcançar, o público alvo, e o objetivo da própria avaliação do programa, ou seja, quais respostas esta busca obter. De acordo com Figueiredo e Figueiredo (1986 *apud* Oliveira, 1998, p. 61), deve-se adotar “critérios de eficácia e eficiência para avaliação de políticas com propósitos de produção de bens ou serviços públicos (avaliação de processos) e critérios de efetividade para avaliação de políticas com propósito de mudanças e avaliação de impactos”.

No entanto, constata-se que em um processo de avaliação, para medir o grau de desempenho de uma determinada política ou programa social é imprescindível a utilização e/ou construção de indicadores que demonstrem quantitativa e qualitativamente o progresso ou alcance dos objetivos e metas<sup>5</sup> estabelecidas num programa. E, mais especificamente no caso de programas que objetivam mudanças e ou avaliação de impactos, se faz necessário indicadores que permitam assinalar em que medida uma mudança ou resultado está ligado a determinado programa, podendo assim direcionar os resultados para procedimentos que busquem seu aperfeiçoamento, quando necessário. Buvnich, (1999, p. 31) conceitua indicadores de desempenho como sendo:

Uma medida que é utilizada para mostrar as mudanças numa condição ou situação específica num determinado período de tempo. Os indicadores nos permitem verificar o grau de alcance ou progresso de um programa. Por esta razão eles são instrumentos essenciais para o monitoramento e avaliação.

- Os indicadores podem ser medidas quantitativas (p.e. distância à escola mais próxima) e qualitativas (p.e. centro de saúde funcionando bem).
- Os indicadores devem especificar: o grupo-alvo (para quem), quantidade (quanto), qualidade (se está bem), tempo (dentro de que período) e área geográfica (onde).

Para o mesmo autor, podem-se classificar indicadores de desempenho em quatro categorias estabelecidas conforme suas características e objetivos:

**(a) Indicadores de insumos ou de recursos:**

Mensuram a quantidade e qualidade dos recursos fornecidos para um programa ou projeto (ex: financiamento, recursos humanos, treinamento, equipamentos, materiais, capacidade organizacional).

**(b) Indicadores de processo ou de atividades:**

Mensuram as atividades implementadas no dia-a-dia do projeto/programa para a implementação dos recursos e outros processos na tomada de decisão.

---

<sup>5</sup> Meta: é a quantificação e qualificação do objetivo que se quer alcançar. Sua formulação deve incluir tempo, quantidade, área geográfica e, se possível e necessário, qualidade e grupo-alvo. Exemplo: a meta de um projeto de educação é reduzir, 2 % em dois anos, a repetência escolar em cada uma das escolas municipais onde é realizada a intervenção (Buvnich, 1999, p.62).

**(c) Indicadores de produtos ou resultados:**

Mensuram a quantidade e qualidade dos bens e serviços criados ou fornecidos através do uso dos insumos. Ou seja, permitem verificar os resultados imediatos, tais como: crianças vacinadas, grupos constituídos e funcionando, clínicas e escolas construídas, etc.

**(d) Indicadores de efeito e impacto:**

Mensuram a qualidade e quantidade dos resultados alcançados através do fornecimento e uso dos bens e serviços, tais como: mudanças na qualidade de vida, redução da incidência de doenças, incremento de renda, redução da mortalidade infantil, etc.

É essencial salientar que é através da coleta de informações e dados estatísticos no âmbito social, econômico e demográfico, que se tem a base para construção de indicadores com competência para demonstrar os avanços ou problemas presentes nas políticas ou programas avaliados. Deve-se igualmente dar ênfase a elaboração de planos estratégicos que, ao considerar circunstâncias, cenários e atores envolvidos poderá prover indicadores relevantes ao processo de monitoramento<sup>6</sup>, e assim qualificar a avaliação (OLIVEIRA, 1998, p. 64). Denota-se assim a importância dos indicadores de desempenho como fator esclarecedor e/ou identificador de situações problemas, assim como também para subsidiar o processo de planejamento de uma avaliação.

Quanto a coletas de dados que serão utilizados no processo de avaliação, podem ser adquiridas através do monitoramento que se constitui num importante gerador de informações; através de dados secundários como censos e pesquisas, estatísticos de âmbito público, mas também por intermédio de coletas de informações obtidas através de métodos denominados como formais (pesquisa formal e observação participante) ou não formais como (entrevistas com informantes chaves, entrevistas de grupo, entrevistas com grupo focal, observação direta, pesquisa informais), porém deve-se considerar os prós e contras de cada método, assim como as situações em que é mais conveniente sua utilização (BUVINICH, 1999, p. 32). Contudo, Oliveira (1998, p. 65), afirma que os dados coletados somente ganham valor:

quando analisados em sua evolução e tendências, bem como quando comparados a índices-referências (por exemplo, melhores ou piores em relação a outros municípios, estado ou país, ou estabelecidos por Organismo internacionais como Organização Mundial da Saúde - OMS).

Após a coleta de dados deve ocorrer seu processamento, momento onde as

---

<sup>6</sup> Monitoramento envolve a coleta de informação sobre insumos, produtos, atividades e circunstâncias que são críticas e relevantes para a efetiva implementação do programa ou projeto. Através dessa informação, o monitoramento analisa e verifica, num processo contínuo, se os recursos e as atividades se estão implementando segundo o programado e se as metas sobre os resultados estão sendo alcançadas ou não, indicando, ao mesmo tempo, as razões de sucesso e insucesso. Em outras palavras, o monitoramento fornece a informação e as sugestões necessárias para que a gerência do programa verifique o progresso da implementação, a fim de tomar as decisões cabíveis, no sentido de que as metas programadas sejam alcançadas e/ou ajustadas (Buvnich, 1999,

informações recolhidas serão sistematizadas e classificadas de acordo com os objetivos da avaliação, é a partir deste momento que se analisa e se elabora o relatório com resultados, conclusões e recomendações que visem o aperfeiçoamento do programa (SILVA, 2001).

Ainda de acordo com Silva, tais resultados devem ser publicizados para que tenham maior chance de serem utilizados, já que em alguns casos estes são desconsiderados ou descartados, devido a fatores como incompetência técnica da equipe de avaliação, por se apresentarem de maneira incompreensível, discordância entre responsáveis pelo programa e responsáveis pela avaliação, quando os resultados vão de encontro a interesses que os responsáveis não querem ou não podem modificar e outros. Por estes motivos Silva (2001, p.70), relata que:

Antes de sua divulgação, o relatório deve ser compartilhado com a equipe técnica envolvida direta ou indiretamente na avaliação. No caso das avaliações participativas, que adotam uma metodologia de envolvimento de todos os sujeitos do programa social objeto de avaliação com destaque à participação dos usuários do programa em todo o processo da avaliação, o relatório deve ser compartilhado com todos. Dependendo do encaminhamento a ser dado para publicização dos resultados da avaliação, além do relatório técnico, que deve ser acessível à compreensão do público interessado, torna-se, às vezes, necessária a elaboração de versões mais simplificadas ou populares, para permitir alcançar os usuários do programa e outros grupos interessados.

Percebe-se, após esta explanação, a avaliação como um elemento constitutivo das políticas e programas sociais, fundamentado pela ação primordial que esta pode proporcionar no campo social. Podendo influenciar tomadas de decisões, ações democráticas e administrações responsáveis e competentes. Doravante, deve ser um instrumento utilizado periodicamente no cotidiano das instituições, objetivando imprimir qualidade nos serviços prestados, além de produção de conhecimento que pode influenciar práticas profissionais mais adequadas e comprometidas. Mas, essencialmente como um meio para atingir o objetivo que ela se propõe no campo das políticas e programas sociais, o de atribuir credibilidade ou não a determinadas ações na busca pelo seu contínuo aperfeiçoamento.

## **2.2 Avaliação no âmbito do SESC - Serviço Social do Comércio**

As instituições sociais não nascem por acaso, sua criação é impulsionada por demandas existentes na sociedade, que a legitimam em torno de objetivos que venham a responder às necessidades sociais de forma permanente e adequada (FALEIROS, 1993, p. 60). Nesta perspectiva, o SESC – Serviço Social do Comércio tem sua origem institucional ligada

a demandas emergentes da classe comerciária, entendidas como “necessidades sociais urgentes<sup>7</sup>”, fator determinante para sua criação em 13 de setembro de 1946 através do Decreto Lei nº 9.853, sob o comando de João Daudt d’Oliveira. Se caracterizando como uma instituição de direito privado sem fins lucrativos, resultado da ação de empresários e organizações sindicais.

Tendo como valores primordiais<sup>8</sup> para a sua criação "o estímulo ao exercício da cidadania, o amor à liberdade e à democracia como principais caminhos na busca do bem-estar individual e coletivo". Percebendo que sua “missão primeira não é a de buscar soluções estruturais, definitivas e universais, como é a do Estado, mas sim a de atuar no espaço da ausência dessas soluções” (SESC, 2004).

Em seu Decreto-Leiº 9.853 estabelece seu ação no campo da saúde, cultura, educação, lazer e assistência, configurando-se como uma instituição prestadora de serviços, de caráter sócio-educativo.

Art. 1º - Fica atribuído à Confederação Nacional do Comércio o encargo de criar o Serviço Social do Comércio (SESC), com a finalidade de planejar e executar, direta ou indiretamente, medidas que contribuam para o bem-estar social e a melhoria do padrão de vida dos comerciários e suas famílias, e, bem assim, para o aperfeiçoamento moral e cívico da coletividade.

§1º - Na execução dessas finalidades, o Serviço Social do Comércio terá em vistas, especialmente, a assistência em relação aos problemas domésticos (nutrição, habitação, vestuário, saúde, educação e transporte); providências no sentido da defesa do salário real dos comerciários; incentivo à atividade produtora; realizações educativas e culturais, visando à valorização do homem, pesquisas sociais e econômicas.

Todavia, no decorrer destes 62 anos da instituição, suas demandas foram se modificando, impulsionadas por mudanças ocorridas na sociedade, o que faz com que o SESC perceba, na atualidade, parcelas significativas de sua clientela com possibilidade de atender suas necessidades básicas, traduzindo-se na elevação do padrão das carências a serem satisfeitas, caracterizadas segundo a instituição em suas diretrizes gerais de ação como:

---

<sup>7</sup> Expressão utilizada pela instituição. Diretrizes gerais de ação do SESC, 2004, Departamento Nacional, Rio de Janeiro.

<sup>8</sup> Carta da Paz Social, cujos princípios iriam inspirar a criação do SESC, SESI E SENAC, em 1946. Reunidos em Teresópolis, em maio de 1945, ainda durante o período de Vargas, os empresários brasileiros da indústria, do comércio e da agricultura buscavam caminhos para o país. A conferência das classes produtoras lança a Carta da Paz Social, objetivando conciliar o crescimento econômico com a justiça social, com vista a garantir uma sociedade democrática e harmônica entre capital e trabalho.

Demandas crescentes por mais tempo livre, por espaços e atividades de lazer e cultura tendem a predominar nesses grupos, gerando inclusive a aspiração por essas conquistas nas camadas da população de baixo nível de renda e escolaridade. Esse fato exige a reformulação de antigos parâmetros que relacionavam a reivindicação por atividades culturais e de lazer a níveis sociais e econômicos mais elevados (SESC, 2004).

Em suas ações o SESC busca primar por qualidade; ações educativas (informação, capacitação, desenvolvimento de valores), acessibilidade (preços acessíveis, desburocratização do atendimento, localização das unidades operacionais); responsabilidade ambiental e eficácia, esta última entendida pela instituição como:

Enquanto entidade privada, o SESC tem na eficácia uma de suas marcas. Significa dizer que é necessário, permanentemente, buscar e identificar as formas de atendimento ou atividades que possam produzir ganhos e transformações mais expressivos no nível de vida da clientela. Nesse sentido, ganha importância a definição e caracterização dos públicos-alvo, o que permite não só conhecê-los melhor, como também, através dos serviços oferecidos, promover aumentos ponderáveis e permanentes do nível de vida e, ainda, combinar e articular melhor serviços variados de modo a multiplicar seus efeitos. [...] Fator importante para a expansão do atendimento, sobretudo na direção da clientela preferencial, são as medidas racionalizadoras que levam em conta o trinômio: custos, preços e subsídios, mediante pesquisas e estudos sobre suas características e necessidades, base indispensável para o trabalho eficaz (SESC, 2004).

O que demonstra uma cultura de avaliação presente no cotidiano institucional, demonstrada pela constante utilização de metodologias avaliativas na busca pela ampliação do número de atendimentos, porém primando pela qualidade dos serviços prestados<sup>9</sup>.

Igualmente, em seu Regimento Interno aprovado pela Resolução nº 1067/2004, o Departamento Nacional prevê a prática da avaliação, que deve ser realizada pela Divisão de Planejamento e Desenvolvimento – DPD, determinando em seu Art. 13º, a coordenação do planejamento, acompanhamento e avaliação do trabalho realizado pelo Departamento Nacional e igualmente a coordenação de exames dos programas de trabalho dos Departamentos Regionais, acompanhamento de sua execução e a avaliação dos resultados.

Ressalta-se que, todo procedimento de acompanhamento e avaliação previsto por parte do Departamento Nacional tem em vista fornecer subsídios ao planejamento de ações e assistência técnica, que são debatidos em reuniões de âmbito nacional tendo como base os dados levantados nos Departamentos Regionais. (Regimento Interno do Departamento Nacional aprovado pela resolução SESC nº 1067/2004).

---

<sup>9</sup> Entende-se por qualidade dos serviços prestado a realização de serviços bem feitos, bem concebidos, bem projetados, bem elaborados, bem organizados, bem administrados, que atendam às especificações, satisfazendo, assim, produtores, prestadores de serviços e clientes. Qualidade, então, é a totalidade de

Entretanto, também prevê na Resolução CNC Nº 24/68, em seu Art. 20, parágrafo único que:

Os órgãos regionais, embora sujeitos às diretrizes e normas gerais prescritas pelos órgãos nacionais, bem como à correição e fiscalização inerentes a estes, são autônomos no que se refere a administração de seus serviços, gestão dos seus recursos, regime de trabalho e relações empregatícias.

Na atualidade o SESC está presente em todas as capitais do país, buscando também abarcar suas atuações a cidades de pequeno e médio porte com serviços nas áreas de educação, saúde, cultura, lazer e assistência. São 220 centros de atividades, 480 centros esportivos, 1,3 mil salas de aula, 228 bibliotecas que totalizam 1 milhão de livros, 238 auditórios e teatros, e 43 colônias de férias, além de unidades móveis com atendimento odontológico e biblioteca. Com estrutura descentralizada e autônoma, planeja e executa projetos e atividades buscando atender as peculiaridades regionais, orientado pelas diretrizes do Departamento Nacional.

Em Santa Catarina o SESC iniciou sua história em 29 de setembro de 1948, na cidade de Florianópolis, sob a presidência de Charles Edgar Moritz, com atividades voltadas para ações na área médica, odontológica, de proteção à maternidade, assistência à infância e ao combate à tuberculose. No entanto, para atender o grande número de demandas, pouco tempo depois começa a se expandir por todo o Estado, totalizando nos dias atuais 28 unidades operacionais. Sua atividade é caracterizada como serviço social autônomo, possuindo certificado de entidade beneficente de assistência social, emitido pelo Ministério da Previdência e Assistência Social, Resolução 142/97, e registro nos Conselhos Estadual da Saúde do Idoso, CONSEA – Conselho Estadual de Segurança Alimentar, Conselho Gestor do Programa do Fundo Milênio para a Primeira Infância e outros.

Dentre as crenças e valores que norteiam as ações do SESC no Estado estão, a ética, respeito e valorização do ser, estímulo a criatividade, ações inovadoras, comprometimento com o cliente, consciência à preservação do meio ambiente, integração com a comunidade, sensibilização e flexibilidade e essencialmente a transparência em suas ações. O que se materializa na prática da instituição em publicar relatório de gestão anual com origens e aplicação de recursos financeiros, indicadores sociais internos, disponibilizando via internet dados referentes a editais e licitações, e realizando pesquisas avaliativas sobre suas diversas áreas de atuação em todo estado.

---

características de alguém, ou de algo, que lhe confere a capacidade de atender necessidades explícitas ou



Não obstante, para subsidiar um melhor planejamento, realiza-se mensalmente no Departamento Regional situado em Florianópolis, uma reunião que conta com a participação dos conselheiros regionais do SESC e SENAC<sup>10</sup> (instituição parceira em inúmeras ações), onde são celebrados convênios com demais instituições e efetua-se a avaliação e andamento dos já existentes.

O planejamento das ações fundamenta-se na tentativa de prever os acontecimentos e dificuldades a serem enfrentados para alcançar os objetivos esperados, isto inclui os recursos financeiros necessários para a realização de determinadas atividades no meio institucional (SOUZA, 2001). Tal procedimento ocorre no SESC com periodicidade, através de reuniões quinzenais entre assessórias e divisões internas do Departamento Regional, onde se apresenta o montante de recursos financeiros que abrangerão as suas cinco áreas de atuação da instituição, saúde, cultura, educação, lazer e assistência e que serão geridos em primeiro plano pelos gerentes das unidades operacionais e segundo pelos técnicos responsáveis por cada área.

A gestão de recursos financeiros significa, primordialmente, proceder ao acompanhamento e ao controle da utilização do dinheiro de forma a garantir a execução das atividades, o alcance das metas e a concretização dos objetivos previstos em nossos projetos. Esse acompanhamento permite detectar possíveis necessidades de correção de rumos, prestar contas do seu andamento, bem como obter dados úteis para a formulação e apresentação de novas propostas orçamentárias (SOUZA, 2001, p. 125).

Ainda, na gestão dos projetos e programas, realizam-se trimestralmente reuniões gerenciais que contam com a presença dos gerentes de todas as unidades do Estado, tendo

---

implícitas (SENAC. DN, Qualidade em prestação de serviços, 1996, p. 15.).

<sup>10</sup> O SENAC foi criado em 10 de janeiro de 1946 pela Confederação Nacional do Comércio (CNC), passando a desenvolver um trabalho até então inovador no país: oferecer, em larga escala, educação profissional destinada à formação e preparação de trabalhadores para o comércio. O SENAC juntamente com o SESC fazem parte do chamado sistema S, nome pelo qual ficou convencionado de se chamar o conjunto de onze instituições que representam o interesse de categorias profissionais, cuja contribuição a Constituição brasileira prevê em seu artº 149, como contribuições que podem ser instituídas exclusivamente pela União: (I) contribuições sociais; (II) contribuição de intervenção no domínio econômico; (III) contribuição de interesse das categorias profissionais ou econômicas. Esta última hipótese de incidência é que tem a base legal para a existência de um conjunto de onze contribuições chamadas de Sistema S. As receitas arrecadadas pelas contribuições ao Sistema S são repassadas a entidades, na maior parte de direito privado, que devem aplicá-las conforme previsto na respectiva lei de instituição. As entidades em questão são as seguintes: INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, SENAI - Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial, SESI - Serviço Social da Indústria, SENAC - Serviço Nacional de Aprendizagem do Comércio, SESC - Serviço Social do Comércio, DPC - Diretoria de Portos e Costas do Ministério da Marinha, SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas, Fundo Aeroviário - Fundo vinculado ao Ministério da Aeronáutica, SENAR - Serviço Nacional de Aprendizagem Rural, SEST - Serviço Social de Transporte, SENAT - Serviço Nacional de Aprendizagem do Transporte. Em geral, as contribuições incidem sobre a folha de salários das empresas pertencentes à categoria correspondente sendo descontadas regularmente e repassadas às entidades de modo a financiar atividades que visem ao aperfeiçoamento profissional (educação) e à melhoria do bem estar social dos trabalhadores (saúde e lazer).

como prioridade a avaliação das atividades desenvolvidas nas respectivas unidades, e a apresentação da receita e as despesas<sup>11</sup> de cada uma.

Quanto às unidades operacionais como já citado a cima, são autônomas para planejar e executar ações e do mesmo modo para realizar levantamentos de dados e escolher a melhor metodologia para a realização de avaliações de suas atividades.

Na perspectiva da construção da capacidade avaliatória a partir da construção de sujeitos, a participação efetiva e autônoma dos diversos atores envolvidos na iniciativa torna-se a alma do processo de avaliação. Neste sentido, o exercício de compartilhar poder e de equilibrar forças e formas de tomar decisão ocupa posição central no processo. Para alguns, este exercício implica em abrir mão do controle sobre a avaliação, sejam estes gestores da organização ou consultores externos (BRANDÃO E SILVA, 2004, p. 9).

Todavia, Terra (1989, p.38) lembra que avaliar é:

um ato essencialmente político. Mesmo que esteja presente a proposta de democratizar a avaliação, o que equivale dizer facultar ao executor o exame crítico da ação, há sempre alguém detendo o poder de concordar ou discordar dos resultados da avaliação ou, no mínimo, atribuir uma escala de valor no qual esses resultados ganham maior ou menor importância.

Na atualidade, o SESC conta com duas unidades operacionais em Florianópolis, a Unidade Estreito e a Unidade Florianópolis, também conhecida como CAF – Centro de Atividade de Florianópolis, onde concentra-se o maior número de atendimentos. Sua estrutura comporta ginásio de esportes, restaurante, clínica odontológica, academia esportiva, biblioteca, teatro, educação infantil com atendimento de crianças de 3 à 10 anos, cursos profissionalizantes, cursos pré-vestibular e outros.

No cotidiano do SESC Florianópolis prioriza-se a qualidade do funcionamento interno objetivando aperfeiçoar os resultados externos. Isto se expressa na rotina institucional, mediante reuniões internas semanais, que tem como dinâmica em seu primeiro momento a apresentação das atividades que foram desenvolvidas por cada técnico responsável dos diversos setores da instituição é onde se procura avaliar os resultados alcançados e possíveis dificuldades para obtenção dos objetivos esperados. Este procedimento é realizado pelo técnico responsável pela atividade a ser avaliada, embora o SESC valorize a multidisciplinaridade, inclusive estimulando a criação de projetos com envolvimento das diferentes áreas de atuação, outros profissionais também contribuem com suas sugestões formando assim um aprendizado coletivo. Para Sarmiento (2005, p.39) a reunião:

---

<sup>11</sup> A receita do SESC vem exclusivamente da cota patronal e das taxas dos serviços prestados aos clientes, que tem como regra a cobrança de taxas menores que a do mercado. Já as despesas são referentes à manutenção dos espaços e equipamento e recursos humanos.

É um instrumento que permite a constituição de um espaço possível para exercício e a vivência de 'novas regras e novos valores', não conformismo e adequação, mas questionamentos, críticos e criativos, considerando estes como o próprio objeto da aprendizagem, que somente são socializados pela reunião.

Em seu segundo momento, acontece a interlocução das atividades que serão desenvolvidas nas próximas semanas com propostas de todas as áreas. Cabe salientar que estas reuniões contam com a presença de técnicos, gerente administrativo da unidade e gerente da área social. Na atualidade cada técnico tem a incumbência de registrar os dados referentes ao seu setor e posteriormente elaborar planilhas com atendimentos previstos e realizados, elaborando também o orçamento que será utilizado na gestão financeira. Para Filgueiras (2007, p. 164):

As pessoas e as instituições aprendem muito ao vivenciar o processo de avaliação, devendo mobilizar recursos para que ele ocorra, dedicar tempo, abrir espaço para os procedimentos requeridos na coleta de dados, entrega de informações e discussão de resultado etc. Evidentemente esta oportunidade pode ou não ser aproveitada, dependendo de vários fatores, entre eles a forma como se conduz a avaliação, tanto por parte dos avaliadores como dos gestores do programa.

Do mesmo modo, são realizadas pelos técnicos reuniões específicas para planejamento de ações multidisciplinares para a elaboração de eventos, projetos, seminários e outros. A multidisciplinaridade presente no planejamento e na execução de ações no SESC visa ampliar a visão acerca das atividades a serem realizadas através da soma de saberes de diferentes profissões (MELO, ALMEIDA, 1999). Após a concretização das referidas atividades é realizada outra reunião onde se pratica a auto-avaliação, buscando apontar acertos e falhas no contexto do trabalho, ações para sua melhoria e objetivos alcançados, buscando um constante crescimento na qualidade do trabalho apresentado. Ação que subsidiará a elaboração do relatório de avaliação anual que deve conter todos os projetos realizados durante o ano.

Percebe-se a reunião como um instrumento potencial para o planejamento e decisões em conjunto. Segundo Souza (2001, p.133):

As reuniões são necessárias e se constituem no melhor meio de comunicação e de troca de informações entre gestor e seu grupo. Seu papel é importantíssimo no que diz respeito ao desempenho pessoal ou do grupo, já que podemos fazer delas um momento propício ao compartilhamento de questões relevantes e de estímulos à criação de novas formas de solucionar os problemas.

Na busca por avaliar e descobrir novas propostas de trabalho coletivas, cada técnico tem independência para decidir a melhor metodologia para o procedimento da avaliação no que se referem aos projetos realizados em seu setor, ou tratando-se de ações multidisciplinares, estas são decididas através do consenso do grupo. Contudo, os métodos

mais utilizados são a observação, pesquisa de opinião, levantamento de sugestões e entrevista de grupo realizada junto ao público alvo. O objetivo da avaliação é o que deve determinar o instrumental que realizará a coleta de informações, exigindo maior sofisticação para uns do que para outros. Ao final de cada mês o técnico responsável por cada área deve apresentar as estatísticas, documentos que apresentam o número de pessoas atendidas nos projetos realizados durante o mês.

Quanto à autonomia do profissional responsável, Marino (2001, p.01) aponta que:

A avaliação pontual, feita por pessoas de fora da organização ou por superiores hierárquicos, pode ter efeito positivo, negativo, ou não ter efeito nenhum. Mas a avaliação que ocorre com um processo integrado e contínuo na vida do projeto, esta sim sempre apresenta efeitos; incorporada como um valor pelas pessoas resulta sempre em aprendizagem.

Finalizando o ciclo de avaliações, ao final de cada ano é solicitado aos profissionais de todas as áreas, pelo Departamento Regional, um relatório avaliativo oficial, onde deve constar o objetivo das atividades desenvolvidas; metodologias utilizadas; principais resultados, transformações sociais que merecem ser destacadas; desafios no desenvolvimento do trabalho e avaliação final contendo sugestões e observações que possibilitem avanços da prática. Sendo que o mesmo é disponibilizado eletronicamente para todos os setores da instituição.

Diante do que foi mencionado, percebe-se a prática da avaliação no interior da instituição com diferentes formas de concretização, alguns com metodologias mais aprimoradas outros menos, entretanto todas se assemelham quanto ao objetivo, que é julgar a relevância de determinada prática institucional, na busca pelo seu aprimoramento. Contudo, a cultura da avaliação no contexto institucional não se restringe a mera prática fiscalizadora, colocando-se com propósitos valorativos de racionalizações das ações, diagnósticos e soluções de entraves no cotidiano institucional, o que faz com que sua constante utilização se materialize num contínuo aprendizado de práticas mais conscientes e comprometidas.

### **2.3 Avaliação no setor de grupos**

Como o presente trabalho busca avaliar, na perspectiva do idoso, um projeto executado pelo Setor de Grupos da instituição, cabe neste momento um aprofundamento no processo avaliativo realizado neste Setor, compreendendo seus objetivos, práticas e instrumentais necessários para sua efetivação.

O Setor de Grupos situa-se na área de assistência, com atividades voltadas ao trabalho social com grupos, tendo como meta primordial a valorização social e o crescimento dos

participantes, independente de sua faixa etária, estendendo suas ações ao atendimento grupal de pessoas com deficiências e familiares, crianças, adolescentes, jovens, adultos, gestantes e ao público idoso.

Partindo do princípio de que, “para atendermos às demandas do mundo atual, é preciso investir no humano” (TATAGIBA, FILÁRTIGA, 2001, p.11), o SESC procura desenvolver através do trabalho com grupos, metodologias que:

aprofundam e aperfeiçoam as relações surgidas nas interações sociais, de modo que, as potencialidades de cada indivíduo sejam melhor aproveitadas, tornando-os motivados e integrados. [...] Acreditando nas contribuições e na importância do desenvolvimento de Grupos para a melhoria da qualidade de vida do ser humano, como elemento fundamental para se trabalhar as relações interpessoais, é que o SESC estimula a formação de diferentes grupos (SESC, 2008).

Todavia, sua maior demanda é por formação de grupo de idosos, os quais procuram a instituição buscando um maior convívio social. O pioneirismo do SESC no trabalho social com Idosos iniciou ainda na década de 60 e na atualidade atende cerca de 150 mil idosos em todo país, sendo uma iniciativa reconhecida internacionalmente. Pioneirismo que permitiu a instituição ter um know-how<sup>12</sup> na formação de recursos humanos especializados no atendimento deste segmento. “Essa ação do SESC junto aos idosos visa a sua socialização, autonomia e melhora da auto-estima com a reconstrução da própria imagem” (SESC, 2008).

Em Santa Catarina na década de 70, o técnico designado pela instituição para efetivar o trabalho no Setor de Grupos com idosos é o assistente social, que em sua trajetória profissional tinha o trabalho com grupos como “um método de trabalho social que ajuda as pessoas a realizarem seu funcionamento na sociedade através de experiências grupais objetivas e a enfrentarem de modo mais eficaz os seus problemas pessoais, individuais e no coletivo” (KONOPKA *apud* SOUZA, 1995, p. 64).

No contexto atual, sua intervenção se dá tendo como eixo principal os processos sócio-assistenciais, e sua atuação se concentra nas ações sócio-educativas, nos programas desenvolvidos junto ao público idoso, centrados na Política Nacional do Idoso. Assim, através do trabalho social com idosos, o Serviço Social busca valorizar e estimular a participação efetiva do idoso, preservando as singularidades de cada um, buscando sua socialização e incentivando sua autonomia, através do trabalho com grupos.

Observando a crescente demanda de idosos interessados em participar de grupos, o Serviço Social no SESC busca planejar atividades de acordo com os interesses de seu público

---

<sup>12</sup> Expressão utilizada pela instituição para designar sua constante prática de treinamento de funcionários que atuam junto ao segmento idoso, na perspectiva de um contínuo aperfeiçoamento profissional.

alvo, pessoas com mais de 60 anos. Procuram desenvolver avaliações constantes, ouvindo sugestões, além de se empenhar continuamente para a ampliação do número vagas, visando atender um público cada vez maior. No decorrer de sua prática profissional o assistente social tem na avaliação um instrumento com capacidade de subsidiar o planejamento de sua intervenção profissional rumo a uma práxis transformadora, que aplicada conscientemente em buscar modificar relações econômicas, políticas e sociais (VIEIRA, 1979, p. 100).

No Setor de Grupos do CAF o assistente social tem sua ação profissional voltada para o Programa Trabalho Social Com Idosos: “Crie um projeto para a vida e seja socialmente ativo, independente das limitações que possa ter!” que busca em suas ações proporcionar aos idosos “aquisição de novos aprendizados, crescimento pessoal, intercâmbio cultural, ampliação do círculo de amizade, autoconhecimento, elevação da auto-estima, e melhora da qualidade de vida” (SESC, 2008), através da participação nos diferentes grupos e projetos, inseridos nos seus respectivos núcleos conforme relataremos posteriormente na próxima seção.

Destaca-se no programa a atuação do Serviço Social como profissional proponente, articulador e executor de atividades e projetos subsidiado por constatações empíricas realizadas através de registros de dados quantitativos e qualitativos.

Constatação empírica trata-se da coleta e organização de informações produzidas a nível de execução do projeto. Na maioria das vezes, essa produção se efetiva através do preenchimento de modelos (tabelas, quadros, etc) nos quais as informações apresentam um conteúdo puramente descritivo, quer de natureza quantificada (número de pessoas atendidas ou envolvidas por um determinado serviço, número de eventos realizados), quer de natureza qualificada (rol e caracterização das atividades desenvolvidas, estratégias usadas no sentido de garantir condições objetivas à produção e oferta dos serviços, assim por diante). Por serem informações expressas através de números ou de fatos registrados a partir de uma percepção imediata, não implicam que exista entre um e outro conjunto de informações, diferenças a tal nível nítidas a ponto de permitir uma relação entre os dois conjuntos, através da noção pura e simples do confronto entre o quantitativo e o qualitativo, embora se mostrem inconfundíveis (TERRA, 1989, p, 55).

No cotidiano institucional o profissional percebe a necessidade da realização de processos avaliativos sistemáticos, por isso sua realização acontece bimestralmente (por módulo de atividade, ex: teatro, canto, etc.) e semestralmente. Quanto à coleta de dados, estas se materializam através da observação, questionários, entrevistas e levantamento de interesses aplicados aos idosos durante as reuniões grupais. Na reunião, o assistente social tem um instrumento privilegiado para intervenção nas relações grupais. Para Vieira (1979 *apud* SARMENTO, 2005, p. 37) isto se expressa nos objetivos da reunião que são:

Informar os membros sobre assuntos que os interessa ou relacionados com a situação social/problema; obter dos membros informações que permitam elaborar o diagnóstico do grupo ou da comunidade; realizar atividades em comum, relacionadas a interesses coletivos dos membros do grupo como um todo ou da comunidade; aplicar a intervenção para o desenvolvimento social do grupo e de seus membros.

Não obstante, para atender as particularidades do idoso, as avaliações efetuam-se de forma dialogada, participativa, sendo que os instrumentos de coleta de dados são adaptados objetivando alcançar a participação da grande maioria. Geralmente as entrevistas em grupo são realizadas com a participação de todos os presentes na reunião, sendo que os idosos são incentivados a falar, dando sua opinião sobre as atividades realizadas. Esta metodologia é utilizada bimestralmente para que os idosos ainda tenham claro na memória os fatos ocorridos. Neste processo todos os dados são registrados de forma escrita e após subsidiarão um relatório. Para Martins (2006), esta metodologia classifica-se como entrevista focalizada de grupo, neste procedimento os entrevistados são influenciados uns pelas respostas dos outros, na medida em que as respostas vão surgindo o pesquisador realiza uma síntese das discussões estimuladas.

No que concerne aos questionários, estes são aplicados ao final de cada semestre de trabalho, contendo em cada pergunta um resumo das atividades ocorridas durante o semestre, a solicitação da opinião (ótimo, bom, regular, ruim), e de sugestões sobre as atividades (que se repita, não aconteça mais, etc). Geralmente os integrantes são divididos em pequenos grupos onde decidem entre si as respostas a serem assinaladas. Após a aplicação do questionário o material é recolhido para análise e seu resultado repassado ao grupo, resultado este que subsidiará o planejamento das atividades posteriores.

Já o levantamento de sugestões é realizado no início do semestre para que possa auxiliar no planejamento das atividades.

Quanto à observação como instrumento de coletas de dados, Sarmiento (2005, p. 23), lembra que sempre foi utilizada e privilegiada, por girar em torno de pré-noções ou pré-conceitos para chegar a algumas conclusões práticas e interventivas. Nesta lógica, o assistente social, responsável por organizar trabalhos com grupos de idosos, tem como um dos principais instrumentos de avaliação a observação, pois é através dela que o profissional pode conhecer um pouco mais das emoções, forças de poder, influências das lideranças do grupo, etc. E assim poder planejar atividades que possibilitem ao idoso uma melhor qualidade de vida, seja nos aspectos físicos, seja nos aspectos emocionais.

Outro aspecto importante no processo de avaliação do assistente social na instituição são as reuniões com a equipe que compõe o Setor de Grupos (Assistente Social e duas

estagiárias), onde as atividades realizadas com os grupos são avaliadas e planejadas, auxiliadas pelos resultados dos processos avaliativos acima citados, o que a torna imprescindível para subsidiar o trabalho com idosos. Visto que, as atividades devem transcender aos seus resultados imediatos, buscando, além da formação cultural, a construção e o aprimoramento de valores capazes de melhor conduzir o curso da vida, na perspectiva de um desenvolvimento integral.

Observam-se assim, na prática do Serviço Social a avaliação como um processo contínuo, realizado antes, durante e depois de suas ações, o que a traduz em um instrumento dinâmico e reflexivo do exercício profissional capaz de transcender a imediatividade das ações institucionais possibilitando ao profissional clarificar seus objetivos realizando escolhas conscientes e qualificadas.



### **3 TRABALHO SOCIAL COM IDOSOS NO SESC FLORIANÓPOLIS**

O presente item busca realizar um breve resgate histórico do Trabalho Social com Idosos no SESC Florianópolis, destacando as principais alterações efetuadas do período de 1967 até 2008, diagnosticando e observando a prática da avaliação neste período e o processo da prática interventiva do assistente social responsável pelo Setor de Grupos. Para este objetivo foi utilizado como referência o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Rech (2006), que traz em seu conteúdo entrevistas realizadas com cinco Assistentes Sociais que atuaram como responsáveis pelo Setor, neste trabalho identificadas como AS1, AS2, AS3, AS4, AS5. Igualmente utilizarei o TCC de Braz (2008), que também conta com uma entrevista realizada com a AS5, expondo o redimensionamento do Trabalho Social com Idosos em 2008 na perspectiva do Serviço Social, e a atuação do assistente social enquanto profissional propositivo e executivo durante todo processo.

#### **3.1 Resgate histórico do Trabalho Social com Idosos do SESC Florianópolis**

O trabalho social com grupos inicia-se no SESC Florianópolis no ano de 1967, a princípio como Clube de Mães, direcionado a realizar um trabalho de motivação com pais de alunos da Educação Infantil (nesta época já contando com a participação do assistente social como técnico de grupos) entretanto, como o número de mães participantes não se tornou efetivo abriu-se exceções para a participação também de amigas das mães frequentadoras do clube, ampliando assim o número de participantes. Esse procedimento permanece até os dias atuais, no que se refere aos trabalhos com grupos de idosos, atendendo aos idosos aposentados do comércio, dependentes de comerciante e ampliando ao idoso da comunidade em geral, caracterizando a universalidade de acesso a este segmento.

Nesta época, as atividades desenvolvidas com o grupo estavam relacionadas a realização de festas, visitas domiciliares aos participantes do grupo e a integração familiar. Sendo todas as atividades programadas pelos integrantes do grupo, supervisionadas por uma assistente social.

Observando que muitos maridos levavam as esposas até a instituição e ficavam conversando entre si enquanto as esperavam, por proposta da Assistente Social (AS1), cria-se também o Clube de Pais. No decorrer do tempo os participantes de ambos os clubes foram envelhecendo e por sugestão dos mesmos, se unirão dando origem em 1978 ao primeiro

Grupo de Idosos do SESC Florianópolis, com encontros semanais realizados no horário das 14:00 às 17:00 horas. Segundo a AS1 na época, a procura por vagas foi crescente, se tornando inevitável a criação de outros grupos de idosos para atender a demanda. Considerando a observação um instrumento essencial para Serviço Social a ser utilizado metodologicamente no trabalho com indivíduos, grupos e comunidades, esta pode materializar-se em uma técnica de avaliação capaz de diagnosticar demandas e constatar resultados do trabalho realizado (VIEIRA, 1979).

Nesta época, realizavam-se com os grupos trabalhos manuais e, segundo a AS1, por pedidos dos idosos aos poucos foram sendo incluídas outras atividades como jogos (bingo, dominó), almoços, confraternizações e passeios. Para a AS1, as mudanças foram acontecendo por dois fatores principais “da instituição com as novas diretrizes advindas do Departamento Nacional do SESC – Rio de Janeiro e dos próprios idosos em não quererem mais fazer o que faziam em casa” (RECH, 2006, p. 38).

No início da década de 80, a Instituição já contava com cinco grupos de convivência e as atividades realizadas passaram a se modificar, neste período a instituição passa a contar com os trabalhos de mais uma Assistente Social (AS2), sendo introduzidas novas atividades, inclusive a criação do Coral do SESC formado por idosos, Grupo de Dança, Grupo Musical e Feira de Artesanato que reunia em média três mil idosos do SESC e de outras instituições, que se empenhavam na venda de artesanato nas barraquinhas localizadas no Ginásio de Esportes do SESC Florianópolis, evento este realizado até 1994.

Em 1984 aconteceu a primeira Colônia de Férias da Terceira Idade, evento que teve duração de dois dias. Buscando qualidade de vida para o idoso, aproximadamente no ano de 1989, foi criado o Grupo de Ginástica da Terceira Idade. Para a AS1, entrevistada por Rech (2006), as mudanças no trabalho com idosos, em grande parte, eram ocasionadas pelos próprios idosos que sugeriam e realizavam atividades diferenciadas, citando como exemplo, apresentações artísticas realizadas em eventos da instituição. Evidenciava-se nesta época a atuação do profissional de Serviço Social no planejamento de ações, sempre considerando o idoso como parte do processo. Através da entrevista Rech (2006, p.41), sistematiza os procedimentos e metodologias utilizadas para o planejamento das ações do Serviço Social nesta época:

a Assistente Social AS1 citou as reuniões com os estagiários, com os outros setores e com a chefia em que o Serviço Social colocava o seu trabalho. Para o desenvolvimento de novas atividades, eram feitos projetos à chefia que julgava a importância deles para a entidade; então eram enviados ao Departamento Regional, onde seriam aprovados ou não. A atuação do Assistente Social e dos estagiários acontecia diretamente com os grupos e a avaliação era feita com os próprios

grupos, ‘todas as atividades nós avaliávamos com os grupos, todas, nem que fosse um passeio daqui a Itaguacu.... muitas vezes era questionário também, né...’.

Já a Assistente Social AS2 relata que:

as reuniões previam programação e avaliação das atividades com discussões de interesse do grupo e na seqüência o lanche [...] como forma de avaliação do trabalho com os grupos, eram realizados os relatórios que eram submetidos à supervisão das profissionais e posteriormente eram encaminhados ao Departamento Regional (RECH, 2006, p.43).

Ressalta-se que a AS2 caracteriza a avaliação realizada com os grupos como informal, “era só uma conversa informal, ouvindo opiniões, críticas, pois muitos tinham pouca escolaridade” (RECH, 2006, p. 45). Neste sentido, Silva e Brandão (2003), alertam que para cada fonte de informação haverá formas distintas e mais apropriadas para coletar dados, e estas devem ser definidas respeitando-se o contexto cultural do público alvo e a viabilidade do processo de avaliação. Neste sentido, o assistente social deve adaptar seus instrumentos de trabalho a realidade do usuário possibilitando seu entendimento e ampliando sua participação nas decisões institucionais.

Em 1993, o Departamento Nacional do SESC propõe o Projeto “Era uma Vez... Atividades Intergeracionais” com o intuito de estimular o contato entre crianças e idosos. Neste período outras atividades e projetos foram surgindo no SESC Florianópolis, como o “Grupo do Elo da Esperança” que permitia aos idosos realizar encontros semanais com pacientes de Oncologia internados em um hospital situado próximo ao SESC, o Projeto Idoso Movimento realizado na Colônia de Férias de Cacupé, destinado a realização de atividades que estimulassem nos idosos a criticidade, criatividade, a participação e integração entre os grupos. Nesse período, técnicas de trabalho como as dinâmicas de grupo foram introduzidas ao trabalho com idosos do SESC, ferramenta facilitadora que propicia a construção do saber através da participação e do trabalho coletivo (TATAGIBA, FILÁRTIGA, 2001, p. 15).

Nesta ocasião, a procura de idosos por vagas nos grupos era grande e o SESC, pensando em atender a demanda existente, duplica o número de grupos de convivência, passando a dez. Por falta de espaço físico os encontros que antes eram semanais passaram a ser quinzenais, o que causou perdas significativas para o trabalho realizado com os grupos já que, seus participantes demoravam muito tempo para se reencontrarem dificultando a troca de experiências e o aprofundamento dos laços de amizade. Tatagiba e Filártiga (2001) afirmam que a troca entre os participantes favorece a imersão de conhecimento e experiências que possibilita a interação e a realização do grupo.

Como técnica de grupos se encontrava neste período a Assistente Social (AS3) que relata que as mudanças ocorridas no trabalho com idosos deram-se por meio de projetos do Departamento Nacional e através de projetos locais. Entretanto, “os instrumentos de avaliação utilizados pela instituição no trabalho desenvolvidos junto ao segmento da terceira idade sempre objetivaram a melhoria no campo do trabalho a ser desenvolvido e é justamente no processo de avaliação que as mudanças ocorrem” (AS3 *apud* RECH, 2006, p 48). Quanto ao trabalho desenvolvido AS3 relata que:

o desenvolvimento das ações sempre tiveram uma diretriz do Departamento Regional, porém flexíveis às adequações, permitindo o planejamento local com a responsabilidade também pela execução e avaliação. No planejamento sempre existia autonomia para o desenvolvimento de ações de acordo com a realidade local, na execução, naquele período ele esteve ligado diretamente com o desenvolvimento do trabalho nos grupos, sendo que a avaliação era efetuada junto com os grupos e com os técnicos envolvidos (RECH, 2006, p. 49).

No ano de 1999, o SESC de Santa Catarina, repensa suas ações na área da Terceira Idade, sempre respaldado pela atuação do Serviço Social que vinha sendo uma constante no trabalho desenvolvido com os idosos. Lança um programa que tem como princípio unificar o trabalho das unidades operacionais em todo Estado, atendendo a realidade específica que cada região apresenta, buscando assim fortalecer suas atividades, iniciando o Programa da Terceira Idade do SESC. Tal programa objetivava a valorização do papel social do idoso, promovendo mudanças significativas nas suas relações com a família, comunidade e sociedade. Buscava-se também estimular a participação efetiva dos idosos, nas áreas artísticas, culturais, esportivas e de integração, com vista a melhorar sua qualidade de vida. Indagada por Rech, sobre o planejamento, à execução e à avaliação dos projetos neste período a Assistente Social AS4 relata:

na parte de planejamento alguns programas e projetos vinham do Departamento Regional e do Departamento Nacional, mas era ela quem planejava, executava e fazia o projeto acontecer, desde o levantamento de custos, ao cronograma, avaliação e relatório. A execução começava no cronograma do projeto, pois ele já estava pronto, mas quem planejava como ele ia ser realizado era a Assistente Social. Na avaliação, também era a Assistente Social quem a fazia através de relatórios; nos projetos os mesmos eram encaminhados à gerência da unidade e depois era enviados para a aprovação do Departamento Regional (RECH, 2006, p. 53).

O Programa Terceira Idade era dividido em três núcleos: Núcleo de Vivência, Núcleo de Motivação a Vida e Núcleo de Estudos e Atualização, permanecendo neste formato até dezembro de 2007.

O Núcleo de Vivência era composto pelos grupos de Convivência onde o idoso

participa de dinâmicas de grupo, debates de temas atuais, palestras sobre temas variados, oficinas de artesanato, música, nutrição, atividades físicas, entre outros. Sendo que, todas as atividades objetivam trabalhar as relações interpessoais e motivacionais do idoso. Estando neste núcleo também o Grupo Expressão Vital, que busca através das varias expressões artísticas possibilitar ao idoso a superação de barreiras e o desenvolvimento de potencialidades, aumento da auto-estima, o Projeto Era uma Vez... Atividades Intergeracionais o qual busca romper o isolamento do idoso estimulando o encontro de gerações e o Grupo Girassol que tem como propósito a integração através da dança sênior.

O Núcleo de Motivação a Vida tinha por objetivo proporcionar ao idoso condições para que sejam atuantes, adquirindo novas habilidades, através de projetos especiais como Idoso Movimento, a Programação do Mês do Idoso, palestras, seminários, fóruns e Projeto de Socialização Grupal, tendo como objetivo integrar os idosos dos diferentes grupos. Já o Núcleo de Estudos e Atualização, tinha como objetivo promover reflexões, debates e vivências com profissionais de diversas áreas, onde temos o Grupo de Estudos e Atualização da Terceira Idade - GRUPATI.

Contudo, com o decorrer dos anos a sociedade passa por mudanças e o perfil do usuário idoso do SESC também, o que fez com que Programa Terceira Idade fosse repensado para atender as novas demandas, assimiladas pelo Assistente Social responsável pelo trabalho com grupos, as quais estão diretamente ligadas a participação dos idosos de uma maneira geral no trabalho desenvolvido.

Neste sentido, o Serviço Social da unidade munido de estudos a cerca de novos interesses manifestados pelos idosos e considerando importantes aspectos como evasão, insatisfação, solicitação de maior intensidade nas atividades e encontros semanais, propõe a realização de avaliações junto aos idosos que resultaram em uma nova abordagem no Trabalho Social com Idosos, fortalecendo algumas ações já existentes e agregando novas ações à proposta de trabalho a serem realizadas em 2008.

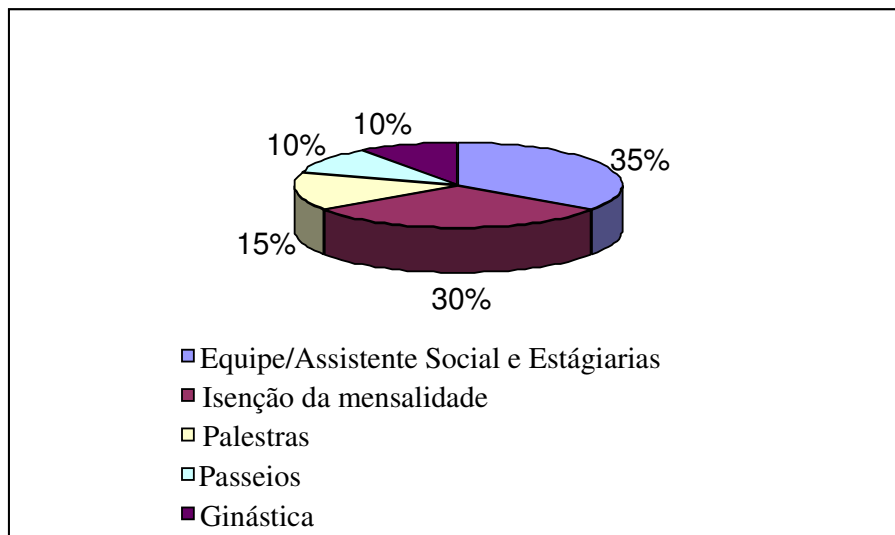
Os gráficos 1 e 2 ilustram a avaliação<sup>13</sup> realizada no ano de 2005, através de entrevista grupal contando com aproximadamente 222 idosos participantes de 10 grupos de convivência do SESC, cujo critério de participação era opcional. As categorias destacadas no gráfico 1 correspondem aos pontos positivos existentes nos grupos levantados pelos idosos na

---

<sup>13</sup> O número de pessoas envolvidas nas avaliações realizadas no ano de 2005 e 2007 é uma estimativa da assiduidade dos idosos participantes dos grupos, já considerando o índice de faltas que é de 30 %. Em 2005 haviam 318 idosos inscritos nos grupos, sendo considerado na avaliação a participação de 222. E em 2007, estavam inscritos 347, sendo considerada na avaliação a participação de 242.

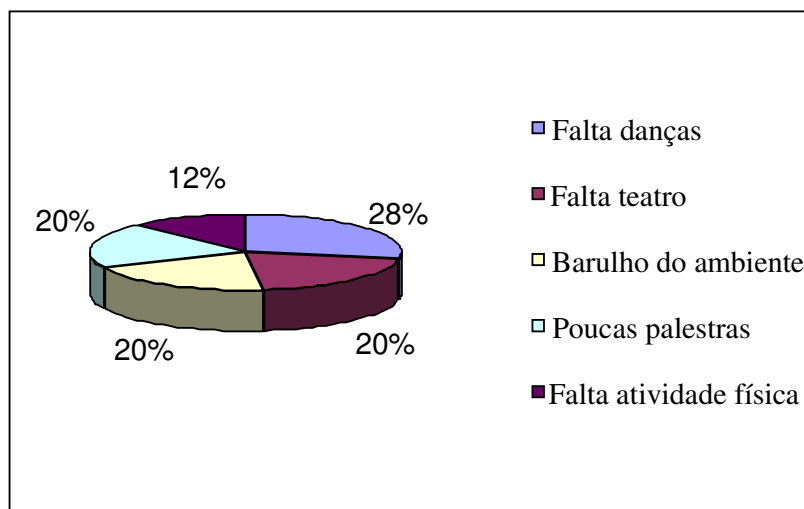
entrevista e o gráfico 2 corresponde aos pontos negativos.

**Gráfico 1:** Pontos positivos: categorias que mais se destacaram



**Fonte:** Setor de Grupos do SESC, avaliação realizada com os grupos em 2005

**Gráfico 2:** Pontos negativos: categorias que mais se destacaram

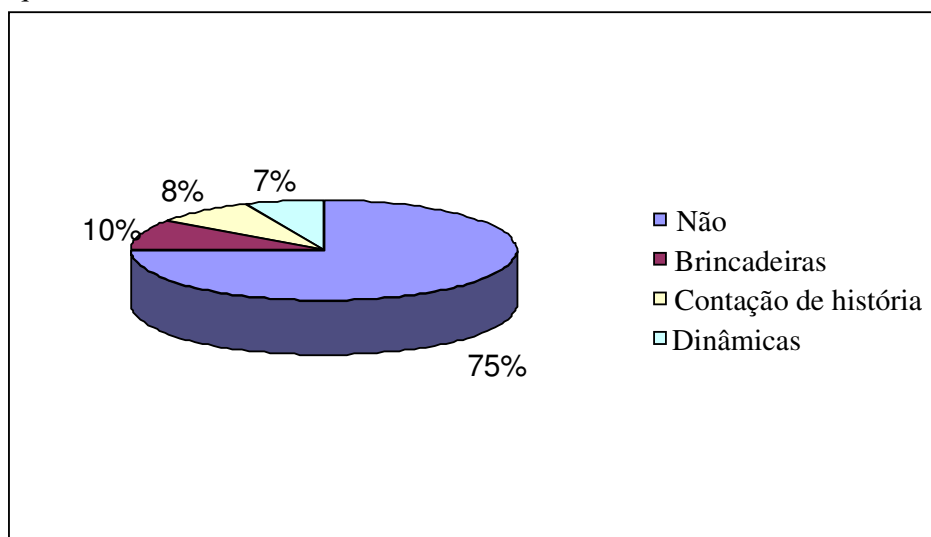


**Fonte:** Setor de Grupos do SESC, avaliação realizada com os grupos em 2005

Os gráficos 3, 4 e 5 apresentam resultados da avaliação realizada no ano de 2007 com

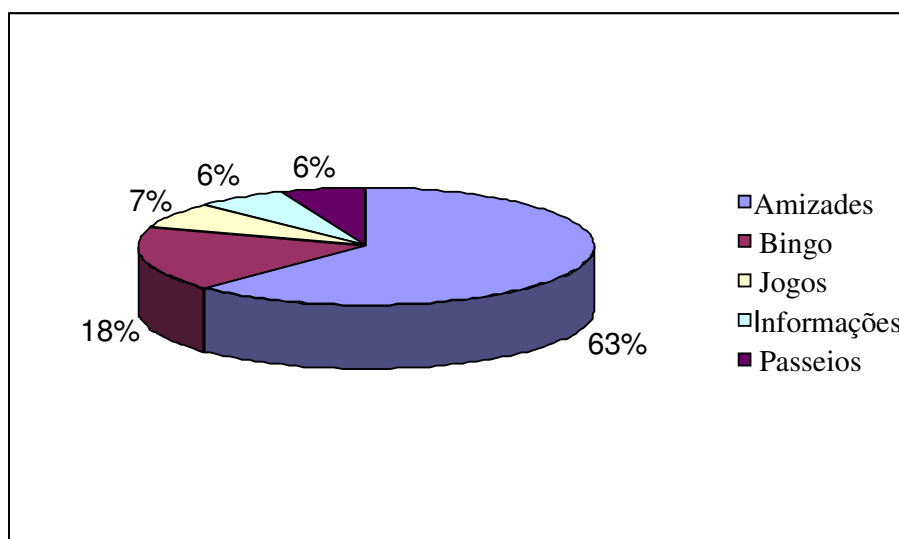
aproximadamente 242 idosos pertencentes aos 10 grupos de convivência da instituição, efetivadas através de questionários, aplicados em subgrupos. Os gráficos abaixo representam as categorias que mais se destacaram mediante as questões apresentadas ao grupo.

**Gráfico 3:** Tem alguma atividade oferecida no grupo que você não gosta?: categorias que se destacaram



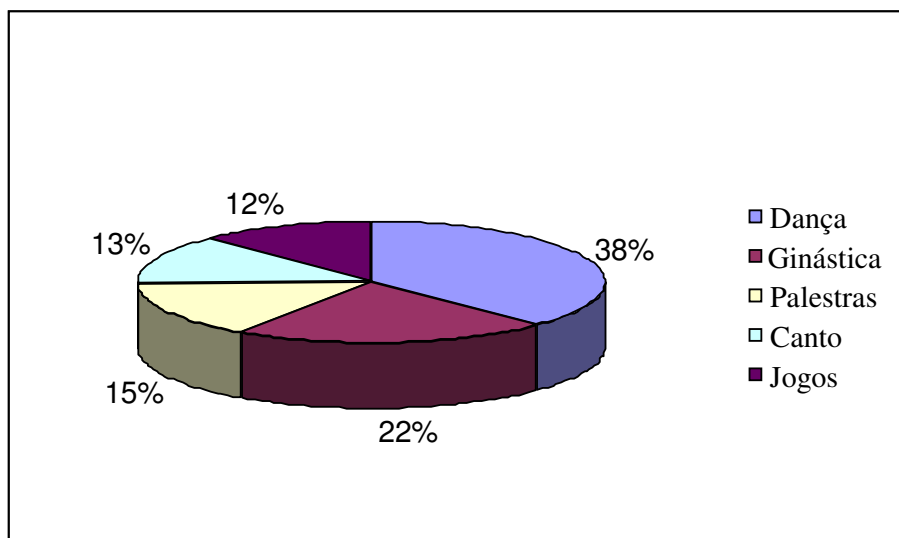
**Fonte:** Setor de Grupos do SESC, avaliação realizada com os grupos em 2007

**Gráfico 4:** Qual atividade faz você permanecer no grupo do SESC?: categorias que mais se destacaram



**Fonte:** Setor de Grupos do SESC, avaliação realizada com os grupos em 2007

**Gráfico 5:** Qual atividade você gostaria que fosse oferecida?: categorias que mais se destacaram



**Fonte:** Setor de Grupos do SESC, avaliação realizada com os grupos em 2007

Com a nova abordagem aplicada pelo Serviço Social, o Programa Terceira Idade passa a ser denominado, “Trabalho Social com Idosos: Crie um projeto para a vida e seja socialmente ativo, independente das limitações que possa ter!”. Observa-se, na atualidade, o termo idoso sendo utilizado pela instituição procurando estar em consonância com a terminologia empregada na legislação pertinente a este segmento. O exercício da avaliação na metodologia utilizada pelo assistente social se realiza:

tendo em vista assegurar o ajustamento constante do planejamento e da execução às variações e aos desafios permanentes da situação trabalhada, à medida em que possibilita o reconhecimento da natureza dos erros, desvios e bloqueios da ação planejada. Desta maneira, subsidia as decisões relacionadas com o prosseguimento, retração, expansão e/ou reformulação do empreendimento (BAPTISTA, 1978, p.62).

A nova abordagem utilizada no trabalho social com idosos do SESC Florianópolis estimulou novas ações e objetivos a serem realizados que direcionaram os trabalhos para dois grandes núcleos, suprimindo o antigo Núcleo de Motivação a Vida, já que se percebeu que seus objetivos eram muito similares ao do atual Núcleo de Vivência.

Atividades que antes pertenciam ao Núcleo de Motivação a Vida como o Projeto Viver Bem a Idade Que Se Tem e Projeto Idoso em Movimento foram inserido ao Núcleo de Vivência se unindo aos Grupos de Convivência, Grupo Expressão Vital, Grupo Girassol e o Projeto Era Uma Vez... (atividades intergeracionais). Núcleo esse que tem como objetivo trabalhar as relações interpessoais, estimulando e valorizando a participação efetiva do idoso.



O Núcleo de Estudos e Atualização é formado pelo GRUPATI - Grupo de Estudos e Atualização Para a Terceira Idade, Projeto Encontro Mercado, mais Projeto Somar para Dividir, Projeto SESC Idoso Empreendedor. Projetos com objetivo de promover reflexões, debates e vivências específicas com profissionais de diversas áreas, proporcionando ao idoso a constante atualização, despertando novas habilidades, sendo que o Projeto Idoso Empreendedor buscam através do uso da tecnologia da informática, impulsionar o conhecimento dos idosos sobre as tecnologias atuais.

No caso específico deste estudo iremos nos ater às alterações realizadas no trabalho com os grupos de convivência, as quais causaram significativas mudanças no cotidiano dos grupos em 2008, concretizando-se na otimização até então realizada.

Os encontros que eram quinzenais passaram a ser semanais, houve a integração entre os grupos que se encontravam no mesmo dia da semana; desta forma o número de grupos, que eram dez, passaram a ser cinco, ampliando-se o número de vagas e de participantes nos grupos, maior diversidade de programação, intensificou-se as ações sócio-educativas, trabalhos multidisciplinares entre as diversas áreas do conhecimento, envolvendo em muitos momentos profissionais de outras áreas do SESC e também externos, contratados para ministrar oficinas e vivências conforme solicitação dos grupos, além da criação de espaços de discussão para avaliação das atividades com os idosos. Possibilitando assim, uma participação mais efetiva do idoso no planejamento da programação, realizada com sugestões e levantamentos de novas atividades. Ação conceituada por Freire (1987 apud Prado 2006, p. 77), como metodologia participativa:

metodologia participativa, é aquela que permite a atuação efetiva dos participantes no processo educativo sem considerá-los meros receptores, nos quais se depositam conhecimentos e informações. No enfoque participativo valorizam-se os conhecimentos e experiências dos participantes, envolvendo-os nas discussões, identificações e busca de soluções para problemas que emergem de suas vidas cotidianas e no espaço onde estão inseridos.

A nova abordagem empregada na proposta com os grupos busca estimular o maior convívio, integração e troca de experiências entres seus integrantes. Propiciando ao idoso o contato com antigas e novas atividades, oportunizando mudanças significativas em seu cotidiano, proporcionando uma qualidade de vida cidadã.

Os encontros são realizados no período vespertino das 13:30h. às 17:00h., sendo estruturado em quatro momentos, que correspondem:

1. Recepção e Acolhida por parte do Assistente Social e estagiária;

2. Momento de atualização e interação com vivências, oficinas, debates e avaliação das atividades;
3. Lanche;
4. Espaço aberto, momento pensado para aprofundar o exercício da autonomia do grupo, onde são realizadas trocas de experiências entre os participantes, show de talentos, contação de histórias, piada, poesias, resgate da cultura e discussões pertinentes ao grupo como passeios, confraternizações e outros.

Ressalta-se que, antes os grupos tinham uma pequena participação na programação, e o novo método de trabalho permite aos grupos participarem diretamente do planejamento da programação a ser desenvolvida. Bem como esta tornou-se mais atrativa e também veio fortalecer a proposta sócio-educativa do SESC no trabalho com os idosos. Anteriormente, sem a estruturação dos encontros em momentos distintos, estes ficavam por vezes ociosos, permitindo que planejassem atividades que segundo AS5 (*apud* Braz, 2008, p.67) “passavam a ocupar o tempo com atividades não entendidas como proveitosas no âmbito grupal e nem consideradas sócio-educativas, conforme se propunha a instituição”. Tendo a realização do bingo como um exemplo dessas atividades, dificultando a participação dos mesmos em atividades apresentadas pela Assistente Social, causando conflitos e a não interação entre os participantes, como consta nos registros referentes ao trabalho com os grupos:

No que se refere ao bingo, conforme exposto pela presidente, estava decidido que apenas poderá participar quem trouxer a prenda e no caso de alguém optar por não participar deverá ir embora, o que gerou o descontentamento de uma das integrantes do grupo que manifestou-se contrária a essa decisão, iniciando uma discussão acerca disso entre esta e a comissão, em especial com a presidente. (Registro de encontros grupais, trecho do relatório realizado pela estagiária em 15/03/2007).

Tendo como base as avaliações realizadas com os idosos, a observação (do profissional e das estagiárias) acerca da realidade cotidiana dos grupos, registros, documentos, relatórios, manuais e outros instrumentos tradicionais da prática profissional, que são o instrumental do pesquisador Assistente Social, segundo Karsch (1988 *apud* SETUBAL, 1995, p.137) a Assistente Social percebe a necessidade de mudanças na metodologia de trabalho, planeja, propõe e negocia com a instituição novas propostas de trabalho, objetivando o aprimoramento da qualidade dos serviços prestados ao usuário.

Proposta esta, que foi analisada e aprovada pela gerência da Unidade Florianópolis e igualmente pelo Departamento Regional e no dia 25 de fevereiro de 2008, antes de serem colocadas em prática, foram apresentadas aos membros das comissões de cada grupo através de uma reunião. Esse momento foi marcado por conflitos e dúvidas por parte dos idosos, mas

que resultaram num comprometimento de conhecer e vivenciar a nova proposta para posteriormente tirarem suas próprias conclusões. Afirma Yamamoto (2003, p.20) que:

Um dos maiores desafios que o Assistente Social vive no presente é desenvolver sua capacidade de decifrar a realidade e construir propostas de trabalho criativas e capazes de preservar e efetivar direitos, a partir de demandas emergentes no cotidiano, enfim, ser um profissional propositivo e não só executivo.

O período inicial da reestruturação do Trabalho Social com Idosos se materializou num grande desafio para as estagiárias e também para a profissional de Serviço Social. Sendo que, um dos maiores limites para a prática interventiva junto ao público idoso é a resistência ao novo, o que evidenciou a necessidade de ações sócio-educativas voltadas para a aceitação das mudanças ocorridas nas atividades do grupo, ampliando a percepção dos benefícios que estas poderiam ocasionar. Compreendendo o processo educativo como uma experiência capaz de possibilitar uma mudança nos sujeitos quanto a “maneira de compreender o mundo e os homens, enriquecendo sua maneira de encarar a si mesma, os outros e a realidade, ao mesmo tempo em que envolve a conquista de novas forças, novos instrumentos para transformar a realidade vivenciada” (MORAES, et al. 2007 *apud* BRANDÃO, FREIRE, OLIVEIRA, p.13).

Diante do apresentado, e quase findando o primeiro ano da implantação da nova metodologia no Trabalho Social com Idosos, observa-se maior adesão dos mesmos ao trabalho realizado. Podemos constatar este fato através da análise dos dados levantados com a pesquisa, realizada junto ao público usuário do programa, idosos participantes dos Grupos de Convivência União e Renascer, possibilitando a real visibilidade dos resultados obtidos através das modificações ocorridas.

## 4 O OLHAR DO IDOSO SOBRE O TRABALHO SOCIAL COM GRUPOS

### 4.1 Procedimentos Metodológicos da Pesquisa

A pesquisa em Serviço Social deve “apoiar uma ação profissional mais dinâmica, questionadora e que caminha *pari passu* com os diferentes movimentos emergentes da sociedade, objetivando apreender o real na sua totalidade” (SETUBAL, 1995, p.14). Desta forma, a motivação para a realização da presente pesquisa exploratória é proveniente do interesse em avaliar a influência da nova metodologia de trabalho, no que se refere às ações desenvolvidas com os Grupos de Convivência do SESC Florianópolis na qualidade de vida cidadã de seus usuários, identificando a percepção dos idosos na aplicabilidade das novas atividades em seu cotidiano.

Escutar os idosos neste processo significa ir rumo a uma avaliação emancipatória que segundo Saul (1991 *apud* BARREIRA 2000, p. 76), situa-se “numa vertente político-pedagógica cujo interesse primordial é emancipador, ou seja, libertador, visando provocar a crítica, de modo a libertar o sujeito de condicionamentos deterministas”.

Para alcançarmos o resultado esperado com este estudo, realizamos uma pesquisa exploratória que têm como objetivo principal “esclarecer e modificar conceitos e idéias, com vistas na formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores, proporcionando uma visão geral, aproximada, acerca de determinado fato” (GIL, 1995, p. 43).

Para a análise dos dados, optou-se por utilizar o método quanti-qualitativo, objetivando um aprofundamento das questões elencadas. Para Minayo (1993, p.247) os métodos quantitativos e qualitativos são complementares e necessários para que as relações sociais sejam analisadas em seus aspectos mais “ecológicos” e “concretos”, aprofundadas em seus significados mais essenciais.

Para um maior aprofundamento sobre a temática a ser pesquisada foram utilizados dados secundários obtidos por pesquisas bibliográficas e documentais que de acordo com Neto (2000 *apud* PEREIRA, 2005, p. 56), é uma dinâmica “fundamental para qualquer tipo de pesquisa [...] e nos permite articular conceitos e sistematizar a produção de uma determinada área de conhecimento”.

Conforme Minayo (1993, p.23), entende-se por Pesquisa:

a atividade básica das Ciências na sua indagação e descoberta da realidade. É uma atitude e uma prática teórica de constante busca que define um processo intrinsecamente inacabado e permanente. É uma atividade de aproximação sucessiva da realidade que nunca se esgota, fazendo uma combinação particular entre teoria e dados. O termo Pesquisa Social tem uma carga histórica e, assim como as teorias sociais, reflete posições frente à realidade, momentos do desenvolvimento e da dinâmica social, preocupações e interesses de classes e de grupos determinados.

Já para Gil (1999, p.44), pesquisa defini-se como:

o processo formal e sistemático de desenvolvimento de método científico. O objetivo fundamental da pesquisa é descobrir respostas para problemas mediante o emprego de procedimentos científicos. A partir dessa conceituação, pode-se, portanto, definir pesquisa social como o processo que, utilizando a metodologia científica, permite a obtenção de novos conhecimentos no campo da realidade social.

Para Luna (1998, p. 15), “a pesquisa visa à produção de conhecimento novo, relevante teórica e socialmente e fidedigno”. Caracterizando o novo como capaz de preencher “uma lacuna importante no conhecimento disponível em uma determinada área de conhecimento, cuja importância do conhecimento produzido é feita pela comunidade de pesquisadores que estudam aquela área de conhecimento.” (LUNA, 1998, p. 15).

A coleta de dados foi realizada através de questionário que como conceitua Gil (1999, p. 128), é uma técnica “de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc”.

O questionário<sup>14</sup> aplicado foi composto por treze questões, sendo sete questões fechadas, uma dependente, duas solicitando a realização um rank de prioridades das atividades que mais gostam no grupo e sobre o que a nova abordagem aplicada no cotidiano dos grupos proporcionou aos idosos, indagando ao final o porquê da categoria escolhida em primeiro e último lugar, finalizando com a questão aberta: Gostaria de acrescentar algum comentário? Esta última preocupa-se em ouvir o idoso subjetivamente. “A informação não-estruturada persegue vários objetivos: (a) a descrição do caso individual; (b) a compreensão das especificidades culturais mais aprofundadas dos grupos; (c) a comparabilidade de diversos casos” (MINAYO, 1998, p.122).

Ainda como instrumento de coleta de dados foi utilizado a observação participante, que possibilita ao pesquisador apreender a realidade social em que o pesquisado está inserido. Marsiglia (2003, p.31), lembra que “a aplicação de qualquer técnica de pesquisa não é apenas

<sup>14</sup> O presente questionário está disponível dentre os Apêndices.

um ato mecânico, pois tudo o que acontece ‘em seu entorno’ poderá trazer importantes contribuições e enriquecer a fase posterior, que é a de análise do material obtido no trabalho de campo”

Como universo de pesquisa foram escolhidos dois Grupos de Convivência de Idosos do SESC Florianópolis, o Grupo União e o Grupo Renascer, que juntos somam 98 participantes, todos do sexo feminino. Como critérios de participação usaram-se a assiduidade de 75% nos encontros e a permanência no grupo, que deveria ser superior a um ano. Como 80% dos participantes estavam aptos a participarem da pesquisa utilizamos como amostra probabilística a aleatória simples, objetivando alcançarmos um resultado neutro de crenças e valores. O sorteio ocorreu na sala do Setor de Grupos e teve como testemunhas a Assistente Social responsável pelo Setor e uma estagiária. Nos casos em que o universo a ser pesquisado envolve um número pequeno (menos de 100 pessoas), Marsiglia (2003), recomenda o sorteio de 30% a 40%. Nesta direção optamos pelo sorteio de 30 senhoras.

O contato com as sorteadas ocorreu durante o encontro dos grupos, mediante abordagem grupal, os objetivos da pesquisa foram expostos e as selecionadas concordaram em responder as questões. Algumas senhoras que não foram sorteadas pediram para participar da pesquisa, entretanto explicamos os critérios necessários para a realização de pesquisa científica e que estes devem ser mantidos para alcançar sua veracidade.

A coleta de dados ocorreu no período de 14 a 23 de outubro no Centro de Convivência do SESC, local utilizado para as reuniões dos grupos, e em uma sala disponibilizada pela instituição. Os horários utilizados para o preenchimento do questionário foram o período que antecede as reuniões e após sua finalização, entretanto, algumas senhoras também se prontificaram a comparecer em outros horários. Ressalta-se que das 30 senhoras sorteadas que haviam concordado em participar da pesquisa, 2 desistiram da participação quanto souberam que deveriam assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido<sup>15</sup>. Mesmo tendo acesso ao conteúdo do termo que continha os esclarecimentos sobre a pesquisa disseram “*Se puder responder as perguntas sem assinar tudo bem, mais se tiver que assinar não*”. Face a necessidade de a assinatura ser imprescindível, por tratar-se de um procedimento comprometido aos princípios éticos de acesso e utilização das informações, não foi possível com a participação de ambas.

Para o preenchimento do questionário algumas das pesquisadas fizeram questão que elas próprias responderem e outras solicitaram ajuda, todavia, todos os questionários foram

---

<sup>15</sup> Termo de Consentimento Livre e Esclarecido está disponível dentre os Apêndices

preenchidos, contando com a presença do pesquisador que orientava e sanava as dúvidas existentes. Marsiglia (2003, p. 26), lembra que “quando o próprio pesquisador aplica o roteiro de perguntas, o chamamos de formulários, e, nesse caso, o índice e a qualidade das respostas são muito melhores”.

As questões objetivas não ofereceram dificuldades para serem respondidas, entretanto, as que se referem à realização do rank de prioridades, tivemos em muitos casos a falta de paciência dos idosos como dificultador, sendo que algumas selecionavam uma categoria como 1ª prioridade e as demais diziam “*Ter o mesmo peso*”. Então, tivemos que explicar e questionar se as demais categorias realmente tinham a mesma importância até que o rank começasse a ser elaborado, culminando com a categoria citada um último lugar. Gil (1999, p. 138) alerta que nestes casos, o aplicador “deve ser suficientemente habilidosos para esclarecer acerca dos propósitos da pesquisa e evitar que os questionários sejam respondidos num clima de frivolidade”. Neste sentido, avaliamos que alcançamos êxito, pois as participantes compreenderam a importância de qualificarem cada ponto apresentado na questão.

Destaca-se que o tempo de duas semanas para a aplicação dos questionários só foi possível porque contou com a colaboração das senhoras que se prontificaram em comparecer em outros horários na instituição, chegando mais cedo aos encontros e permanecendo após o término das atividades.

Evidencia-se que a realização da pesquisa transcorreu satisfatoriamente, alcançando os objetivos esperados principalmente no que se refere à adesão dos idosos a participação na pesquisa, observando que nas questões abertas onde tiveram a possibilidade de se expressar relataram significativas situações vivenciadas em seus cotidianos.

A seguir apresentaremos um breve histórico dos grupos de convivência participantes na pesquisa.

## **4.2 Breve histórico dos grupos pesquisados**

Como citado na seção anterior, o grupo de convivência foi a primeira modalidade de grupo a ser introduzida no trabalho social com idosos no SESC Florianópolis com o objetivo de proporcionar ao idoso um maior convívio em sociedade.

Com a nova metodologia de trabalho desenvolvida em 2008, que resultou na integração entre os grupos, o SESC passou a contar com a presença de cinco grupos de convivência e dentre estes estão os dois que fizeram parte da presente pesquisa, o Grupo Renascer e o Grupo União, cuja escolha foi motivada pelo acompanhamento dos encontros

dos grupos realizado durante a experiência de estágio efetivada na instituição.

O Grupo União é resultado da integração entre três outros grupos, o Grupo Amizade, o Grupo Vida e o GRUPATI (histórico dos três grupos segue abaixo). Seu nome foi escolhido no início de 2008, através de uma votação e, segundo seus participantes, simboliza a união entre os grupos. Na atualidade é composto por 59 senhoras com idade de 58 a 93 anos, tendo seus encontros realizados as terças-feiras no período da tarde.

O Grupo Amizade, que fez parte desta integração, foi fundado em 1978, tendo como um de seus objetivos, segundo os idosos participantes na época, a falta de atividades para os idosos em sociedade e, com a participação no grupo, pretendiam fazer novas amizades, se distrair com passeios e fazer trabalhos manuais. Já o Grupo Vida, fundado em 1995, tem sua origem, de acordo com seus participantes, na busca por uma tarde de lazer, com aprendizados, solidariedade e novas amizades, a escolha do nome se deu devido aos idosos acreditarem que estavam lutando pela vida na terceira idade. O GRUPATI – Grupo de Estudos e Atualização da Terceira Idade foi fundado em 1998, e entre os motivos que levaram os idosos a participarem está, em sua grande maioria, a situação de viuvez, fazendo com que, se sentindo sós, procurassem o grupo para fazer novas amizades, trocas de conhecimentos e de aprendizado, desinibição e também porque após a aposentadoria buscavam alguma atividade para preencher o tempo.

O Grupo Renascer teve sua origem em março de 1995, a princípio como um grupo de senhoras de meia idade. Seu nome foi escolhido por sugestão de uma das participantes e aceito pelas demais pelo significado que representava, pois a maioria era muito jovem e segundo seus participantes buscavam através do grupo “um renascer para vida”, com o aprendizado de novas atividades, como teatro e dança, realizando passeios e fazendo novas amizades.

Na atualidade o grupo se encontra as quintas-feiras no período da tarde e conta com 39 participantes com idade entre 53 e 65 anos, se classificando como grupo de idosos. Muitos participantes que fizeram parte de sua fundação ainda são frequentadores assíduos dos encontros. Com a nova metodologia implantada no início do ano o grupo deveria ter se integrado a outro grupo, entretanto, como não havia um grupo com encontros no mesmo dia da semana a integração não foi necessária, fazendo com que a grande mudança fosse a ampliação no número de vagas.

Observa-se que em todos os grupos citados há entre seus participantes interesses e vontades comuns a serem atendidas coletivamente, contribuindo para a formação grupal.



Hartford (1983, p.37) evidencia que para a formação grupal é necessário:

Duas ou mais pessoas, reunidas com objetivos comuns ou interesses iguais num intercâmbio social, cognitivo e afetivo, e intercâmbio social em encontros isolados ou repetidos, suficientes para que os participantes tenham impressões recíprocas, criem um conjunto de normas para seu funcionamento juntos, desenvolvam metas para suas atividades coletivas, evoluam um senso de coesão para que pensem em si mesmos e sejam pensados pelos outros como uma entidade distinta de todas as outras coletividades.

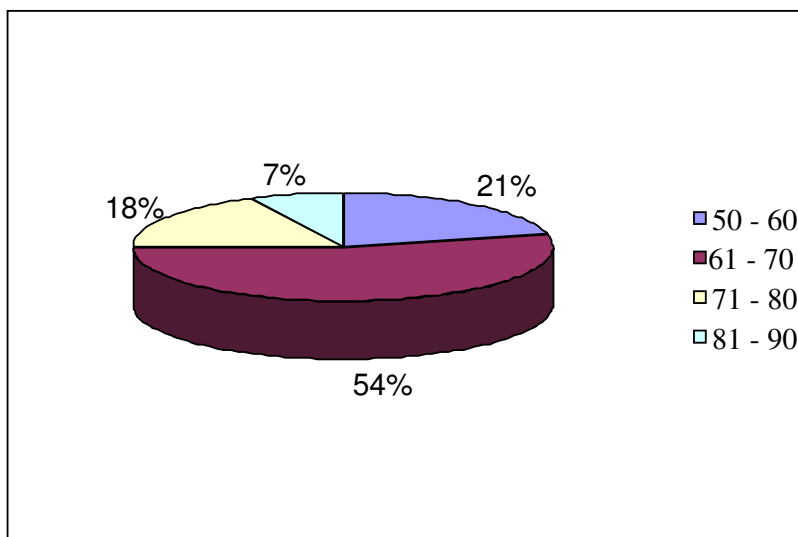
Não obstante, para um maior conhecimento da amostra pesquisada, apresentamos, no próximo item, juntamente com a análise dos dados um breve perfil dos 28 participantes, constando idade, escolaridade, tempo de permanência nas atividades do SESC e ano de entrada no grupo.

### 4.3 Apresentação e análise dos dados pesquisados

Este item destina-se a apresentar e analisar os resultados adquiridos na pesquisa realizada com 28 idosos freqüentadores dos Grupos de Convivência do SESC Florianópolis, os Grupos Renascer e União.

O gráfico 6 refere-se à faixa etária dos sujeitos pesquisados, onde podemos observar a heterogeneidade existente quanto à idade dos idosos que participam dos Grupos de Convivência do SESC.

**Gráfico 6:** Divisão de amostra por faixa etária



Fonte: Da autora (2008)

**Tabela 1:** Divisão de amostra por faixa etária

| <b>Faixa etária</b> | <b>Amostra pesquisada</b> |
|---------------------|---------------------------|
| 50 - 60             | 6                         |
| 61 - 70             | 15                        |
| 71 - 80             | 5                         |
| 81 - 90             | 2                         |

**Fonte:** Da autora (2008)

Segundo a Síntese de Indicadores Sociais de 2008 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) houve um aumento na expectativa de vida do brasileiro entre 1997 e 2007, passando de 69,3 para 72,7 anos, diferença de 3,4 anos em relação a expectativa anterior. As mulheres ainda vivem mais tempo, sendo em média 76,5 anos em comparação aos 69 anos vividos pelos homens. Ainda, entre as grandes regiões do país, o melhor índice de esperança de vida está no Sul com 74,7 anos e o pior, no Nordeste com 69,7 anos. Santa Catarina tem a média de 75,3 anos, assim como o Distrito Federal, se destacando por serem os lugares onde há maior longevidade. Já em Alagoas a expectativa de vida é de 66,8 anos e no Maranhão fica em 67,6 anos, caracterizando-se como as médias mais baixas do Brasil.

Segundo o IBGE (2008), este aumento é devido a fatores como a melhoria das condições de habitação, do acesso aos serviços de saúde, campanhas de vacinação, o aumento da escolaridade, a prevenção de doenças e os avanços da medicina. Entretanto, observa-se através dos dados coletados que apenas 18% da amostra pesquisada está na faixa etária de 71 a 80 anos.

Para a Organização das Nações Unidas (ONU), os idosos podem ser divididos em três categorias a seguir: os pré-idosos que estão entre a idade de 55 e 64 anos; os idosos jovens, na faixa etária entre 65 e 79 anos ou entre 60 e 69 para quem vive na Ásia e na região do Pacífico; e os idosos de idade avançada, com mais de 75 ou 80 anos. Neste sentido, a grande maioria de nossa amostra se classifica como idosos jovens, estando apenas 7% dos pesquisados com idade considerada avançada.

O aumento da população idosa é um fenômeno mundial e traz consigo alterações sociais que influenciam diretamente na qualidade de vida da população. No Brasil, o fenômeno do envelhecimento vem crescendo substancialmente. Dados do IBGE (2008), apontam mudanças de estrutura etária da população. Em 2008, crianças de 0 a 14 anos correspondem a 26,47% da população total, e a população idosa corresponde a 6,53%, ou seja, para cada 100 crianças de 0 a 14 anos existem 2,7 idosos de 65 anos ou mais. Em 2050,

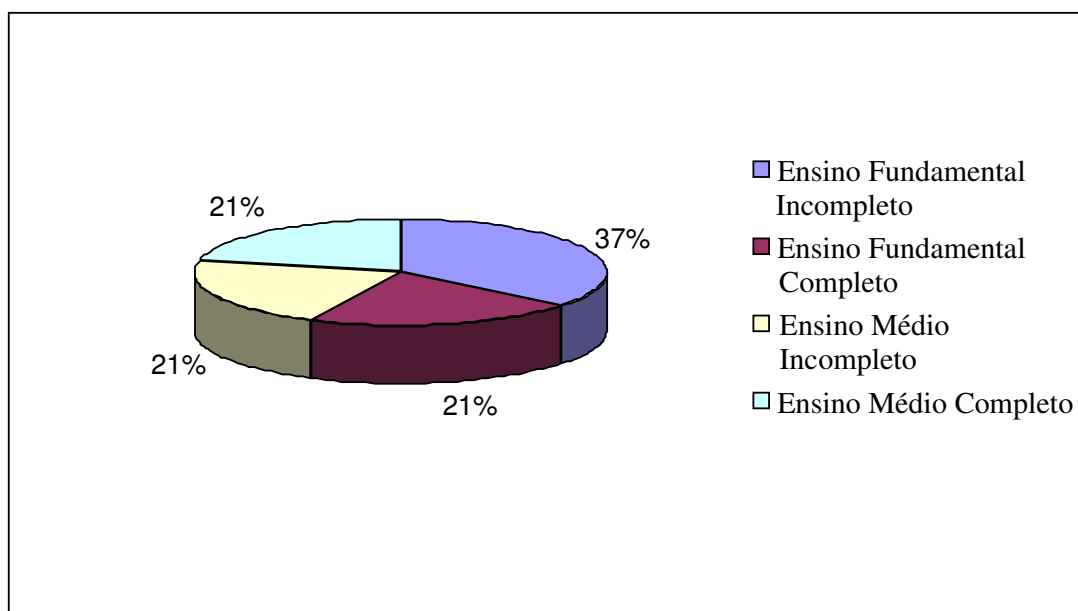
estima-se que o cenário mude e o primeiro grupo represente 13,15%, ao passo que a população idosa ultrapassará os 22,71% da população total, aumentando consideravelmente o número de idosos para 172,7 para cada grupo de 100 crianças.

O presente estudo também aponta uma transformação nas relações entre pessoas que integram (e permanecem) as idades ativas e aquelas que atingem a idade inativa. Em 2000, para cada pessoa com 65 anos ou mais de idade, aproximadamente 12 estavam na faixa etária chamada de potencialmente ativa (15 a 64 anos). Para 2050, a projeção é que para cada pessoa com 65 anos ou mais, pouco menos de 3 estarão na faixa etária potencialmente ativa (IBGE, 2008). O que vem estabelecendo novos desafios ao poder público e a sociedade civil, chamando para a emergência de identificar fatores que assegurem a qualidade de vida da velhice na atualidade e projetando ações futuras, principalmente no que se refere à reformulação de políticas sociais como a Previdência Social, assistência à saúde para a população idosa, educação e o estímulo de redes sociais e suporte intergeracional, considerando o caráter de prioridade que o envelhecimento populacional representa e suas conseqüências sociais, econômicas e intergeracionais.

Os desafios colocados pelo rápido envelhecimento populacional reportam-se à necessidade de geração de recursos e de construção de infra-estrutura adequada que permita um envelhecimento ativo. Sem a realização de mudanças estruturais, haverá no futuro um risco de profundo desequilíbrio fiscal, e o envelhecimento ativo se apresenta como uma forma de abrandar este risco, já que idosos ativos e saudáveis consomem consideravelmente menos recursos. Considerando que um envelhecimento ativo é sinônimo de uma vida saudável, participativa e com seguridade social (OMS/WHO 2002 *apud* WONG, CARVALHO, 2006, p. 20).

No gráfico 7 apresentamos a escolaridade, onde verifica-se que, das pessoas pesquisadas somente 21% completaram o Ensino Médio. No restante 21% têm o Ensino Médio Incompleto, 21% concluíram o Ensino Fundamental e 37% não completaram o Ensino Fundamental, demonstrando uma diversidade quando ao perfil educacional dos pesquisados.

**Gráfico 7:** Divisão da amostra por escolaridade



**Fonte:** Da autora (2008)

**Tabela 2:** Divisão de amostra por grau de escolaridade

| <b>Escolaridade</b>           | <b>Amostra pesquisada</b> |
|-------------------------------|---------------------------|
| Não Escolarizado              | 0                         |
| Ensino Fundamental Incompleto | 10                        |
| Ensino Fundamental Completo   | 6                         |
| Ensino Médio Incompleto       | 6                         |
| Ensino Médio Completo         | 6                         |
| Ensino Superior Incompleto    | 0                         |
| Ensino Superior Completo      | 0                         |

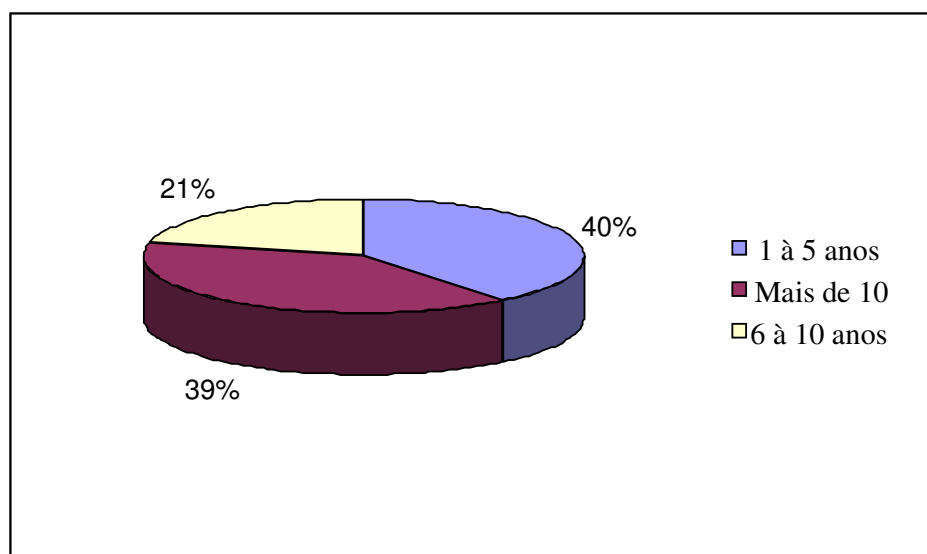
Confirma-se através dos dados que a maioria dos pesquisados não teve acesso ao ensino médio e dentre estes apenas 21% concluíram o ensino fundamental. O grau de escolaridade das mulheres acima de 60 anos, geralmente é baixo, pois para mulheres desta geração a escolaridade não era tida como prioridade, tendo suas trajetórias de vida ligadas quase que exclusivamente a funções familiares. Berzins (2003, p. 31) lembra que, “o acesso ao ensino fundamental era restrito às classes sociais mais altas e particularmente aos homens até o início dos anos 1960. Às mulheres era reservado o papel de serem donas de casa e mães, não sendo destinado a elas um lugar na vida produtiva social”.

Observa-se também que quando eram crianças o acesso à educação era mais restrito. A população rural era maior e, na grande maioria, os indivíduos se dedicavam ao trabalho do campo junto à família. Neste meio, as escolas eram em sua grande maioria distantes e escassas. Nas zonas urbanas, a indústria abarcava grande parte dos jovens a partir dos 14 anos ou até antes, já que não havia restrições legais. Não existia obrigatoriedade dos pais

manterem seus filhos na escola, a escolarização também não era exigência para a formação do trabalhador rural ou urbano, pois o mercado não era tão concorrido. Além do mais, o contexto político da época não propiciava o acesso à educação como um direito de todos. O que somente veio a acontecer a partir de 1988 com a Constituição Federal que passa a exigir uma efetiva ação do Estado na direção de um modelo de ensino público de direito (SANTOS, LOPES, NERI, 2007, p. 77).

Já no gráfico 8 encontramos o tempo de permanência nas atividades do SESC e no gráfico 9, encontramos o ano de entrada.

**Gráfico 8:** Divisão por amostra de tempo de participação nas atividades do SESC



**Fonte:** Da autora (2008)

**Tabela 3:** Divisão de amostra por tempo de participação nas atividades do SESC.

| <b>Tempo de participação nas atividades do SESC</b> | <b>Amostra pesquisada</b> |
|---|---------------------------|
| 1 à 5 anos  | 11                        |
| Mais de 10 anos                                     | 11                        |
| 6 à 10 anos   | 6                         |

Observando o gráfico 8, confirmamos que o número de idosos que frequentam o grupo a mais de 10 anos se iguala aos que estão a menos de 5 anos, e apenas 21% dos pesquisados participa de 6 à 10 anos. Quanto ao ano de entrada, a maioria disse não se lembrar, entretanto, em muitos casos fizeram uma correlação entre a época de entraram no grupo e fatos marcantes de suas vidas. *“O ano não me lembro, mais sei que faz mais de 5 anos porque meu*

*neto era pequeno*”, “*Participo do grupo a mais de 10 anos, meus filhos ainda moravam comigo*”. O que representa os fortes vínculos familiares entre o idoso e a família nesta fase da vida, Cervený e Berthoud (1997 p. 127) lembram que esta fase é também a última da vida da família, onde as relações são marcadas pela reestruturação de papéis, com a saída física de alguns membros do núcleo familiar e a inserção de novos membros como noras, genros e netos, momento de reflexões e de realização de um balanço sobre a vida.

Apesar das modificações no contexto familiar ser um foco de grande influência para a participação dos idosos nos grupos de convivência, podemos inferir pelo tempo de permanência nas atividades que a inclusão da população idosa no debate político em 1988 com a Constituição Federal também chamou o idoso a participar politicamente e socialmente de espaços públicos<sup>16</sup>. Segundo RECH (2006. p.60), neste período:

os próprios idosos comeram a visualizar essa etapa da vida de uma forma diferente, questionando se chegar à velhice necessariamente implicava em ‘sentar no sofá, fazer tricô e esperar a morte chegar’. Identificando-se então a existência de um idoso mobilizado, participante ativo dos movimentos sociais e persistente na reivindicação de seus direitos, tendo consciência de que é um cidadão e por isso deve ser respeitado.

Lembrando que, com a visibilidade da condição do idoso reconhecida na Carta Constitucional de 1988, a sociedade civil pode se mobilizar e reclamar por políticas que atendessem ao segmento, culminando na elaboração de Leis e Estatuto, a saber: a Lei Nº 8.842/94 que estabeleceu a Política Nacional do Idoso (PNI), criando normas para os direitos sociais dos idosos, na tentativa de garantir autonomia, integração e participação efetiva em sociedade; em Florianópolis no ano de 1998 é criada a Lei Municipal do Idoso Nº 5.371/98, criando o Conselho Municipal do Idoso. Em Santa Catarina foi criada a Política Estadual do Idoso (PEI), Lei Nº 11.436/00 tendo como princípios o respeito ao idoso, a garantia de participação social, política e cultural a este segmento. Em 2003 entra em vigor a Lei Federal Nº 10.741/03 que dispõe sobre o Estatuto do Idoso, definindo medidas de proteção às pessoas com idade igual ou superior a 60 anos. Determinando obrigações às entidades assistenciais,

---

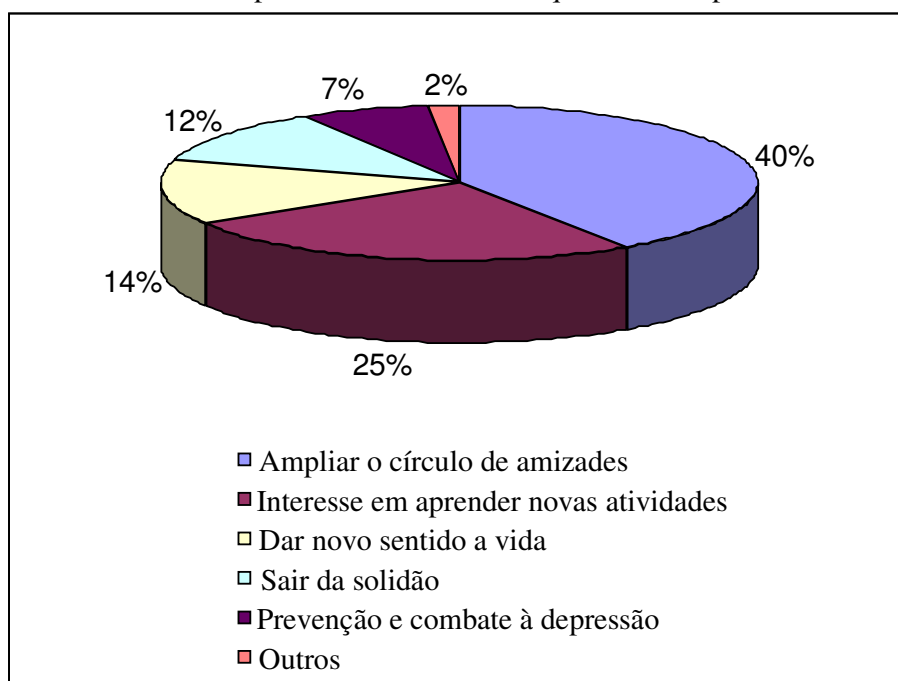
<sup>16</sup> Aqui entendido, não somente como espaço de encontros coletivos, mas, “No âmbito do projeto participativo que vem sendo construído desde década de 80, tratando-se de um processo que difundiu novos discursos e práticas sociais relacionados com a democratização do Estado e com a partilha de esferas de decisão estatal entre os segmentos organizados da sociedade civil. A invenção de novos desenhos e formas de implementação das políticas públicas que animaram diferentes sujeitos sociais, empenhados na experimentação de mecanismos democratizadores da gestão das políticas sociais, como fóruns da sociedade civil em defesa das políticas públicas, plenárias populares, conferências nos três níveis de governo, orçamento participativo, audiências públicas, ouvidorias sociais e conselhos de direitos e gestores de políticas públicas que, nesses últimos dez anos, foram adquirindo importância peculiar como espaço público de exercício do controle social. Raichelis (2006, p. 23).

estabelecendo penalidades para situações que desrespeitem aos idosos e atribuindo uma série de competências e responsabilidades ao Ministério Público. O Estatuto do Idoso estabelece em seu art. 3º:

É obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do Poder Público assegurar ao idoso, com absoluta prioridade, a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária (BRASIL, art. 3º, 2003).

No gráfico 9 identificam-se os motivos que levaram os idosos a participarem dos grupos de convivência.

**Gráfico 9:** Divisão por amostra de motivos que dizem respeito à entrada no grupo



**Fonte:** Da autora (2008)

**Tabela 4:** Divisão por amostra de motivos que dizem respeito à entrada no grupo

| Motivos da entrada no grupo            | Frequência |
|--|------------|
| Ampliar o círculo de amizades          | 24         |
| Interesse em aprender novas atividades | 15         |
| Dar novo sentido a vida                | 8          |
| Sair da solidão                        | 7          |
| Prevenção e combate à depressão        | 4          |
| Outros                                 | 1          |

Com relação aos motivos que levaram os idosos a participarem dos grupos de

convivência, observa-se, através dos dados coletados, que 40% procuraram os grupos para ampliar seu círculo de amizades, enquanto 12% buscavam sair da solidão, o que evidencia a busca do idoso por atividades que o incluam socialmente rompendo com o isolamento, comum nesta fase da vida.

O convívio social é a possibilidade de diminuir o isolamento dos idosos desenvolvendo novos laços de amizade capazes de restituir o sentido psicoemocional do “ser” e do “pertencer”. O grupo constitui-se numa forma concreta de promoção da interação humana, sempre que os membros do grupo tenham a consciência de que suas necessidades podem ser mais bem satisfeitas quando encaminhadas por meio do esforço coletivo em vez do esforço individual. (SALGADO, 2007, p. 72).

Não obstante, a busca por participar de grupos de convivência também é determinada pela falta de espaços públicos que contribuam para a socialização entre as pessoas. A urbanização das grandes cidades causou inúmeras modificações nos espaços públicos ao longo da história, ampliando os lugares privados e tornando os espaços públicos vias de passagem de veículos e pedestres dificultando a convivência e o lazer, favorecendo o isolamento social (ROLNIK, 1996, p. 45).

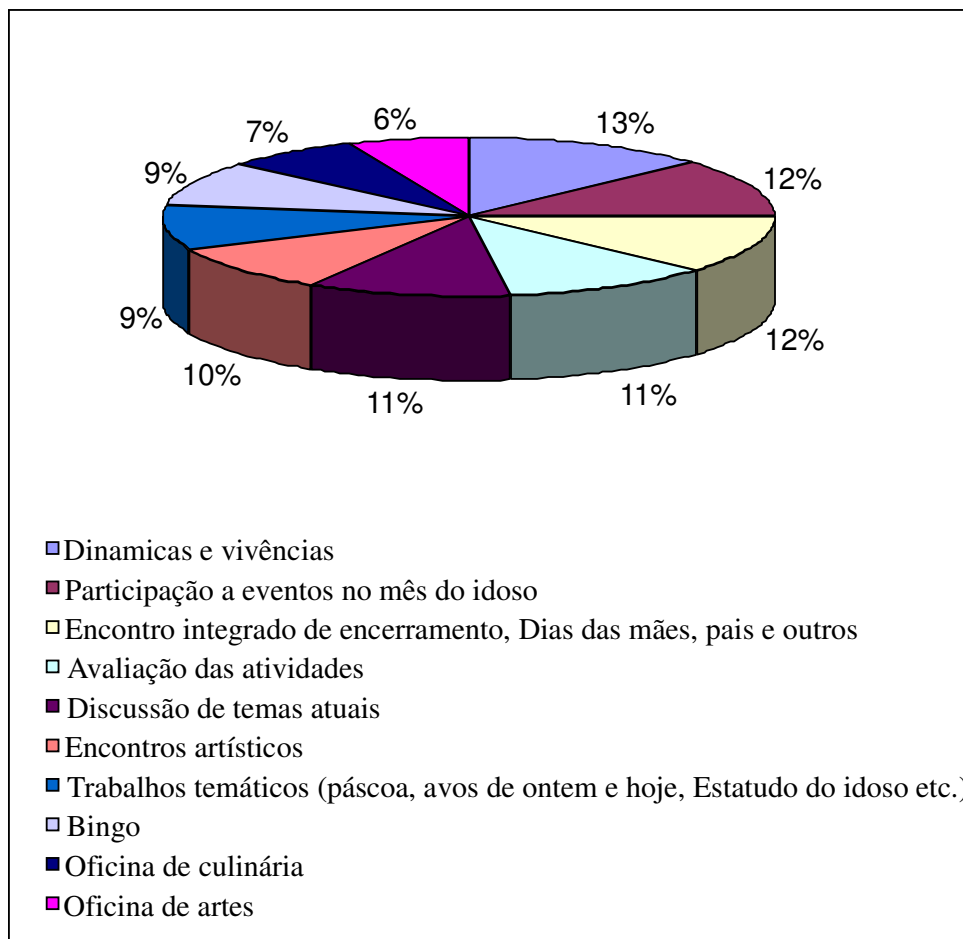
Já 25% dizem ter procurado o grupo por interesse em aprender novas atividades e 14% dar um novo sentido a vida, o que indica o desejo de vivenciar nesta fase situações que não puderam ser concretizadas em outras fases da vida. Isto se deve ao fato dos idosos pertencerem a uma geração educada com rigidez e sem liberdade, impossibilitando que agissem conforme seus próprios interesses e emoções (SALGADO, 2007).

E, apenas 7% se manifestaram dizendo ter procurado o grupo como forma de prevenção e combate à depressão. Ressalta-se, entretanto, que das demais categorias citadas todas apresentam grande potencial no combate e prevenção da depressão, estimulando o idoso ao convívio social, a socialização, a auto-realização, o aumento da auto-estima, além de um maior amadurecimento do processo de envelhecimento pelo qual está passando, aumentando sua qualidade de vida. O não contato em sociedade fragiliza o idoso e o torna vulnerável psicologicamente e mais propenso a problemas como depressão. Sobre a depressão em idosos, a medicina já populariza que fatores biológicos e psicossociais podem causar a depressão, a saber: como biológico a perda neuronal e diminuição de neurotransmissores; o genético; a doença física e as medicações. E fatores psicossociais, a diminuição de renda, as modificações no papel social, o luto/perdas e a doença física incapacitante e/ou dolorosas (MOTTI, 2007).

Assim, no gráfico 10, encontramos as atividades que mais atendiam o interesse dos idosos até 2007.



**Gráfico 10:** Divisão por amostra de atividades que atendiam a expectativa do idoso até 2007



**Fonte:** Da autora (2008)

**Tabela 5:** Divisão de amostra por atividades realizadas no grupo até 2007 que atendiam/ou não a expectativa do idoso

| <b>Atividade que atendiam/ou não as expectativas até 2007</b>              | <b>Sim</b> | <b>Não</b> |
|--|------------|------------|
| Dinâmicas e vivências  | 27         | 1          |
| Encontros integrados de encerramento, dias das mães, pais e outros         | 24         | 4          |
| Participação a eventos no mês do idoso                                     | 24         | 4          |
| Avaliação das atividades   | 23         | 5          |
| Discussão de temas atuais  | 22         | 6          |
| Encontros artísticos   | 20         | 8          |
| Trabalhos temáticos (páscoa, avós de ontem e hoje, Estatuto do Idoso etc.) | 19         | 9          |
| Bingo  | 18         | 10         |
| Oficina de culinária   | 15         | 13         |
| Oficina de artes   | 13         | 15         |

Das atividades que mais atendiam o interesse dos idosos estão as dinâmicas e

vivências, com 13%; seguidas por encontros integrados de encerramento, dias das mães, pais e outros, e participação em eventos no mês do idoso ambos com 12%, avaliação das atividades e discussão de temas atuais com 11%, e 10% encontros artísticos.

Logo, se verificarmos que, dos motivos mais citados para entrada nos grupos de convivência estão a ampliação do círculo de amizades e o interesse em aprender novas atividades, entendemos que as categorias mencionadas como as que atendiam a expectativa dos idosos não são aleatórias, são exemplos concretos de necessidades coletivas a serem atendidas.

O envelhecimento é uma manifestação do fenômeno da vida, um processo natural e inevitável, para qualquer ser humano, o que ocasiona mudanças biológicas, fisiológicas, psicossociais, econômicas e políticas que compõe o cotidiano das pessoas, levando a criação de estigmas sociais que devem ser superados. Neste sentido, atividades de enriquecimento pessoal, de convivência, de produtividade, atividades remuneradas, participação em teatro amador, atividades de lazer, esportivas e outras, mantém a pessoa idosa socialmente ativa, dando um novo sentido à vida.

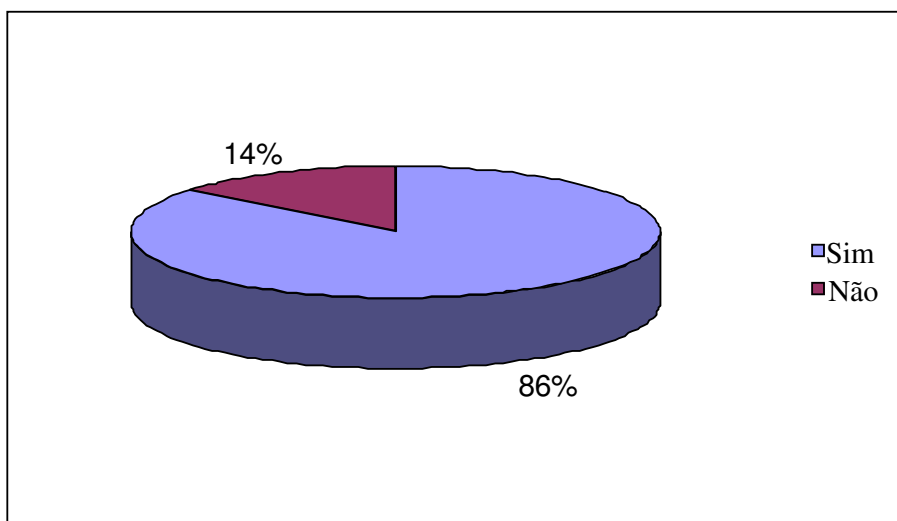
Quando observamos na tabela 5, onde se encontram as atividades citadas como as que não atendiam ao interesse dos idosos, nos chama a atenção que as categorias, oficinas de culinária, oficina de artesanato e o bingo dividem opiniões, demonstrando a heterogeneidade de interesses existentes nos grupos. Ao mesmo tempo, percebemos através dos dados pesquisados que as atividades socialmente destinadas aos idosos já não dão conta de atender aos atuais interesses dos mesmos. O idoso atual percebe a necessidade de interagir, de se expressar e de se sentir ativo através de atividades nunca antes realizadas. A prática de atividades que fizeram parte de suas vidas no passado, como citados por eles próprios “*Já fiz tricô a minha vida toda, agora quero me divertir*”, em alguns casos, não atende mais aos objetivos esperados, fazendo com que busquem novas alternativas de desenvolvimento de suas potencialidades.

O trabalho com grupos de idosos para o Serviço Social se caracteriza como um processo educativo, que possibilita aos indivíduos, melhorar seu convívio social, através de experiências objetivas no grupo. Proporcionando através de vivências, oficinas, dinâmicas e outros a valorização de sua cultura, e sentimentos, estimulando o raciocínio, o aprendizado de novas atividades realizadoras do ser humano como a arte, que possibilitem ao idoso incorporar novas formas de percepção, que tragam mudanças significativas ao seu estilo de ser e viver, obtendo maior sentido à sua existência na velhice (SOUZA, 2003, p. 28). Ações estas articuladas pelo Assistente Social no SESC na busca pela construção de novas

possibilidades de intervenção, junto ao usuário idoso que lhes possibilitem o alcance de qualidade de vida.

No gráfico 11 constatamos a expectativa dos idosos sobre as alterações que ocorreriam nos trabalhos realizados com os grupos em 2008.

**Gráfico 11:** Divisão por amostra da expectativa sobre as alterações que ocorreriam nos trabalhos realizados com os grupos em 2008.



**Fonte:** Da autora (2008)

**Tabela 6:** Divisão de amostra por credibilidade nas alterações que ocorreriam nas atividades do grupo

|  |    |
|--|----|
| Acreditou que as alterações seriam de interesse dos idosos         | 24 |
| Acreditou que as alterações não seriam de interesse para os idosos | 4  |

Das 28 pessoas que participaram da pesquisa, 86% acreditaram que as alterações que aconteceriam no trabalho com os grupos seriam de interesse dos idosos e apenas 14% não acreditaram. A confiança estabelecida entre profissional, instituição e idosos foi fundamental nesta hora e podem ser traduzidas na fala de uma pesquisada, “*Por que o SESC faria algo que não seria do nosso interesse?*”. Segundo Palma (2000 *apud* SALGADO, 2007 p.71) a proposta pedagógica para o trabalho social com idosos deve:

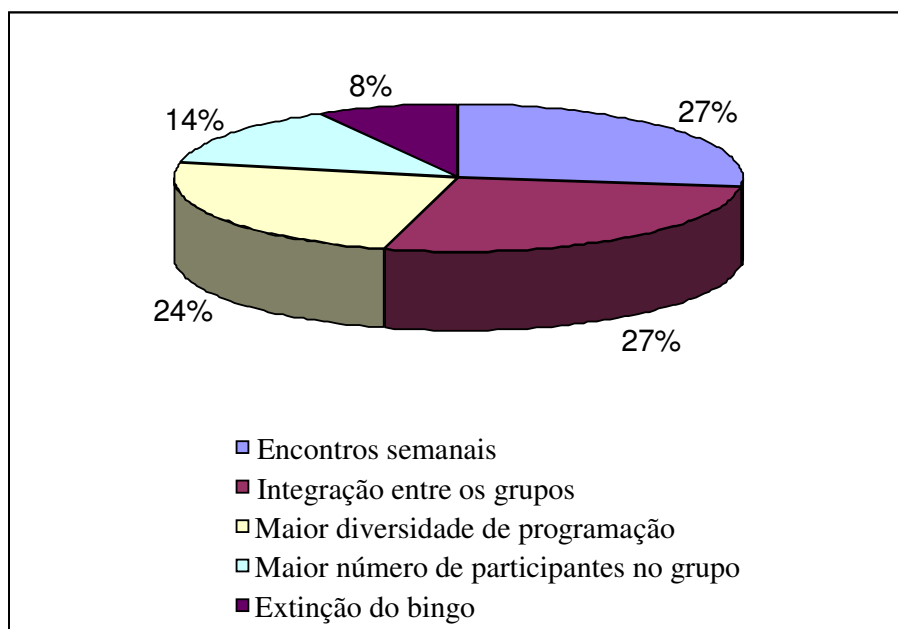
passar pela problemática da realidade, que pressupõe conhecer os idosos envolvidos no processo educativo, as relações que estabelecem entre si e o contexto no qual interagem. É um processo amplo de aprendizado, no qual a reflexão e a interação com outras formas de pensamento podem resultar em muitas e importantes descobertas. É uma maneira de se entender melhor a realidade e encontrar caminhos mais adequados a serem percorridos.

Neste momento, é indispensável a atitude investigativa do assistente social que possibilita uma análise crítica da realidade, o que o torna capaz de decifrá-la em sua imediatez e propor ações que se ajustem às reais necessidades dos indivíduos, possibilitando benefícios concretos.

Desta forma, identificando as novas demandas que se apresentavam aos grupos, o Assistente Social pode propor e planejar ações que, comprometidas com o interesse de seus usuários, pudessem incidir em sua qualidade de vida.

Os gráficos 12 e 13 ilustram as alterações consideradas pelos idosos como sendo positivas e negativas para o grupo como um todo.

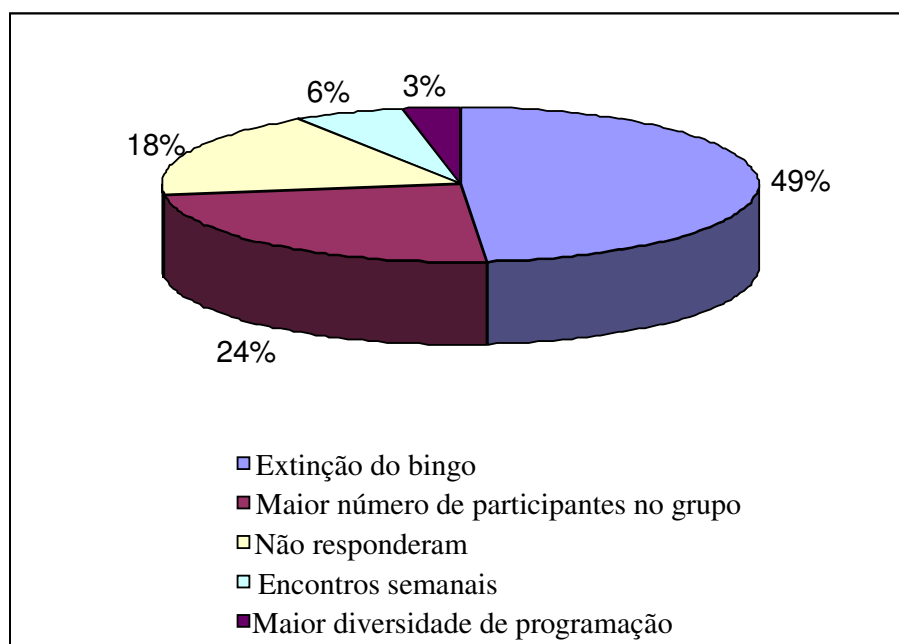
**Gráfico 12:** Divisões por amostra das alterações positivas realizadas nos grupos em 2008.



**Fonte:** Da autora (2008)

**Tabela 7:** Divisão de amostra por alterações positivas realizadas no grupo em 2008

| Alterações positivas para o grupo      | Frequência |
|--|------------|
| Encontros semanais                     | 20         |
| Integração entre os grupos             | 20         |
| Maior diversidade de programação       | 18         |
| Maior número de participantes no grupo | 10         |
| Extinção do bingo                      | 6          |

**Gráfico 13:** Divisões por amostra das alterações negativas realizadas nos grupos em 2008

**Fonte:** Da autora (2008)

**Tabela 8:** Divisão de amostra por alterações negativas realizadas no grupo em 2008

| <b>Alterações negativas para o grupo</b> | <b>Frequência</b> |
|--|-------------------|
| Extinção do bingo                        | 16                |
| Maior número de participantes no grupo   | 8                 |
| Não responderam                          | 6                 |
| Encontros semanais                       | 2                 |
| Maior diversidade de programação         | 1                 |
| Integração entre os grupos               | 0                 |

Para 27% dos pesquisados, os encontros semanais se mostraram uma alteração positiva para os grupos, a distância antes existente entre os encontros dos grupos impossibilitava um maior aprofundamento nas relações interpessoais, necessário para a sedimentação dos laços de amizade entre os participantes, além de não propiciar continuidade às atividades realizadas, interferindo no alcance dos objetivos esperados.

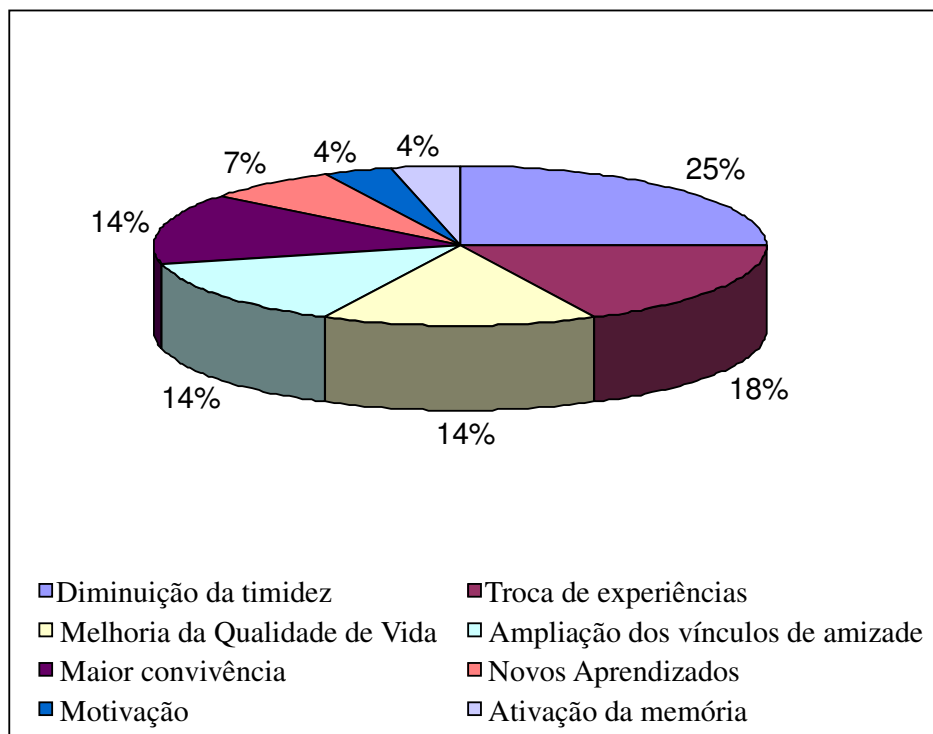
Já a integração, que igualmente obteve 27% de aprovação, demonstra que os idosos entendem o processo como importante para o crescimento dos grupos. Antes os grupos eram formados por um número menor de participantes, o que os tornava grupos fechados com poucas possibilidades de entrada de novos membros, após a integração aumentou-se o número de participantes ampliando também o número de vagas.

A categoria 'maior diversidade de programação' que obteve 18% de aceitação por parte dos idosos chama a atenção para uma contradição, se comparada com as alterações consideradas negativas para o grupo, nesta foi considerada majoritária como negativo a extinção do bingo com 49%. O bingo, atividade realizada rotineiramente nos encontros, constituía-se no grupo como uma atividade com um fim em si mesmo, se tornando um hábito, impedindo o aproveitamento de outras atividades, inclusive sendo algo que incitava conflitos, pelo fator competitividade, inscrito nesse tipo de atividade. Estimulando a não integração e impedindo a participação efetiva do idoso nas atividades oferecidas ao grupo.

O idoso tem medo de realizar o novo, apresentando em algumas situações resistência a novas atividades que fujam do padrão estabelecido socialmente ao segmento. Demonstrando também, certa dificuldade em se adaptar a mudanças rápidas, por isso é necessário que se apresentem novas atividades que o convidem a participar ativamente, incentivando ações que aumentem o nível de informação, aguçando sua curiosidade, promovendo o aprendizado de um novo estilo de vida.

O gráfico 14 apresenta a opinião dos idosos sobre o que as alterações realizadas no trabalho com grupos proporcionaram em suas vidas, citadas por prioridade de primeiro lugar.

**Gráfico 14:** Divisão por amostra de benefícios proporcionados com as alterações realizadas no trabalho com os grupos: categorias em primeiro lugar



Fonte: Da autora (2008)

**Tabela 9:** Divisão por amostra de benefícios proporcionados com as alterações realizadas no trabalho com os grupos

| <b>Categorias</b>                                    | <b>Freqüência</b> |
|--|-------------------|
| Diminuição da timidez                                | 7                 |
| Troca de experiências                                | 5                 |
| Melhoria da Qualidade de Vida                        | 4                 |
| Maior convivência                                    | 4                 |
| Ampliação dos vínculos de amizades                   | 4                 |
| Novos Aprendizados                                   | 2                 |
| Motivação  | 1                 |
| Ativação da memória                                  | 1                 |
| Socialização de experiências                         | 0                 |
| Maior consciência dos direitos do idoso na sociedade | 0                 |

**Fonte:** Da autora (2008)

Analisando o gráfico 14 que se referem a opinião dos idosos sobre o que as alterações realizadas através da nova abordagem de trabalho e o que esta mudança proporcionou em suas vidas, observamos que a categoria diminuição da timidez foi citada por 25% das participantes como benefício obtido em primeiro lugar.

Nenhum ser humano é igual ao outro, nos diferenciamos por características físicas e psicológicas que nos acompanham e vão se modificando durante toda nossa vida. Segundo Juarez (1998 *apud* PEREIRA, 2005, p. 6), existem aspectos particulares que devem ser considerados quando se refere ao segmento idoso:

o fato de a velhice não ser uma condição homogeneia na qual se enquadrem todas as pessoas que atingem determinada idade. Ao contrario trata-se, a velhice, de um processo que se manifesta em fases e tempos e a cada uma dessas fases correspondem condições de vida e níveis de autonomia diferentes.

O fato da diminuição da timidez ter sido citado como primeira prioridade para 25% dos idosos, deixa transparecer os diferentes aspectos psicológicos existente entre os seres humanos, independente de sua idade, observando também através da fala de alguns pesquisados que a timidez muitas vezes não é problema para todos “*Nunca fui tímida*”, entretanto as senhoras que citaram a diminuição da timidez como primeira prioridade, ao serem questionadas do porquê relataram, “*Porque agora eu sou mais descontraída, melhorou muito meu tipo de vida*”, outra senhora relata que “*Tinha dificuldade em me expressar e melhorou*”.

Segundo Campos (2005), para o censo comum, timidez nada mais é do que um caracteriza pessoal, se manifestando pela inibição das pessoas em algumas ocasiões, podendo ser acompanhada de aceleração da respiração e dos batimentos cardíacos. É um comportamento que impede em alguns casos os indivíduos de expressar pensamentos e sentimentos, comprometendo uma interação ativa. Mas também é explicada pela psicologia como processos psicológicos que se destacam através da dificuldade de interagir com as pessoas ou em situações; anseio por liberdade; presenças de desconfortos internos, impedindo a livre expressão de pensamentos, sentimentos e emoções; ansiedades que dependendo da particularidade desses sintomas podem inibir ou bloquear os canais de comunicação.

Quando nos referimos aos idosos, que na maioria dos casos já sofrem um isolamento social, ou como denominado por Caldas (2006), “envelhecimento social”, a timidez pode ampliar o isolamento impedindo a realização de atividades cotidianas que resultem na manutenção de sua qualidade de vida. Caldas (2006, p. 19) alerta que:

o envelhecimento social ocorre quando existe um desengajamento do indivíduo, que deixa de interagir socialmente. Ou seja, quando a sociedade oferece oportunidade para o engajamento e os indivíduos mantêm a capacidade de se adequarem ao desempenho de papéis sociais, o envelhecimento social pode até não ocorrer.

A diminuição da timidez exposta pelas senhoras pode corroborar para uma vida ativa, independente, não permitindo o isolamento social, e como citado por um dos sujeitos pesquisados, causa uma mudança de vida.

Das demais categorias citadas em primeiro lugar, troca de experiência obteve 18%, e as categorias, maior convivência e ampliação dos vínculos de amizade contaram com 14% das respostas, qualidade de vida com 14%, novos aprendizados 7%, motivação 4% e ativação da memória 4%.

Nota-se que as categorias tidas como prioridades para a maioria referem-se ao convívio social, ao não estar só. O envelhecimento, na maioria das vezes, vem acompanhado de perdas significativas causadas pela morte de amigos, parentes e do cônjuge, saída dos filhos de casa, além da aposentadoria que ocasiona perdas de status, identidade social e econômica, causa diminuição na participação social (RODRIGUES, 1993), sendo fatores que incidem na qualidade de vida do idoso. Martins et al. (2007, p. 449), relatam que:

A possibilidade de participar de um grupo, realizar diferentes atividades e, paralelamente, conversar com outros e sorrir, é fator positivo para a vida dos idosos. [...] o sentido de pertencer a um grupo é valioso nesta faixa etária, dada à tendência de afrouxamento dos vínculos sociais e solidão comumente resultados de aposentadoria, independência dos filhos, viuvez e outras perdas afetivas.



Neste sentido, o grupo representa para os idosos um espaço favorável da convivência tão almejada, possibilitando a socialização, a troca de sentimentos através do contato afetivo entre seus participantes.

Como para os sujeitos pesquisados também a melhoria na qualidade de vida é considerada como primeira prioridade, obtendo 14% das respostas, faz-se indispensável a realização de uma reflexão sobre seu conceito, já que a mesma não pode ser traduzida em um único aspecto. Para a Organização Mundial da Saúde - (OMS), não existe um consenso a respeito do conceito de qualidade de vida, entretanto três aspectos devem ser considerados para sua construção, a subjetividade, a multidimensionalidade e a presença de dimensões positivas (ex. mobilidade) e negativas (ex. dor). O desenvolvimento destes elementos conduziu a uma definição de qualidade de vida utilizada pela OMS, como "a percepção do indivíduo de sua posição na vida no contexto da cultura e sistema de valores nos quais ele vive e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações" (WHOQOL GROUP, 1994).

Com o reconhecimento da multidimensionalidade na construção do conceito, elaborou-se um instrumento de avaliação de qualidade de vida baseado em 6 domínios<sup>17</sup>: domínio físico, domínio psicológico, nível de independência, relações sociais, meio-ambiente e espiritualidade/religião/crenças pessoais. Sendo um termo amplo, que concentra as condições necessárias para que os indivíduos tenham possibilidade de viver com autonomia. (OMS, 1998).

Já Sposati em sua pesquisa, Mapa da exclusão/inclusão social (2002), define qualidade de vida como:

a noção de qualidade de vida envolve duas grandes questões: a qualidade e a democratização dos acessos às condições de preservação do homem, da natureza e do meio ambiente. Sob esta dupla consideração entendeu-se que a qualidade de vida é a possibilidade de melhor redistribuição - e usufruto - da riqueza social e tecnológica aos cidadãos de uma comunidade; a garantia de um ambiente de

<sup>17</sup> **Domínio I - Domínio físico:** 1. Dor e desconforto, 2. Energia e fadiga, 3. Sono e repouso; **Domínio II - Domínio psicológico:** 4. Sentimentos positivos, 5. Pensar, aprender, memória e concentração, 6. Auto-estima, 7. Imagem corporal e aparência, 8. Sentimentos negativos; **Domínio III - Nível de Independência:** 9. Mobilidade, 10. Atividades da vida cotidiana, 11. Dependência de medicação ou de tratamentos, 12. Capacidade de trabalho; **Domínio IV - Relações sociais:** 13. Relações pessoais, 14. Suporte (Apoio) social, 15. Atividade sexual; **Domínio V- Ambiente:** 16. Segurança física e proteção, 17. Ambiente no lar, 18. Recursos financeiros, 19. Cuidados de saúde e sociais: disponibilidade e qualidade, 20. Oportunidades de adquirir novas informações e habilidades, 21. Participação em, e oportunidades de recreação/lazer, 22. Ambiente físico: (poluição/ruído/trânsito/clima), 23. Transporte; **Domínio VI- Aspectos espirituais/Religião/Crenças pessoais:** 24. Espiritualidade/religião/crenças pessoais. ( OMS, 1998)

desenvolvimento ecológico e participativo de respeito ao homem e à natureza, com o menor grau de degradação e precariedade.

Percebe-se através dos conceitos que qualidade de vida é um conjunto amplo de necessidade a serem garantidas universalmente aos indivíduos em qualquer faixa etária da vida. Compreendendo desta forma que, as categorias acima listadas nos gráficos não podem ser dissociadas, sendo partes indispensáveis para um viver bem com qualidade.

Ressalta-se que um dos maiores desafios para efetivação da qualidade de vida dos idosos reside na remuneração incompatível para atender as necessidades de gastos. Boa alimentação, condições adequadas de moradia, estabelecimentos e manutenção de contatos sociais, acesso a serviços de saúde e outros, são fatores objetivos a serem satisfeitos, mas que no caso brasileiro tem como obstáculos o valor das aposentadorias<sup>18</sup>, que em sua grande maioria é incompatível com as necessidades básicas de sobrevivência de um indivíduo, ou igualmente porque uma grande parcela da população vive do trabalho informal, não tendo direito na velhice ao pecúlio previdenciário, impedindo a conquista de uma melhor qualidade de vida (BANDEIRA, 2005, p. 58).

É preocupante constatar que a categoria 'maior consciência dos direitos do idoso na sociedade' não aparece nenhuma vez sendo citada em primeiro lugar, já que ela é requisito indispensável ao idoso para uma qualidade de vida cidadã. Quando questionadas sobre o porquê do item não ser considerado como prioridade alguns idosos relataram, “*Aprendo, mais não vai modificar*”, outra diz “*A consciência sobre o idoso só está no papel*”, a descrença existente por parte dos idosos na efetivação de seus direitos e conseqüentemente quanto ao poder público, dificulta a participação do idoso na luta política.

O desinteresse pela política entra pela questão cultural e social e pelas distorções do próprio conceito, muito distante da vivência cotidiana e das formas de enfrentamento dos problemas diários enfrentados pela população. A educação política de todo cidadão é produto de uma formação básica e o ensino de boa qualidade colabora nessa aprendizagem (SILVA, 2008, p. 61).

Despertar o idoso para a importância de sua participação enquanto cidadão é indispensável para a consolidação dos direitos de cidadania. Nestas circunstâncias, espaços como grupos de convivência podem representar neste processo um importante papel pelo seu

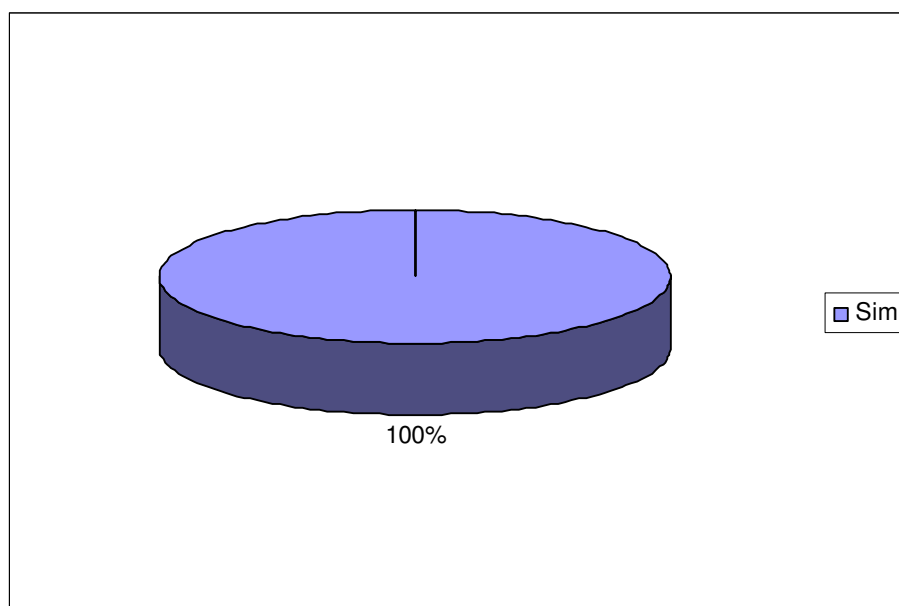
<sup>18</sup> Crise da Previdência: A Previdência cresceu atabalhoadamente; financiou projetos faraônicos e hoje não consegue financiar a manutenção do sistema de previdência dos seus contribuintes; dos cidadãos que ao longo 30, 35 anos de sua vida ativa, contribuíram mensalmente para esse sistema. Crise causada por desvios de recursos, por inadimplência de muitos poderosos, intervenção de organismos internacionais pressionando para o desmonte de políticas sociais, porque não foi previsto o aumento da expectativa de vida do brasileiro e outros. Por isso a Previdência não consegue ser suficientemente ágil para administrar os fundos para a manutenção da qualidade de vida dos que se aposentam, causando um empobrecimento sistemático da população que envelhece. (SALGADO, 1999, p. 10)

potencial de alcance.

Tendo o assistente social como um de seus princípios fundamentais “ampliação e consolidação da cidadania, considerada tarefa primordial de toda sociedade, com vistas à garantia dos direitos civis, sociais e políticos das classes trabalhadoras” (CFESS, 1993, p. 281), devemos acreditar no trabalho com grupos de idosos como propício para uma prática emancipadora, buscando através de ações sócio-educativas despertar no idoso a reflexão acerca de si mesmo, suas ações e seu papel na sociedade.

Com relação a considerarem ou não que as novas atividades realizadas trouxeram benefícios a sua vida, o gráfico 15 reflete a unanimidade entre os participantes quando verificamos que 100% dos sujeitos pesquisados percebem ter adquiridos benefícios através das novas atividades.

**Gráfico 15:** Divisão por amostra de percepção de benéficos adquiridos através das novas atividades



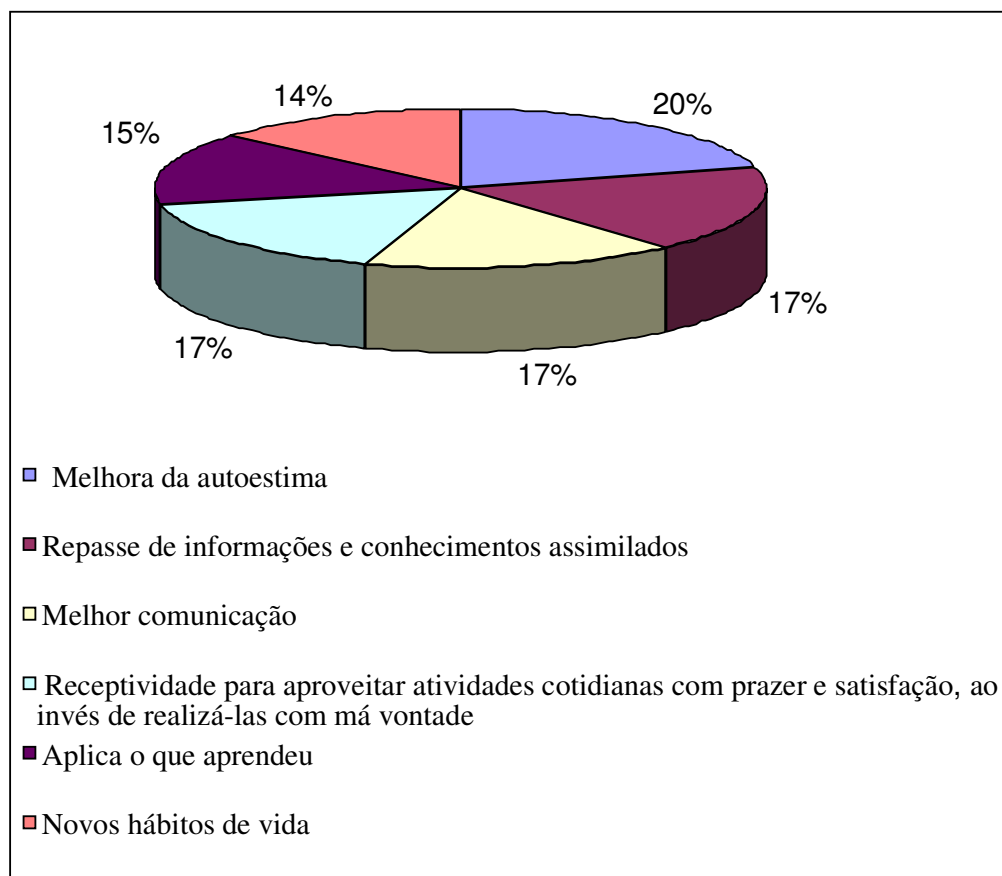
**Fonte:** Da autora (2008)

**Tabela 10:** Divisão de amostra por percepção de benéficos adquiridos através das novas atividades

| As novas atividades trouxeram benéficos para sua vida | Frequência |
|---|------------|
| Sim   | 28         |
| Não   | 0          |

Na figura 16, encontramos os benefícios citados como adquiridos através das novas atividades.

**Gráfico 16:** Divisão por amostra de benefícios adquiridos através das novas atividades



**Fonte:** Da autora (2008)

**Tabela 11:** Divisão de amostra por benefícios adquiridos

| Benefícios adquiridos com as novas atividades      | Freqüência |
|--|------------|
| Melhora da auto-estima                             | 21         |
| Repasso de informações e conhecimentos assimilados | 18         |

|   |    |
|---|----|
| Receptividade para aproveitar atividades cotidianas com prazer e satisfação, ao invés de realizá-las com má vontade | 17 |
| Melhor comunicação  | 17 |
| Aplica o que aprendeu   | 15 |
| Novos hábitos de vida   | 14 |

Ao serem questionados sobre quais benefícios obtidos, a categoria 'melhora da auto-estima' aparece com 20% das respostas.

A auto-estima reflete a imagem que temos de nós mesmos, ela é a capacidade de valorização pessoal indispensável a todo ser humano, traduzindo-se em uma auto-aceitação necessária para se viver bem em qualquer fase da vida. Durante o envelhecimento passamos por transformações físicas, psicológicas e sociais que podem enfraquecer a auto-estima causando declínios psicológicos que levam a desmotivação da pessoa idosa para a realização de atividades cotidianas, ocasionando a perda do entusiasmo por realizar e conhecer coisas novas, dificultando sua integração individual e social e em alguns casos levando a problemas patológicos. O aumento da auto-estima pode proporcionar ao idoso maior resistência para enfrentar as mudanças e perdas provenientes da velhice, proporcionando maior confiança e otimismo para vivenciar esta fase da vida.

Moragas (1997, p. 75) afirma que “são os acontecimentos internos ou externos que colocam em perigo o equilíbrio psíquico”, e alerta que nunca devemos centralizar a auto-estima em uma única atividade como, por exemplo, no trabalho, correndo o risco de que, com seu declínio ou perda ajam frustrações e perda do sentido da vida. Segundo o mesmo autor, “quanto mais dividida esteja a auto-estima entre diversas atividades ou interesses, trabalho, família, afeição, o envelhecimento será mais equilibrado, já que a probabilidade de perder um fator de auto-estima é menor”(1997, p. 76).

Ainda nesta fase, fatores estéticos podem contribuir para que a auto-estima da pessoa idosa seja comprometida, quando se percebe que com o passar dos anos não se tem mais os padrões estéticos exigidos e estabelecidos socialmente, sendo necessário que o idoso compreenda e aceite tais mudanças como parte de uma nova fase da vida com outras perspectivas a serem alcançadas.

Mergulhar na corporeidade idosa é entender a substituição da beleza esteticamente padronizada do corpo jovem pela vivência madura das emoções. É acreditar que essa maturidade vem de dentro para fora, nas relações de intersubjetividade que afloram na convivência dos seres humanos (MOREIRA, 2001, p. 183).

A melhora da auto-estima, citada por 20% dos entrevistados, colabora para uma melhor aceitação da velhice, fazendo com que os idosos percebam nesta fase novos interesses

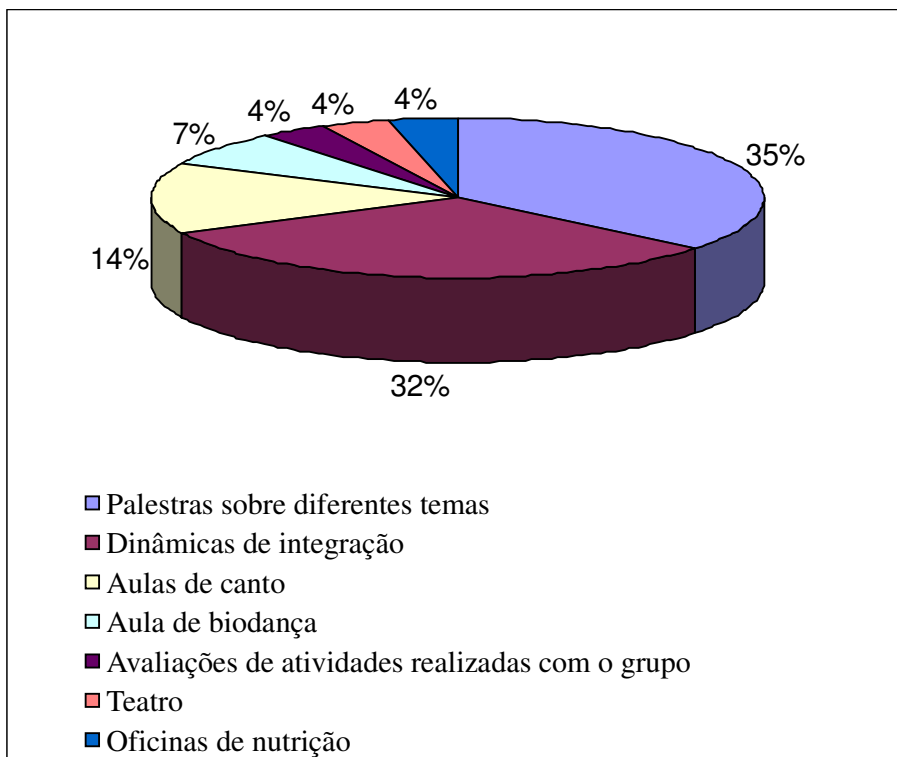
e novas atividades que possibilitem um envelhecimento saudável.

Em seguida, aparece com 17% o repasse de informações e conhecimentos assimilados, receptividade para aproveitar atividades cotidianas com prazer e satisfação, ao invés de realizá-las com má vontade e melhor comunicação. Aplica o que aprendeu obteve 15% e novos hábitos de vida 14%.

Os benefícios citados pelos idosos como adquiridos através das novas atividades realizadas com os grupos, representa outro patamar no trabalho com grupos de idosos. O idoso ao ser motivado a participar ativamente em sociedade começa a se sentir útil e capaz de realizar novos projetos de vida, criando uma nova concepção de velhice. Neste sentido, os grupos de convivência representam um espaço de inserção do idoso no processo de transformação da imagem social da velhice na medida em que estimula sua participação efetiva em atividades políticas, culturais e sociais de forma consciente (SANTANA, SENA, 2003).

O gráfico 17 tem o objetivo de retratar quais as atividades desenvolvidas com os grupos que têm maior preferência dos idosos, classificando-as por prioridade.

**Gráfico 17:** Divisão por amostra de atividades que os idosos mais gostaram: citadas por prioridades de primeiro lugar



**Fonte:** Da autora (2008)

**Tabela 12:** Divisão de amostra por atividade citada em primeiro lugar

| <b>Categorias</b>                               | <b>Frequência</b> |
|---|-------------------|
| Palestras sobre diferentes temas                | 10                |
| Dinâmicas de integração                         | 9                 |
| Aulas de canto                                  | 4                 |
| Aula de biodança                                | 2                 |
| Avaliações de atividades realizadas com o grupo | 1                 |
| Teatro  | 1                 |
| Oficinas de nutrição                            | 1                 |
| Filme   | 0                 |
| Oficinas de jogos da memória                    | 0                 |
| Férias  | 0                 |

Identificamos através dos dados coletados que 35% das pessoas pesquisadas preferem como principal atividade a realização de palestras sobre diferentes temas, 32% as dinâmicas de integração, 14% as aulas de canto, 7% aula de biodança e avaliações de atividades realizadas com o grupo, teatro e oficinas de nutrição ficaram com 4%.

O interesse da maioria pela realização de palestras reflete a vontade dos idosos em estarem atualizados e de aprender novos conteúdos. A palestra é um instrumento com potencial de levar informações a um número considerável de pessoas. Através dela é possível que profissionais de diferentes áreas levem conhecimentos referentes à saúde, direitos sociais, educação e outros que, quando interiorizados, podem provocar mudanças consideráveis no cotidiano dos sujeitos.

Num grupo de idosos a palestra pode representar mudanças positivas que incorrem sobre sua qualidade de vida, entretanto seu grau de alcance vai depender da utilização de métodos pedagógicos adequados, que considerem suas particularidades.

O ritmo de aprendizagem da pessoa idosa é mais lento, dificultando a assimilação das informações que lhe são passadas, necessitando que sejam repetidas várias vezes. Não devem ser pressionados a realizar tarefas com rapidez, pois seu ritmo é mais vagaroso se comparado a quando era jovem, a motivação para o aprendizado é fundamental, sendo necessária a elaboração de uma forma dinâmica de ensino, que prenda seu interesse, já que se distraem com mais facilidade, devem também ser estimulados a participarem ativamente para que não percam o interesse pelo assunto trabalhado (RODRIGUES, 1993). A fala de um dos pesquisados corroborara com esta afirmação quando diz *“O SESC conduz muito bem nossas atividades. A Assistente Social é uma pessoa que fala muito bem, explica muito bem, fala*

*pausadamente de uma forma que entendo bem, ótima palestrante”, ainda sobre as palestras realizadas nos grupos outra senhora fala “Gosto das palestras porque aprendo muita coisa, é muito saudável aprender”.*

Desta forma, o planejamento de atividades educativas voltados para o público idoso deve centrar-se em seus interesses, considerando seu ritmo e suas especificidades, realizando-se de forma democrática e participativa. Objetivos estes que só podem ser alcançados mediante um olhar profissional qualificado e sensível ao processo de envelhecimento. A Política Estadual do Idoso, no seu artigo 7º, prevê, no que se refere à formação profissional, a inserção nos currículos mínimos, nos diversos níveis de ensino formal, conteúdos voltados para o processo de envelhecimento, de forma a eliminar preconceitos e a produzir conhecimento sobre o assunto e a inclusão da Gerontologia e a Geriatria como disciplinas curriculares nos cursos superiores afins (BRASIL, 2000).

Podemos observar através das falas dos pesquisados que as férias dos grupos é um fator que não agrada a maioria dos idosos. Ao serem questionados sobre o motivo que as leva a não gostarem das férias, recebemos respostas dizendo que *“Vivo muito só depois que meu marido morreu, não tenho companhia quase não vejo meu filho e meus netos e aqui tenho amigos, não fico sozinha”*, outra senhora se manifesta dizendo *“Ficar sem vir no grupo me faz falta”* e ainda outra sugere *“as férias deveriam ser só de um mês”*. Apesar das férias não terem sido citadas como principal prioridade por nenhuma das senhoras, algumas acham que ela é positiva falando que: *“Férias são necessárias, meus netos não tem aula e assim posso ficar com eles”* outra diz *“Férias é muito bom, pois é verão e fico na casa de praia com meu filho e meus netos”*

As férias dos grupos acontecem a partir da segunda semana de dezembro e vão até a primeira de março, período que coincide com as férias escolares e de alguns trabalhadores, facilitando o contato familiar. Percebe-se, porém, através das falas, que quando não ocorre esta aproximação o grupo de convivência se torna o *locus* para enfrentar a solidão.

A velhice vem acompanhada da diminuição do ritmo social, com a aposentadoria, saída dos filhos de casa, diminuição de afazeres domésticos e outros, levando o idoso à solidão. Neste momento, o convívio familiar representa o preenchimento dos espaços vazios, possibilitando uma melhora na qualidade de vida, evitando a solidão e o abandono (PEDROZO, PORTELLA, 2003, p. 181). Quando este convívio não acontece o idoso fica fragilizado e vulnerável a doenças como a depressão.

Não obstante, nesta fase outras estratégias de enfrentamentos devem ser empregadas contra a solidão, como a ocupação do tempo livre com o lazer, atividades físicas e artísticas,



participação em grupos de convivência, Universidades para Terceira Idade, e outros. Aumentando seu nível de informação e proporcionando ao idoso uma melhor compreensão de si mesmo e da sociedade favorecendo sua participação social.

Contudo, finalizamos esta análise com um depoimento que conclui o significado dos grupos de convivência na vida dos idosos.

*“Essas reuniões proporcionam ao idoso maior integração social, aliviando e muito a solidão. Compartilhando idéias com outras pessoas, mesmo e tão somente pelo simples chegar até aqui”*. (Depoimento de um dos pesquisados, quando foi questionado ao final se gostaria de acrescentar algum comentário).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A longevidade populacional estabelece novos desafios ao poder público e a sociedade civil, chamando para a emergência de identificar fatores que assegurem a qualidade de vida na velhice. Nesta perspectiva, faz-se necessário a implantação de políticas públicas voltadas aos idosos, assegurando instalações adequadas para seu atendimento, programas específicos e recursos humanos especializados com vistas a proporcionar ao idoso seu desenvolvimento integral como cidadão.

Desta forma, o presente Trabalho de Conclusão de Curso buscou ao longo de sua trajetória, desvelar a contribuição do Serviço Social e da política institucional do SESC no desenvolvimento de políticas sociais privadas no campo do envelhecimento. Políticas essas que garantissem ao usuário idoso autonomia, integração e participação efetiva na sociedade como prevê a Política Nacional do Idoso em seu Art. 1º, considerando a consonância existente entre a política proposta pela instituição para os trabalhos com idosos e as leis pertinentes a este segmento.

A partir da pesquisa realizada com os Grupos de Convivência Renascer e União, buscamos, através dos sujeitos pesquisados, identificar a influência da nova abordagem utilizada na instituição pelo Serviço Social no cotidiano dos idosos e obtivemos êxito. Através da fala dos idosos foi possível confirmar a percepção dos mesmos acerca dos benefícios adquiridos em suas vidas com a participação nos grupos e também que estes advêm das atividades oferecidas por intermédio da nova metodologia proposta em 2008.

Observa-se, através dos resultados, a importância dos grupos na vida do idoso, trazendo benefícios como a melhora da auto-estima; repasse de informações e conhecimentos assimilados; receptividade para aproveitar atividades cotidianas com prazer e satisfação, ao invés de realizá-las com má vontade, melhor comunicação; aplicabilidade do que aprendeu e novos hábitos de vida, são apontados como conquistas realizadas por meio da participação grupal, o que torna os grupos de convivência espaços profícuos que possibilitam ao idoso lidar com as perdas múltiplas existentes na velhice e a reconstrução de padrões de vida.

Aceitar compreensivamente as perdas e modificações da velhice é uma forma de se adaptar a esse tempo. A aceitação não significa a resignação nem a abdicação da luta pela conquista de espaços socialmente reconhecidos e que tragam satisfação pessoal. Entretanto é necessário que o velho se eduque para perceber suas possibilidades e limites, interagindo racionalmente com essa realidade (SALGADO, 2007, p. 76).

Ainda, através dos dados analisados, percebe-se uma lacuna representada pelas férias

dos grupos na realidade de algumas idosas, demonstrando que a solidão na velhice é um dos fatores mais dolorosos deste processo, deixando os idosos mais vulneráveis a fatores externos que comprometem uma qualidade de vida plena. Neste sentido, os grupos se apresentam como ferramenta de inclusão e de valorização social, estimulando o convívio e a participação efetiva do idoso em sociedade.

A participação em grupo é muito importante no tempo do envelhecimento, pois tende a compensar as perdas de entes queridos, sobretudo as perdas referentes ao grupo familiar. Em contrapartida, quando solitários, o idoso torna-se inseguro e confuso quanto a seus valores sociais e morais. Essa insegurança pode ser neutralizada pela identificação e pelo relacionamento com outras pessoas no grupo, podendo partilhar todos os tipos de emoções, inclusive os sentimentos negativos de incompetência, frustrações, ansiedade com relação ao futuro e a perda da auto-estima, porque os outros membros do grupo podem estar vivendo as mesmas emoções (SALGADO, 2007, p. 72).

Quanto a nova abordagem utilizada no Trabalho Social com Idosos em 2008, podemos perceber que teve grande contribuição para que os grupos de convivência passassem a representar para o idoso um novo espaço de aprendizado e auto-valorização influenciando em sua qualidade de vida. Os encontros semanais proporcionam a troca de contato e de experiências, possibilitando a intensificação do uso de novas atividades que despertam nos idosos suas potencialidades, mudando comportamentos e modificando a representação de si mesmo. Entretanto, percebe-se ainda um forte movimento dos idosos pela realização de atividades como o bingo, necessitando alguns ajustes na programação que venham a suprir a falta desta atividade.

A partir dos dois grupos pesquisados, pode-se perceber a contribuição do SESC na qualidade de vida dos idosos que, sendo uma instituição privada e autônoma, percebeu ainda na década de 60 a necessidade de políticas sociais que atendessem as novas demandas advindas do envelhecimento populacional e ao longo de sua história primou por formar profissionais especializados e políticas sociais qualificadas que oferecessem aos idosos, atividades sócio-educativas e de lazer não encontradas comumente em outras instituições, buscando integrá-los socialmente.

Destaca-se também na instituição o papel do Assistente Social como profissional executor da política institucional no Trabalho Social com Idosos onde a prática da avaliação é uma constante, subsidiando a intervenção profissional na mediação dos interesses entre idosos e instituição e que, em algumas situações, culminou na utilização de uma nova abordagem para o trabalho realizado com os grupos.

Situação que ficou evidente no presente Trabalho de Conclusão de Curso, através da

prática da Assistente Social responsável pelo Setor de Grupos, que escutando o idoso, estudando e diagnosticando situações problemas existentes no trabalho, planejou e pleiteou junto à instituição novas propostas de atuação para o aumento da qualidade dos serviços prestados aos usuários. Resultando em uma nova abordagem de trabalho, que permite aos idosos participarem diretamente do planejamento da programação a ser desenvolvida junto aos grupos. No art. 5º do Código de Ética, o Assistente Social tem como um de seus deveres:

contribuir para a viabilização da participação da população usuária nas decisões institucionais; democratizar as informações e o acesso aos programas disponíveis no espaço institucional, como um dos mecanismos indispensáveis à participação dos usuários (CFESS, 1993, p. 13).

Logo, os objetivos do Serviço Social ganharam maior possibilidade de efetivação, na medida em que os princípios norteadores do Trabalho Social com Idosos da instituição se aproximam dos preceitos orientadores do Projeto Ético Político da profissão. Observando, na metodologia utilizada no Trabalho Social com Idosos em 2008, um empenho do SESC juntamente com o profissional de Serviço Social para a criação de uma nova proposta educativa, apresentando atividades diferenciadas, buscando a valorização do idoso, a manutenção de sua autonomia e um desenvolvimento ativo que permita a conquista de uma qualidade de vida cidadã.

Não obstante, pesquisas como estas refletem a importância dos espaços públicos para os idosos numa perspectiva de participação integral, sendo que as necessidades a serem supridas no SESC não são individuais e sim coletivas, atingindo uma grande parcela de idosos na sociedade brasileira.

Ressalta-se ainda que, através da mobilização dos idosos e de organizações da sociedade civil foi possível a inclusão da população idosa no debate político culminando na elaboração de leis federais, estaduais, municipais e do Estatuto do Idoso, formando as bases das políticas públicas voltadas ao atendimento do idoso. Declarando um conjunto de princípios, diretrizes e intenções a serem seguidas pelas instituições sociais e cidadãos em suas relações com os idosos, materializando uma conquista cidadã, mas que ainda enfrenta desafios para sua efetivação, representados por falta de investimentos públicos em políticas sociais, recursos humanos capacitados e outros, que só podem ser superados mediante participação popular no processo reivindicatório (NERI, 2005).

Acredita-se que este estudo possa trazer importante contribuição para a instituição e para o Serviço Social, possibilitando a real visibilidade dos resultados obtidos através da nova abordagem utilizada no Trabalho Social com Idosos. Percebemos também que a pesquisa

realizada com os grupos já surtiu efeito na instituição, na medida em que possibilitou a reflexão do profissional de Serviço Social resultando na inserção no planejamento de 2009, de atividades há serem realizadas durante as férias buscando suprir a falta dos grupos de convivência no cotidiano dos idosos neste período.

Nesta direção sugerimos ao Serviço Social do SESC local e nacional, promover debates e propostas que oportunizem uma efetiva inserção profissional no planejamento, em particular, na definição de uma metodologia participativa, onde os diversos usuários do SESC possam efetivamente expressar suas demandas. Trata-se de um procedimento essencial para avançarmos em práticas sociais democráticas e emancipadoras.

Este Trabalho de Conclusão de Curso não tem a pretensão de esgotar o assunto, mas possibilitar a ampliação do interesse acadêmico de professores e alunos do Curso de Serviço Social na temática do idoso. “Que por ser uma profissão que atua em constante interação com as políticas e os direitos sociais, não pode ficar alheio à tematização do fenômeno do envelhecimento” (PEREIRA, 2005, p. 3). Sendo que o aumento mundial da população idosa apresenta novas demandas sociais que chamam a categoria dos Assistentes Sociais a se capacitarem para melhor atender este segmento.

Diante da relevância do tema, sugere-se ao Departamento de Serviço Social da Universidade Federal de Santa Catarina a inclusão de disciplinas na grade curricular que enfoquem conteúdos teórico-metodológicos referentes à intervenção profissional em espaços sócio-ocupacionais direcionados a demandas apresentadas por segmentos geracionais, em particular, conteúdos específicos sobre a condução coletiva da problematização e resolutividade das demandas através de encontros, reuniões, debates entre outros procedimentos técnicos operativos.

## REFERÊNCIAS

AGUILAR, Maria José; ANDER-EGG, Ezequiel. **Avaliação de Serviços e Programas Sociais**. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

ARRETCHE, Marta T. S. Tendências no estudo sobre avaliação. In.: RICO, Elizabete Melo (Org). **Avaliação de políticas sociais: uma questão em debate**. 2. ed. São Paulo: Cortez: Instituto de Estudos Especiais, 1999. p.29-29.

ARRUDA, Marcos. **Crescimento econômico ou desenvolvimento humano e social? Os impasses da atual conjuntura nacional e global**, Goiânia, 8 de abril de 2008. Disponível em: <<http://www.adital.org.br/site/noticia.asp?lang=PT&cod=32628>>. Acesso em: 01 set. 2008.

BALANÇO SOCIAL SESC 2006: SESC 60 anos.

BANDEIRA, Maria Karla. Discutindo a qualidade de vida do idoso. In: **Revista A Terceira Idade**. nº 34. São Paulo: SESC, outubro 2005, p.50-61.

BAPTISTA, Miriam Veras. **Planejamento: introdução à metodologia de planejamento social**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1978.

BARREIRA, Maria Cecília Roxo Nobre. **Avaliação participativa de programas sociais**. São Paulo: Veras Editora, 2000.

BELLONI, Isaura; MAGALHÃES, Heitor de; SOUZA, Luzia Costa de Souza. **Metodologia de avaliação em políticas públicas**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001

BERZINS, Marília Anselmo Viana da Silva. Envelhecimento populacional: uma conquista celebrada. **Revista Serviço Social e Sociedade**, São Paulo, n. 75, p.19-33, 2003.

BRANDÃO, Daniel Braga; SILVA, Rogério Renato; PALOS, Cássia Maria Carraco. **Da construção de capacidade avaliatória em iniciativas sociais: algumas reflexões**. São Paulo: Instituto Fonte para o Desenvolvimento Social, 2004.

BRASIL. Decreto-Lei nº 1948, de 03 de julho de 1996. **Regulamenta a Lei nº 8.842 de janeiro de 1994, que dispõe sobre a Política Nacional do Idoso, e dá outras providências**. Brasília: Ministério da Previdência e Assistência Social/Secretaria de Assistência social, 1994.

\_\_\_\_\_. Lei nº 5.371, de 24 de setembro de 1998. **Dispõe sobre a Política Municipal do Idoso.** Brasília: Ministério da Previdência e Assistência Social/Secretaria de Assistência social, 1998.

\_\_\_\_\_. Lei nº 11.436, de 07 de junho de 2000. **Dispõe sobre a Política Estadual do Idoso.** Brasília: Ministério da Previdência e Assistência Social/Secretaria de Assistência social, 2000.

BRAZ, Leticia G. **Projeto Viver Bem a Idade que se Tem:** um redimensionamento do trabalho social com idosos do SESC de Florianópolis na perspectiva do Serviço Social. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

BUVINICH, Manuel Rojas. Ferramentas para o monitoramento e avaliação de programas e projetos sociais. **Cadernos de políticas sociais:** série documentos para discussão, n. 10, 1999. Disponível em: [http://www.aleixoassociados.com.br/biblioteca/ssocial/2semestre2006/D1/Ferramentas\\_para\\_avaliacao\\_monitoramento\\_de\\_programas\\_projetos\\_sociais.pdf](http://www.aleixoassociados.com.br/biblioteca/ssocial/2semestre2006/D1/Ferramentas_para_avaliacao_monitoramento_de_programas_projetos_sociais.pdf)>. Acesso em: 03 set. 2008

CALDAS, Célia Pereira. Introdução à gerontologia. In.: VERAS, Renato; LOURENÇO, Roberto (Org). **Formação humana em geriatria e gerontologia:** uma perspectiva interdisciplinar. Rio de Janeiro, RJ: uNAti/UERJ, 2006. p. 18 -21.

CAMPOS, Shirley de. **Psiquiatria e Psicologia:** timidez. Medicina avançada. 2005. Disponível em: > <http://www.drashirleydecampos.com.br/noticias/17206>>. Acesso em 08 nov. 2008.

CERVENY, Ceneide M. de Oliveira; BERTHOUD, Cristiana M. E. **Família e ciclo vital:** nossa realidade em pesquisa. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

CFESS – Conselho Federal de Serviço Social. **Código de Ética do Assistente Social.** 1993. Disponível em: [http://www.cfess.org.br/pdf/legislacao\\_etica\\_cfess.pdf](http://www.cfess.org.br/pdf/legislacao_etica_cfess.pdf). Acesso em: 15 set. 2008.

COELHO, Maria da Graça. **A participação do Serviço Social nos grupos de idosos.** Florianópolis: IOESC, 1988.

CORREIA, Maria Valéria Costa. **Desafios para o controle social:** subsídios para capacitação de conselheiros de saúde. Rio de Janeiro: Editora Fio Cruz, 2005.

CUNHA, Carla Giane Soares da. **Avaliação de políticas públicas e programas**

**governamentais:** tendências recentes e experiências no Brasil. 2006. Disponível em: <  
[http://www.scp.rs.gov.br/uploads/Avaliacao\\_de\\_Políticas\\_Publicas\\_e\\_Programas\\_Governamentais.pdf](http://www.scp.rs.gov.br/uploads/Avaliacao_de_Políticas_Publicas_e_Programas_Governamentais.pdf)> Acesso em: 01 set. 2008.

ESTATUTO do idoso. **Lei n. 10.741, de 01 de outubro de 2003.** Brasília/DF. Disponível em:  
[http://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/lei\\_10741\\_06\\_0118\\_M.pdf](http://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/lei_10741_06_0118_M.pdf). Acesso em: 17 nov. 2008.

FALEIROS, Vicente de Paula. **Saber profissional e poder institucional.** 4. ed. São Paulo: Cortez, 1993.

FERRERA, Maria. A. C. **Idosos, muito idosos: reflexões e tendências.** O mundo da Saúde, v. 26, n.4, p. 467-471, 2002.

FILGUEIRAS, Cristina A. C. Avaliação de programas: oportunidade para a institucionalidade social. **Revista Serviço Social e Sociedade**, São Paulo, ano 28, 2007.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 1995.

HARTFORD, Margaret E. **Grupos em Serviço social.** Rio de Janeiro: Ed. Agir. 1983.

IBGE. População brasileira envelhece em ritmo acelerado. 2008. Disponível em<  
[http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia\\_visualiza.php?id\\_noticia=1272&id\\_pagina=1](http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1272&id_pagina=1)> Acesso em: 29 nov. 2008.

IAMAMOTO, Marilda. **O Serviço Social na contemporaneidade:** trabalho e formação profissional. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

LUNA, Sérgio V. **Planejamento de pesquisa:** uma introdução. São Paulo: EDUC/PUC-SP, 2002.

MARINO, Eduardo. **Avaliação:** a mudança do paradigma. São Paulo: Instituto Fonte, 2001. Disponível em<  
[http://institutofonte.org.br/sites/default/files/Marino%20E\\_Avaliacao%20-%20a%20mudanca%20de%20paradigma\\_artigo.pdf](http://institutofonte.org.br/sites/default/files/Marino%20E_Avaliacao%20-%20a%20mudanca%20de%20paradigma_artigo.pdf)>. Acesso em: 29 set. 2008.

MARSIGLIA, Regina M. G. **O Projeto de pesquisa em Serviço Social.** In.: CAPACITAÇÃO em Serviço Social e Política Social: Modulo 05: Intervenção e pesquisa em Serviço Social. Brasília: CFESS: ABEP: CEAP, 2003.



MARTINS, Claudia Regina Magnabosco. **O envelhecer segundo adolescente, adultos e idosos usuários do SESC Maringá:** um estudo de Representações Sociais. 2002. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

MARTINS, Gilberto de Andrade. **Estudo de caso:** uma estratégia de pesquisa. São Paulo: Atlas, 2006.

MARTINS, Josiane de Jesus; et al. Educação em saúde com suporte para a qualidade de vida de grupos da terceira idade. **Revista eletrônica de enfermagem**, 2007. Disponível em: <<http://www.fen.ufg.br/revista/v9/n2/v9n2a12.htm>>. Acesso em: 09 nov. 2008.

MELO, A. I. S. C.; ALMEIDA, G. E. S. **Interdisciplinaridade:** possibilidades e desafios para o trabalho profissional. In.: CAPACITAÇÃO em Serviço Social e Política social, Módulo 4. Brasília: NED/Cead /UNB, 1999

MILITÃO, Rose; ALBIGENOR. **S. O. S.:** dinâmicas de grupo. Rio de Janeiro: Qualilymark, 1999.

MINAYO, Maria. Cecília S.; SANCHES, Odécio. Quantitativo-Qualitativo: oposição ou complementaridade? **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 9, n.3, p. 239-262, jul./set., 1993.

\_\_\_\_\_. **O desafio do conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. 5. ed. São Paulo: HUCITEC-ABRASCO, 1998.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Idoso no Mundo. Disponível em:<<http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/exposicoes/idoso/idosom.html>> Acesso em: 2 nov. 2008.

MINISTÉRIO DA FAZENDA. Carga Fiscal 1999 - O Sistema S. Disponível em:<[http://www.receita.fazenda.gov.br/Historico/Arrecadacao/Carga\\_Fiscal/1999/SistemaS.htm](http://www.receita.fazenda.gov.br/Historico/Arrecadacao/Carga_Fiscal/1999/SistemaS.htm)> Acesso em: 24 out. 2008

MORAES, Ana Cláudia; et al. **A atuação do Serviço Social no Hospital Universitário da Universidade Federal de Santa Catarina.** Caderno de Texto nº 7, Conselho Regional de Serviço Social, 12ª Região. Florianópolis: EMYO, 2007.

MORAES, Nidia de J. **Relatório de Intervenção do Estágio Curricular Obrigatório I.** Florianópolis, 2008. Trabalho não publicado.

MORAGAS & MORAGAS, Ricardo. **Gerontologia social: envelhecimento e qualidade de vida**. São Paulo: Ed Paulinas, 1997.

MOREIRA, Wagner Wey. **Qualidade de vida: complexidade e educação**. São Paulo: Papirus, 2001

MOTTI, Mônica Cristine Jose. **Depressão presente na vida do idoso**. Disponível em: <<http://www.medicinageriatrica.com.br/2007/10/04/saude-geriatria/depressao-presente-na-vida-do-idoso/2007>>. Acesso em: 13 nov. 2008.

OLIVEIRA, Maria Heloísa. **Avaliação de Políticas Sociais**. In.: CURSO de Formação Profissional: um projeto de atualização: Módulo II. Florianópolis: CRESS 12ª. Região, 1998.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Instrumentos de avaliação de qualidade de vida (WHOQOL)**. 1998. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/psiq/whoqol1.html#1>>. Acesso em: 09 nov. 2008.

PEREIRA, Gabriela Rodrigues. **A influência dos Grupos de Convivência na qualidade de vida dos idosos do município de Garopaba**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

PEREIRA, Potyara A. P. **Formação em Serviço Social, Política Social e Fenômeno do Envelhecimento**. Brasília, 2005. Disponível em <<http://www.portaldoenvelhecimento.net/download/formacaosocialpotyara.pdf>>. Acesso em: 23 nov. 2008.

PEDROZO, Silvana Kemmerich; PORTELLA, Marilene Rodrigues. **Solidão na velhice**. Universidade de Passo Fundo - UPF. Disponível em: <[http://www.esp.rs.gov.br/img2/v17n2\\_19solidaoVelhice.pdf](http://www.esp.rs.gov.br/img2/v17n2_19solidaoVelhice.pdf)>. Acesso em: 12 nov. 2008.

PORTAL DO COMÉRCIO. Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo. Disponível em: <http://www.portaldocomercio.org.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?inford=3608&sid=13>. Acesso em: 04 out. 2008.

PRADO, Tânia Maria B. **Participação: um estudo sobre idosos**. UFES. Vitória. 2006. Disponível em < <http://www.assistentesocial.com.br/biblioteca.php>> Acesso em: 30 out. 2008.

RAICHELIS, Raquel. **Gestão Pública e a Questão Social na grande cidade**. CEDEC, São

Paulo, p 13-48, 2006. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ln/n69/a03n69.pdf>> Acesso em: 25 nov. 2008.

RECH, Ângela. **Do princípio a atualidade: as transformações no trabalho com grupos de idosos no SESC – Florianópolis/SC**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

RODRIGUES, Francisco Flavio de A.; LEAL, Maria Leonor de M. S.; HARGREAVES, Lourdes. **Qualidade em prestação de serviços**. Rio de Janeiro: Ed. SENAC Nacional, 1996.

RODRIGUES, Nara da Costa. **A prática da pedagogia junto ao idoso**. In: Revista A Terceira Idade. nº7. São Paulo: SESC, junho 1993, p.45-49.

ROLNIK, Raquel. A Cidade e o Idoso. In: **Revista A Terceira Idade, nº 14**. São Paulo: SESC, agosto 1998, p.44-50.

SALGADO, Marcelo Antonio. Os grupos e a ação pedagógica do Trabalho Social com Idosos. In: **Revista A Terceira Idade**. nº 39. São Paulo: SESC, junho 2007, p.67-78.

\_\_\_\_\_. Conferência: “O idoso brasileiro no próximo século. In: **Revista A Terceira Idade**. nº17. São Paulo: SESC, agosto 1999, p.5-13.

SENAC. **História**. Disponível em: < <http://www.senac.br/institucional/senacnumeros.html> > Acesso em: 04 out. 2008

SANTANA, Hilca de B.; SENA, Kaline L. O idoso e a representação de si. In: **Revista A Terceira Idade**. nº 28. São Paulo: SESC, setembro 2003, p.44-53.

SANTOS, Geraldine Alves dos; LOPES Andréa; NERI Anita Liberalesco. Escolaridade, raça e etnia: elementos de exclusão social de idosos. Idosos no Brasil. In: **Idosos no Brasil: desafios e expectativa na 3ª idade**. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo: Edições SESC, 2007.

SARMENTO, Hélder B. M. Repensando os instrumentos em serviço social. In: STOCKINGER, Silvia da Cosa (Org). **Textos de Teoria e Prática de Serviço Social**. Belém: Ed. Amazônia/ UFPA, 2005, p. 06-48. v.1.

SESC - SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO – SANTA CATARINA. **Relatório de Gestão Anual SESC/SC 2004**.

SESC - SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO – SANTA CATARINA. **Relatório de Gestão Anual SESC/SC 2007.**

SESC - SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO – SESC no Brasil. **Site institucional.** Disponível em< [www.sesc.com.br](http://www.sesc.com.br)>. Acesso em: 15 jul. 2008

SESC - SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO – Unidade Florianópolis. Registros Institucionais. **Setor de Grupos: avaliações 2005 e 2007 dos grupos de convivência.**

SESC - SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO – Unidade Florianópolis. **Registros Referentes ao trabalho com grupos: histórico dos grupos de convivência realizado em 2006.**

SESC - SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO – Unidade Florianópolis. **Registros Referentes ao trabalho com grupos: registro de encontros grupais 2007.**

SETUBAL, Aglair Alencar. **Pesquisa em Serviço Social: utopia e realidade.** São Paulo. Editora: Cortez, 1995.

SILVA & SILVA, Maria Ozanira. **Avaliação de políticas e programas sociais: teoria e prática.** São Paulo: Veras Editora, 2001.

SILVA, Renato R.; BRANDÃO, Daniel. **Os quatro elementos da avaliação.** São Paulo: Instituto Fonte, 2003.

SILVA, Terezinha Maria Nelly. O Idoso, a Educação Popular e a Política Social. Uma Leitura partir de Paulo Freire. In: **Revista A Terceira Idade.** nº 42. São Paulo: SESC, junho de 2008, p.52- 61.

SOUZA, Maria Luiza de. **Serviço social e instituição: a questão da participação.** 5. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

SOUZA, Maria Rosária de. **Gestão de projetos sociais.** 3. ed. São Paulo : AAPCS – Associação de Apoio ao Programa Capacitação Solidária, 2001. Disponível em: <http://www.pcs.org.br/livros/pdfgestao.pdf#page=102>Maria > Acesso em: 07 set. 2008.

SOUZA, Samuel Rodrigues de. A conquista da qualidade de vida através da pintura. In: **Revista A Terceira Idade.** nº 26. São Paulo: SESC, junho de 2003, p. 27-51.

SPOZATI, Aldaíza. **Mapa da exclusão/inclusão social**. Núcleo de Seguridade e Assistência Social da PUC/SP, 2002.

Disponível em:<<http://www.comciencia.br/reportagens/ppublicas/pp11.htm>>. Acesso em: 09 nov. 2008.

TÁBUAS Completas de Mortalidade. Disponível em: [http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia\\_visualiza.php?id\\_noticia=1043&](http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1043&). Acesso em: 02 nov. 2008

TATAGIBA, Maria Carmen; FILÁRTIGA, Virgínia. **Vivendo e aprendendo com grupos: uma metodologia construtiva de dinâmica de grupo**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

TAVARES, Everkley Magno Freire. **Poder local e sustentabilidade: uma avaliação das políticas públicas para o meio ambiente da cidade de Mossoró-RN**. Brasília –DF. 2006. Disponível em:<

[http://www.anppas.org.br/encontro\\_anual/encontro3/arquivos/TP272-27022006-233714.PDF](http://www.anppas.org.br/encontro_anual/encontro3/arquivos/TP272-27022006-233714.PDF)>. Acesso em: 07 set. 2008.

TERRA, Luiz de Gonzaga Souza. **Avaliação em Serviço Social**. Belém: Cejup, 1989.

VIEIRA, Balbina Ottoni. **Metodologia do Serviço Social: contribuição para sua elaboração**. 2 ed. Rio de Janeiro: Agir, 1979.

WIKIPÉDIA: A enciclopedia livre. **Sistema S**. Disponível em:<[http://pt.wikipedia.org/wiki/Sistema\\_S](http://pt.wikipedia.org/wiki/Sistema_S)>. Acesso em: 04 out. 2008.

WONG, Laura L. Rodríguez; CARVALHO, J. A. O rápido processo de envelhecimento populacional no Brasil. **Revista Brasileira de Estudos da População**, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 5-26, jan./jun. 2006. Disponível em:

<[http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/rev\\_inf/vol23\\_n1\\_2006/vol23\\_n1\\_2006\\_3artigo\\_p5a26.pdf](http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/rev_inf/vol23_n1_2006/vol23_n1_2006_3artigo_p5a26.pdf)>. Acesso em: 29 nov. 2008.

## APÊNDICES

**APÊNDICE A - Questionário**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO SÓCIO ECONÔMICO  
DEPARTAMENTO DE SERVIÇO SOCIAL**

**A INFLUÊNCIA DA OTIMIZAÇÃO DOS GRUPOS DE CONVIVÊNCIA, NA  
QUALIDADE DE VIDA CIDADÃ DE SEUS USUÁRIOS**

**1. Dados de Identificação:**

1.1 Idade: \_\_\_\_\_

1.2 Grau de instrução: \_\_\_\_\_

**2. Quanto tempo participa das atividades do SESC?**

( ) 1 à 5 anos      Ano de entrada \_\_\_\_\_

( ) 6 à 10 anos      Ano de entrada \_\_\_\_\_

( ) mais de 10      Ano de entrada \_\_\_\_\_

**3. Dos motivos listados abaixo quais dizem respeito a sua entrada no grupo:**

( ) Prevenção e combate à Depressão

( ) Sair da solidão

( ) Ampliar o círculo de amizades

( ) Dar novo sentido a vida

( ) Interesse em aprender novas atividades

( ) Outros      Quais? \_\_\_\_\_

**4. Das atividades realizadas nos encontros dos grupos até 2007, quais atendiam suas expectativas:**

Sim      não

( )      ( ) Dinâmicas e vivencias

( )      ( ) Avaliação das atividades

( )      ( ) Trabalhos temáticos ( páscoa, avós de ontem e hoje, Estatuto do Idoso etc.)

( )      ( ) Oficina de artes

( )      ( ) Participação a eventos no mês do idoso

- ( ) ( ) Oficina de culinária
- ( ) ( ) Encontros integrados de encerramento, dias das mães, pais e outros
- ( ) ( ) Discussão de temas atuais
- ( ) ( ) Bingo
- ( ) ( ) Encontros artísticos
- ( ) Outros Quais? \_\_\_\_\_

**5. Qual sua expectativa quando foram apresentadas as alterações que ocorreriam nos trabalhos realizados nos grupos?**

- ( ) Acreditou que as alterações seriam de interesse para os idosos
- ( ) Acreditou que as alterações não seriam de interesse para os idosos

**6. No seu entendimento quais alterações foram mais importantes positivamente para o grupo como um todo:**

- ( ) Extinção do bingo
- ( ) Encontro semanais
- ( ) Integração entre os grupos
- ( ) Maior número de participantes no grupo
- ( ) Maior diversidade de programação

**7. No seu entendimento quais alterações foram mais importantes negativamente para o grupo como um todo:**

- ( ) Extinção do bingo
- ( ) Encontro semanais
- ( ) Integração entre os grupos
- ( ) Maior número de participantes no grupo
- ( ) Maior diversidade de programação

**8. Em sua opinião o que tais alterações lhe proporcionaram? Cite por ordem de prioridade.**

- ( ) Diminuição da timidez 1° \_\_\_\_\_
- ( ) Troca de Experiências 2° \_\_\_\_\_
- ( ) Novos Aprendizados 3° \_\_\_\_\_
- ( ) Motivação 4° \_\_\_\_\_



- ( ) Ativação da memória 5° \_\_\_\_\_
- ( ) Melhoria da Qualidade de Vida 6° \_\_\_\_\_
- ( ) Socialização de experiências 7° \_\_\_\_\_
- ( ) Maior convivência 8° \_\_\_\_\_
- ( ) Ampliação dos vínculos de amizade 9° \_\_\_\_\_
- ( ) Maior consciência dos direitos do idoso na sociedade 10° \_\_\_\_\_
- ( ) Outros Quais: \_\_\_\_\_

1° Por que? \_\_\_\_\_

Última, por que? \_\_\_\_\_

**9. As novas atividades trouxeram benefícios para sua vida:**

- ( ) Sim
- ( ) Não

**10. Se sim, quais:**

- ( ) Aplica o que aprendeu
- ( ) Novos hábitos de vida
- ( ) Melhora da autoestima
- ( ) Melhor comunicação
- ( ) Repasse de informações e conhecimentos assimilados
- ( ) Receptividade para aproveitar atividades cotidianas com prazer e satisfação, ao invés de realizá-las com má vontade
- ( ) Outros Quais? \_\_\_\_\_

**11. Se não, quais:**

- ( ) Não aplica o que aprendeu
- ( ) Não adquiriu novos hábitos de vida
- ( ) Não melhorou a autoestima
- ( ) Não melhorou a comunicação
- ( ) Não repasse as informações e conhecimentos assimilados
- ( ) Não tem receptividade para aproveitar atividades cotidianas com prazer e satisfação
- ( ) Outros Quais? \_\_\_\_\_

**12. Das atividades desenvolvidas quais foram as que mais gostou? Cite por ordem de prioridade.**

- |   |           |
|---|-----------|
| ( ) Dinâmicas de integração                         | 1° _____  |
| ( ) Palestras sobre diferentes temas                | 2° _____  |
| ( ) Aula de biodança                                | 3° _____  |
| ( ) Filme   | 4° _____  |
| ( ) Avaliações de atividades realizadas com o grupo | 5° _____  |
| ( ) Oficinas de nutrição                            | 6° _____  |
| ( ) Oficinas de jogos da memória                    | 7° _____  |
| ( ) Férias  | 8° _____  |
| ( ) Teatro  | 9° _____  |
| ( ) Aulas de canto                                  | 10° _____ |

1° Por que? \_\_\_\_\_

Último, por que? \_\_\_\_\_

**Gostaria de acrescentar algum comentário?**

---

---

---

---

**APÊNDICE B – Termo de consentimento****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Por meio desse documento solicitamos sua participação na Pesquisa “Otimização dos Grupos de Convivência”, que tem como um dos objetivos iniciais “Identificar quais atividades desenvolvidas mais impactam a qualidade de vida cidadã dos usuários dos Grupos de Convivência”, para posteriormente pensarmos outras questões relativas ao tema. Inicialmente será realizada a coleta de dados, através de documentos/registros disponíveis e questionários com informantes-chaves no processo.

Por intermédio do termo são-lhes garantidos os seguintes direitos:

5. Solicitar, a qualquer tempo, maiores esclarecimentos sobre essa pesquisa;
6. Sigilo absoluto sobre os nomes bem como quaisquer outras informações que possam levar a identificação pessoal;
7. Ampla possibilidade de negar-se a responder quaisquer questões ou a fornecer informações que julguem prejudiciais à sua integridade física, moral e social;
8. Desistir, a qualquer tempo, de participar da pesquisa.

“Declaro estar ciente das informações constantes neste “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido” e entender que serei resguardado pelo sigilo absoluto de meus dados pessoais e de minha participação na Pesquisa. Poderei pedir, a qualquer tempo, esclarecimento sobre esta pesquisa, recusar a dar informações que julgue prejudiciais a minha pessoa, solicitar a não inclusão em documentos de quaisquer informações que já tenha fornecido e desistir, a qualquer momento, de participar da Pesquisa. Fico ciente que os dados levantados com esta pesquisa serão utilizados para realização do trabalho de conclusão de curso necessário para obtenção do diploma de assistente social e estará disponível para consulta na Universidade Federal de Santa Catarina e no SESC - Serviço Social do Comércio e de que uma cópia deste Termo permanecerá arquivada pela acadêmica do Curso de Serviço Social da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, responsáveis por esta Pesquisa”.

Florianópolis, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2008.

**Assinatura do participante:**

---

**Pesquisadores:**

Nidia de J. Moraes

---

**Orientadora da Pesquisa:**

Iliane Kohler

---